

Aula 12

*Unioeste (Nível Superior) Língua
Portuguesa - 2023 (Pós-Edital)*

Autor:

**Equipe Português Estratégia
Concursos, Felipe Luccas**

03 de Julho de 2023

Índice

1) Noções Iniciais de Tipologia Textual	3
2) Tipo x Gênero	4
3) Narração	7
4) Descrição	18
5) Injunção	20
6) Dissertação	22
7) Funções da Linguagem	40
8) Questões Comentadas - Narração - Multibancas	51
9) Questões Comentadas - Descrição - Multibancas	55
10) Questões Comentadas - Dissertação - Multibancas	56
11) Questões Comentadas - Funções da Linguagem - Multibancas	62
12) Lista de Questões - Narração - Multibancas	64
13) Lista de Questões - Descrição - Multibancas	67
14) Lista de Questões - Dissertação - Multibancas	68
15) Lista de Questões - Funções da Linguagem - Multibancas	73
16) Noções Iniciais de Interpretação de Textos	75
17) Linguagem Verbal x Linguagem Não verbal	76
18) Linguagem Literária x Linguagem Não literária	77
19) Intertextualidade	78
20) Interpretação e Compreensão	82
21) Julgamento de Assertivas	87
22) Questões Comentadas - Compreensão e Interpretação - Multibancas	90
23) Lista de Questões - Compreensão e Interpretação - Multibancas	136



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Olá, pessoal!

Nesta aula estudaremos um dos tópicos que dão base para compreender melhor a estrutura de textos e suas diversidades: *gêneros textuais*!

A **tipologia** textual se refere fundamentalmente ao tipo de texto e a sua estrutura e apresentação. Diferencia-se um tipo do outro pela presença de traços linguísticos predominantes. Por exemplo, Narrar é contar uma história, Descrever é caracterizar estaticamente, Dissertar é expor ideias, seja para defender uma tese, para demonstrar conhecimento, entre outras finalidades.

Importante esclarecer que não é comum um texto totalmente fiel às características de um tipo textual. Geralmente os textos trazem elementos narrativos, descritivos ou dissertativos simultaneamente e sua classificação será baseada na **predominância ou na prevalência de uma delas, em coerência com a finalidade principal do texto**. Ou seja, uma dissertação pode trazer trechos narrativos e descritivos e ainda assim será classificada como um texto dissertativo, se ficar indicado que o objetivo era expor ideias e defender uma tese.

Normalmente, em concursos públicos, as bancas examinadoras têm cobrado com mais profundidade o tipo dissertação e suas subvariantes argumentativa e expositiva.

Grande abraço e ótimos estudos!

Time de Português



TIPO X GÊNERO

Gênero textual é um conjunto de características comuns de um texto. É um conceito mais específico que o conceito de “tipo” textual, que se define fundamentalmente pela “finalidade”.

Por exemplo, o “tipo” narração tem vários “gêneros”, como romance, fábula, boletim de ocorrência, diário, piada, ata, notícia de jornal, conto, crônica. O “tipo” injuntivo/instrucional tem gêneros como a receita culinária, o manual de instruções, o tutorial.

Vamos esquematizar:

Narração	Injunção	Descrição
• romance • fábula • diário • piada • conto • crônica	• receita culinária • manual de instruções • tutorial	• cardápio • anúncio • panfleto

A **fábula**, por exemplo, é um texto narrativo alegórico, de texto curto e linguagem simples, cujos personagens são animais personificados e refletem as características humanas, como a preguiça, a previdência, a inveja, a falsidade, a coragem, a bondade. O desfecho da fábula transmite uma lição de moral ou uma crítica a comportamentos humanos. Vejamos:



EXEMPLIFICANDO

A Cigarra e a Formiga

Num dia soalheiro de Verão, a Cigarra cantava feliz. Enquanto isso, uma Formiga passou por perto. Vinha afadigada, carregando penosamente um grão de milho que arrastava para o formigueiro. - Por que não ficas aqui a conversar um pouco comigo, em vez de te afadigares tanto? – Perguntou-lhe a Cigarra. - Preciso de arrecadar comida para o Inverno – respondeu-lhe a Formiga. – Aconselho-te a fazeres o mesmo. - Por que me hei-de preocupar com o Inverno? Comida não nos falta... – respondeu a Cigarra, olhando em redor. A Formiga não respondeu, continuou o seu trabalho e foi-se embora. Quando o Inverno chegou, a Cigarra não tinha nada para comer. No entanto, viu que as Formigas tinham muita comida porque a tinham guardado no Verão. Distribuíam-na diariamente entre si e não tinham fome como ela. A Cigarra compreendeu que tinha feito mal...

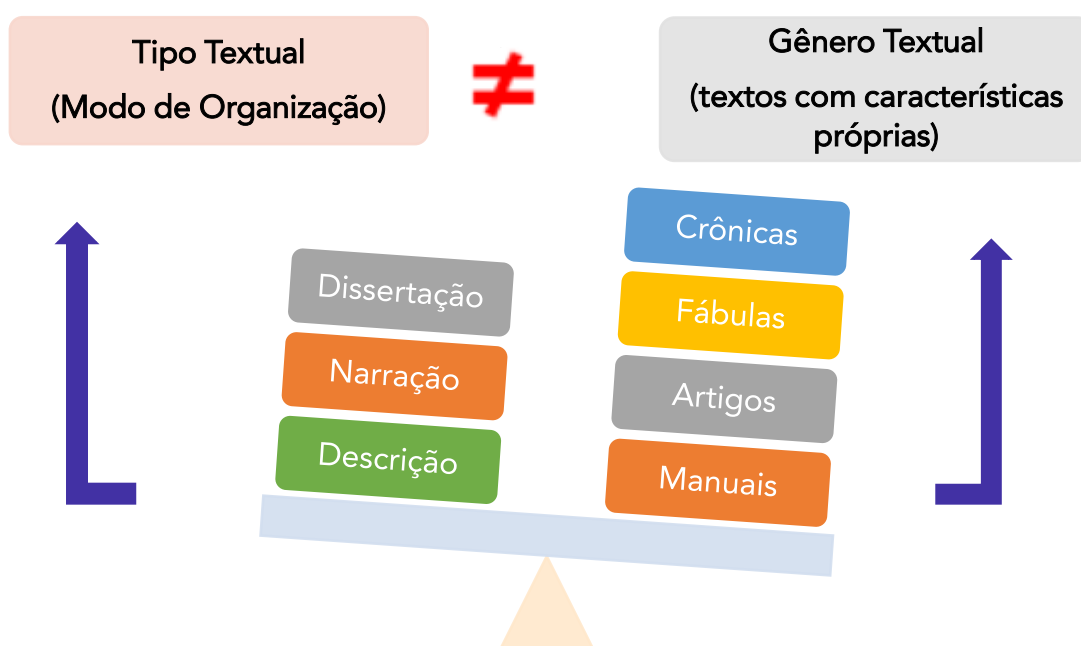


Moral da história: Não penses só em divertir-te. Trabalha e pensa no futuro.

Um gênero narrativo que tem sido bastante cobrado é a **crônica**, que se caracteriza por apresentar reflexões sobre fatos cotidianos, da vida social, do dia a dia, aparentemente banais. Dentro dessa temática, pode ser humorística, crítica, intimista. Geralmente é narrada em primeira pessoa e transmite a visão particular do autor. Sua linguagem é direta e geralmente informal, registrando a fala literal e espontânea dos personagens.

Pode haver presença de lirismo e ironia. Contudo, há crônicas de alguns autores, especialmente clássicos, em que se verifica registro formal e erudito da língua.

Antes de detalhar cada um dos tipos, vamos relembrar a diferença entre Tipo e Gênero:



Em suma, os tipos textuais principais são poucos, mas os gêneros são inúmeros e estão sempre surgindo novos, de modo a abranger as novas "situações comunicativas".



(PREF. CAMBORIU - SC / PROFESSOR / 2021)

Sobre tipologias textuais, assinale a alternativa correta.

- A) Os gêneros textuais são formas de comunicação a serviço das tipologias textuais.
- B) As tipologias textuais podem ser classificadas em primárias e secundárias.



- C) As tipologias textuais são ferramentas essenciais a serviço dos gêneros textuais.
- D) O site, o blog, o chat, o e-mail são exemplos de tipologias textuais recentes advindas da presença marcante de um novo suporte tecnológico na comunicação: a Internet.
- E) Para a produção de um tipo textual, o autor deve valer-se sempre do nível de linguagem cuidada, ou seja, culta.

Comentários:

Questão um pouco mais técnica. Vejamos as alternativas:

- A) ERRADA. É o contrário: a tipologia é que auxilia os gêneros.
- B) ERRADA. Não há essa classificação para tipologia textual.
- C) CERTA.
- D) ERRADA. O site, o blog, o chat, o e-mail são exemplos de **gêneros textuais**.
- E) ERRADA. O nível de linguagem depende do gênero a ser utilizado. Gabarito letra C.

(PREF. CRISTINÁPOLIS - SE / PROFESSOR / 2020)

Todos os itens a seguir são exemplos de gêneros textuais, EXCETO:

- A) Propaganda.
- B) Notícia.
- C) Injunção.
- D) Lista de Compras.

Comentários:

Lembre-se que:

Tipo textual: como o texto é organizado (MODO)

Gênero textual: características dos textos (O QUE).

Assim, ao olhar para as alternativas, temos que "injunção" é um tipo textual (modo de organização do texto). Portanto, Gabarito letra C.



NARRAÇÃO

A narração tem a finalidade de contar uma história, isto é, **retratar acontecimentos**, reais ou imaginários, sucessivos num lapso temporal, de forma linear ou não linear. É dinâmica, pois traz uma mudança de estado, uma sequência de fatos, uma relação de antes e depois.

Os elementos da narrativa são **narrador**, **enredo**, **tempo** (quando), **lugar/espço** (onde), **personagens** (quem) e um encadeamento de **eventos** (o quê) que se desenvolvem ou se complicam até um **clímax** e um posterior **desfecho**.

Por narrar acontecimentos em **sequência no tempo-espço**, o tempo verbal predominante é o pretérito perfeito, embora também possa ocorrer o pretérito imperfeito ou até o presente, quando se pretende aproximar os acontecimentos do tempo da narração.

Não há uma estrutura rígida para a construção de um **enredo**, contudo a narrativa normalmente parte de um “fato narrativo inicial”, um evento que dá a referência inicial a partir do qual o enredo vai se desenvolver. Deve haver uma **relação de causalidade** entre os eventos, uma integração lógica das ações e acontecimentos, pois o relato de vários eventos desconexos não constitui um enredo, que deve ter uma unidade lógica.

O enredo da narrativa geralmente vai partir de um estado inicial de harmonia, que será interrompido por um fato gerador de desarmonia e conflito, que causará a busca por uma solução. Então, essa busca se desenrolará em várias outras ações e outros conflitos, até um clímax e um desfecho da história. Basta pensar em qualquer filme ou romance e perceberemos esse desenvolvimento. A banca não costuma cobrar isso de forma teórica, mas pode perguntar sobre a motivação dos personagens.



Não há uma sequência rígida: as narrações podem ocorrer de forma muito simplificada, resumidas ao relato de algumas poucas ações sequenciais.

A característica mais marcante de uma narração é a **sequência temporal**. A passagem do tempo narrativo geralmente se explicita por meio de **advérbios de tempo**, **orações temporais**, **tempos verbais específicos**. Contudo, pode vir implícita:



João *deixou* uma panela de feijão no fogo e *foi* à padaria comprar pão. *Quando* voltou, *antes* de entrar em casa, parou para brincar com seu cachorro e *então* sentiu um cheiro forte. *Ao entrar* em casa, percebeu que o feijão *queimara*. Desligou o fogo e gritou um palavrão bem alto.



Observe as marcas temporais: os **verbos** estão conjugados no pretérito perfeito, indicando ações perfeitamente concluídas. Os **advérbios de tempo** “antes”, “depois” e as **orações temporais** “quando voltou” e “ao entrar” sinalizam explicitamente a distribuição das ações na linha cronológica. Em “desligou o fogo E gritou”, o “E” aditivo é uma marca implícita da passagem do tempo, pois também indica uma ação seguida da outra.

As narrativas podem seguir cronologias irregulares, tempos psicológicos, em que os eventos são narrados dentro da consciência do narrador e não coincidem com o tempo real. Também podem ser contadas de trás para frente, em “flashback”.

O **ritmo** da narrativa também pode variar, podemos ter uma “narrativa direta”, que se desenvolve rapidamente, com foco em levar o leitor diretamente ao desfecho. Esse é o caso das piadas, anedotas, tirinhas.

Também podemos ter uma “narrativa indireta”, que se desenvolve de forma mais lenta, com muitas interrupções e digressões do narrador, com rodeios, devaneios, pausas para descrições e intercalação de subnarrativas de eventos secundários. Esse é o estilo de narração de grandes obras, como “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis e “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes.

Quanto ao elemento “**personagens**”, é importante lembrar que são seres humanos ou humanizados (entidades personificadas, com atitude humana). Podem ser principais e secundários, de acordo com sua importância na narrativa.

O personagem **protagonista** é um dos principais e conduz a ação. Sua experiência é o foco da narrativa, que geralmente se funda na solução de um conflito ou busca do personagem principal.

O personagem **antagonista** é aquele que se opõe ao objetivo do protagonista. Suas ações geram obstáculos que ajudam a desenvolver a narrativa em outras ações e outras subtramas. Pessoal, isso é bem simples, basta pensar nos “heróis” e “vilões” dos filmes e quadrinhos.

Os principais gêneros textuais narrativos são charges, piadas, contos, novelas, crônicas e romances.

Tipos de narrador

O narrador pode apresentar diversos graus de interferência na história.

Pode ser um **narrador personagem**, que conta a história em primeira pessoa e **faz parte dela**. Sua fala também pode vir registrada como a de um personagem comum, reproduzida literalmente ou indiretamente, com a pontuação pertinente. A narrativa em primeira pessoa é impregnada pela opinião e pelas impressões do narrador. Veja o exemplo:

"Não tínhamos dinheiro para passagem de ônibus a próxima cidade, de modo que meu amigo sugeriu irmos de trem de carga, a condução dos espertos. Quando anoiteceu, corremos a nos esconder num vagão vazio. Ofegantes, fechamos a pesada porta e nos estendemos sobre o chão. Estávamos cansados e famintos."

Pode ser um **narrador observador**, que narra a história em terceira pessoa, como se a assistisse de fora, traz o relato de uma **testemunha**.



"...Ele andava calmamente, a rua estava escura dificultando sua caminhada, mas ele parecia não se importar, andava lentamente como se a escuridão não o assustasse..."

Por fim, pode ser um **narrador onisciente**, que não só narra a história, mas também tem **pleno conhecimento do pensamento** e das **emoções dos personagens**, bem como sobre **o passado e o futuro dos acontecimentos**. Não há segredos para ele, pode desvelar a tendência e a personalidade dos personagens, mesmo que esses mesmos não saibam. Ele conhece a verdade da narrativa.

"Ele sofria como um tolo desde a despedida dela. Dizia para si mesmo um milhão de vezes que ela um dia voltaria. Mas no fundo, o idiota se obrigava a acreditar nesta imbecil fantasia. Afinal, era a única coisa que o impedia de estourar os próprios miolos".

Tipos de discurso do narrador

O narrador dispõe de 3 tipos de discurso para estruturar sua narrativa e mostrar ao leitor as falas, as emoções e os pensamentos dos personagens. São eles: o discurso direto, o indireto e o indireto livre.

Discurso direto

É narrado em **primeira pessoa**, retratando as exatas palavras dos personagens.

Caracteriza-se pelo uso de verbos *dicendi* ou declarativos, como **dizer, falar, afirmar, ponderar, retrucar, redarguir, replicar, perguntar, responder, pensar, refletir, indagar** e outros que exerçam essa função. A pontuação se caracteriza pela presença de **dois pontos, travessões ou aspas** para isolar as falas, que são claramente alternadas, bem como de sinais gráficos, como **interjeições, interrogações e exclamações**, para indicar o sentimento que as permeia.



EXEMPLIFICANDO

"- Por que veio tão tarde? **perguntou**-lhe Sofia, logo que apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

- Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

- Sempre é tarde para os amigos, **replicou** Sofia, em ar de censura."

(Machado de Assis, Quincas Borba, cap. XXXIV)



Discurso indireto

É narrado em *terceira pessoa* e o narrador incorpora a fala dos personagens a sua própria fala, também utilizando os verbos de elocução (*dicendi ou* declarativos) como *dizer, falar, afirmar, ponderar, retrucar, redarguir, replicar, perguntar, responder, pensar, refletir, indagar*.

Trata-se de uma *paráfrase, uma reescritura das falas*, agindo o narrador como intérprete e informante do que foi dito. Geralmente traz uma oração subordinada substantiva, com a conjunção "que".



EXEMPLIFICANDO

"A certo ponto da conversação, Glória me *disse que* desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo."

"Capitu *segredou-me que* a escrava desconfiara, e ia talvez contar às outras"

Discurso indireto livre

É um discurso *híbrido*, haja vista que concilia características dos dois anteriores.

Há absoluta *liberdade formal e sintática por parte do narrador, que mistura reproduções literais das falas com paráfrases*, que alterna pensamentos e registro de falas e ações, aproximando a fala do narrador e do personagem, como se ambos falassem em uníssono.



EXEMPLIFICANDO

"Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos é o que era."

"Aperto o copo na mão. Quando Lorena sacode a bola de vidro a neve sobe tão leve. Rodopia flutuante e depois vai caindo no telhado, na cerca e na menininha de capuz vermelho. Então ela sacode de novo. 'Assim tenho neve o ano inteiro'. Mas por que neve o ano inteiro? Onde é que tem neve aqui? Acha lindo a neve. Uma enjoada. Trinco a pedra de gelo nos dentes."



TOME
NOTA!

Por ser o discurso mais difícil de ser percebido, vamos sintetizar suas principais características:



- ✓ As falas das personagens (feitas na 1ª pessoa) surgem espontaneamente dentro do discurso do narrado (na 3ª pessoa);
- ✓ Não há marcas que indiquem a separação das falas do narrador e da personagem;
- ✓ Não é introduzido por verbos de elocução, nem por sinais de pontuação ou conjunções;
- ✓ Por vezes, é difícil delimitar o início e o fim da voz da personagem, já que está inserida dentro da voz do narrador;
- ✓ O discurso do narrador transmite o sentido do discurso da personagem;
- ✓ O narrador é onisciente de todas as falas, sentimentos, reações e pensamentos da personagem.

Passagem do discurso direto para o indireto

Essa conversão é cobrada em prova e deve observar algumas mudanças.

Todas essas mudanças são lógicas e decorrentes da própria passagem de uma fala literal para uma fala recontada. Então, vamos sistematizar essas regras gerais.



Discursos

Discurso direto: 1ª pessoa

Discurso indireto: 3ª pessoa

Alteração na pontuação:

Frases interrogativas, exclamativas e imperativas (" " ! ? -)

Frases declarativas

Conversão dos pronomes:

Eu, me, mim, comigo
nós, nos, conosco
meu, meus, minha, minhas, nosso, nossa, nossas

ele, ela, se, si, consigo, o, a, lhe
eles, elas, os, as, lhes
seu, seus, sua e suas

Advérbios e adjuntos adverbiais:

Hoje e agora
Amanhã
Aqui, aí, cá
Este, Isto

Naquele dia e naquele momento
No dia seguinte
Ali, Lá
Aquele, Aquilo

Conversão dos tempos verbais:

Presente do indicativo

Pretérito imperfeito do indicativo

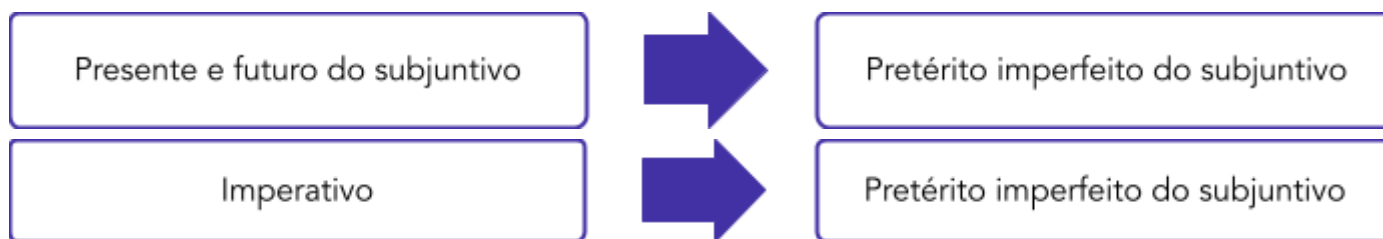
Pretérito perfeito do indicativo

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Futuro do presente do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo





EXEMPLIFICANDO

— Fugam agora— ordenou o General.

O general ordenou que fugissem imediatamente (naquele momento).

+3

Pedro: Eu confesso— Quero viver sem pensar tanto em mim mesmo—.

Pedro confessou que queria viver sem pensar tanto em si mesmo.

“Começo a estudar amanhã aqui mesmo nesta biblioteca” — Prometeu Maria.

Maria prometeu que começaria a estudar no dia seguinte, ali mesmo naquela biblioteca.

Quem me chamou ontem? — perguntou Maria.

Maria perguntou quem a chamara no dia anterior.

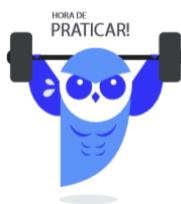
Observe que a conversão do discurso direto para o indireto está sinalizada principalmente pelo verbo “declarativo” (verbo *dicendi*), ou seja, aquele que introduz a fala (disse, declarou, afirmou, respondeu, retrucou etc), seguido da oração com conjunção integrante “que”, “quem”.

Então, muitas vezes somente o verbo declarativo é passado para o discurso indireto e os verbos do restante da fala são mantidos nos tempos originais.

— “Pedro não desistirá” — disse João. (Discurso Direto)

João disse que Pedro não desistiria.

João disse que Pedro não desistirá.



(CREF - 20ª Região / 2019)



“A prática demonstra isso: um quadro de emoções negativas conduz à depressão e a outros males”, diz ele.

De acordo com o texto, julgue o item a seguir.

O emprego do sinal de dois pontos à linha 21 justifica-se por introduzir discurso direto.

Comentários:

De fato, dois pontos podem ser utilizados para iniciar uma fala / discurso direto, mas não é o caso da questão. No trecho, a pontuação é utilizada para iniciar uma enumeração. Questão incorreta.

(PREF. NOVO HORIZONTE-SP / 2019 - Adaptada)

“Oi, você poderia me dar indicações de brinquedos para meninas?”, diz uma mãe, num diálogo hipotético com a atendente de uma grande loja de brinquedos. Do outro lado do balcão, a atendente não hesita em apontar: “a Baby tem saído bastante”. A mãe: “e para meninos?”; outra resposta rápida: “temos Lego, dinossauros e super-heróis”.

Acerca da seguinte afirmação sobre reescritas de trechos do texto, com mudança de discurso direto para indireto, julgue.

Todo o período das linhas 01 e 02 do texto pode ser transcrito corretamente da seguinte forma: *Uma mãe pergunta a uma atendente de uma grande loja de brinquedos se ela poderia dar-lhe indicações de brinquedos para meninas.*

Comentários:

Note que o verbo "poderia", presente na estrutura original, está no Futuro do Pretérito do Indicativo e, por isso, não sofre alteração. A mesma coisa acontece com "diz", no Presente do Indicativo: por mais que tenha sido trocado por "pergunta", o tempo verbal é mantido. Questão correta.

Opinião do autor/narrador

Percebemos que o **discurso direto** é mais objetivo, pois narra falas literais, exatamente como proferidas, de modo que o leitor pode julgar por si mesmo a atitude dos personagens. Então, o discurso direto ajuda a construir “veracidade” e “credibilidade” no que foi dito.

Já no **discurso indireto e indireto livre**, o narrador divide com o leitor seu próprio ponto de vista, sua própria leitura dos fatos. Inclusive, ao recontar as falas dos outros, já pode estar inserindo seu viés na própria escolha das palavras.

Nesse contexto, a opinião do narrador (ou do locutor de um texto argumentativo) pode ser verificada em algumas pistas, palavras que indicam em algum nível as verdadeiras impressões sobre o que se fala. Essas expressões que indicam ponto de vista são chamadas de “modalizadores”:

Ex: Pedro **infelizmente** não tinha chegado **ainda**, **devia** estar no **maldito** trânsito e **fatalmente** perderia o início do evento que **lutara** para organizar.

No exemplo acima, os advérbios “infelizmente” e “fatalmente” indicam que o locutor considera negativos o acontecimento de perder o início do evento. Então, tais expressões revelam um viés “afetivo” e “subjetivo”.



O advérbio “ainda” indica que há na fala expectativa ou convicção de que ele já deveria ter chegado. Se o advérbio utilizado fosse “já” (ele já chegou), o sentido seria outro e revelaria a visão de que ele chegou mais rápido que o esperado.

O verbo “devia” foi usado como um modalizador, para indicar “possibilidade/probabilidade”, de modo que sabemos que não há certeza absoluta naquela declaração. Se fosse usado outro verbo, como “poderia”, ou um uma forma verbal mais categórica, como “estava”, os sentidos seriam outros e a visão do fato pareceria outra.

O adjetivo “maldito” expressa verdadeiro rancor contra o “trânsito”.

O verbo “lutar” também indica que o autor considera o ato de “organizar” o evento uma tarefa difícil, que exigia esforço e encontrava oposição, enfim, uma luta.

Esses são apenas alguns indícios de opinião do narrador/autor, examinados num pequeno período. No texto, qualquer estrutura ou classe de palavras (verbos, adjetivos, advérbios, palavras denotativas, interjeições) pode ser vestígio de uma opinião subjacente.

O que foi dito acima **não** é exclusivo para “narradores”: vale para a opinião do autor em dissertações, argumentações, propagandas, artigos, matérias jornalísticas e qualquer gênero textual.

Cuidado, não é qualquer adjetivo ou advérbio que necessariamente indica um juízo de valor! Muitas vezes eles têm caráter mais objetivo, embasado em uma situação concreta. É preciso analisar o contexto e as opções da questão.

Para exemplificar a teoria, vamos às questões?



(PREF. CAPANEMA - PA / 2020 - Adaptada)

Pela emancipação masculina

Uma pequena aglomeração na orla da Barra da Tijuca. Homens, em sua esmagadora maioria. O carro de som parado, o zunido do microfone enquanto passam o som, a faixa ligeiramente torta. É a primeira passeata masculinista do Brasil.

João Marcelo é aquele cara ali, vestindo regata. Ele organizou o evento pelo WhatsApp. Tudo começou por causa de um controle remoto. Sempre que Miriam, sua esposa, botava o pé para fora de casa, o controle da TV desaparecia. E só quando ela voltava, o mistério era solucionado: estava na cara dele o tempo todo.

Foi nesse meio-tempo, assistindo ao Rodrigo Hilbert a contragosto, que João Marcelo se deu conta da violência diária e silenciosa que ele sofria: a dependência do sexo feminino.

Agora, João Marcelo quer que todos os homens sejam livres. E ele não está sozinho. Paulão é segurança particular e já perdeu dois empregos por causa de seu terno “abarroto” (sic). Depois que a Sandra foi embora, ele parece um cosplay de Agostinho Carrara. Vocifera ao megafone em defesa de meninos inocentes que dependem dos caprichos de uma mãe, às vezes até de um pai – “porque homem oprime homem também!” – para se alimentar e fazer a própria higiene pessoal. É um projeto de dominação diabólico que visa domesticar os homens para



sempre, desde pequenos.

Uma ciclista curiosa interpela os manifestantes. Lidiane quer saber que injustiças são essas que esses homens alegam estar sofrendo. O tom da moça causa revolta. O feminismo é a pauta da vez, ninguém fala das mazelas do homem, só se ele for gay. Ela claramente não conhece a angústia de sair de casa para comprar rúcula e voltar com um ramo de espinafre. Ou de abrir uma gaveta cheia de meias soltas e não conseguir formar um par. Paulão tira a camisa envergonhado, exibindo os cravos que se alastram em suas costas.

Indiferente àquele tumulto em prol do empoderamento masculino, Lidiane pedala para longe, sob algumas vaias.

Os cartazes começam a despontar na pequena multidão, estampando frases de efeito como: "minha próstata, minhas regras", "a cada 11 minutos, um homem é obrigado a trocar um pneu no Brasil" e "paternidade é uma escolha, não uma obrigação". A passeata segue pacificamente até ser interrompida por um apelo emocionado do organizador ao microfone: "Alguém viu minha carteira?"

(Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/manuelacantuaria/2019/09/pela-emancipacao-masculina.shtml>. Acesso em: 10/09/2019. Manuela Cantuária.)

Considere as afirmativas a seguir.

- I. A finalidade do texto é narrar uma sequência de ações inusitadas para entreter o leitor.
- II. O foco narrativo do texto está na primeira pessoa do discurso e o narrador é o personagem principal da história.
- III. O texto é exemplo do gênero crônica narrativa, que se caracteriza pela flexibilidade de circular tanto no domínio discursivo jornalístico como também no literário.
- IV. O narrador do texto apresenta ao leitor suas impressões e inferências acerca de um acontecimento real, que serviu apenas de pretexto para expor suas reflexões.

Está correto o que se afirma apenas em

- A) I e II. B) I e III. C) II e III. D) II e IV. E) III e IV.

Comentários:

Vejamos os itens:

- I. CERTO. O texto narrativo tem esse objetivo.
- II. ERRADO. O narrador nesse texto é observador, por isso a narração é em 3ª pessoa.
- III. CERTO. Há trechos de narrativa, mas também há aqueles que se aproximam de uma matéria jornalística, por exemplo: "*Uma pequena aglomeração na orla da Barra da Tijuca. Homens, em sua esmagadora maioria. (...) É a primeira passeata masculinista do Brasil.*"
- IV. ERRADO. O narrado apenas conta os fatos. Argumentação é característica de outro tipo textual - o argumentativo.

Gabarito: Letra B.

(CREFONO - 9ª Região / 2019)

Vizinho,

Quem fala aqui é o homem do 1.003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava do barulho em meu apartamento. Recebi, depois, a sua própria visita pessoal — devia ser meia-noite — e a sua veemente reclamação



verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a lei e a polícia.

Quem trabalha o dia inteiro tem direito a repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1.003, ou melhor, é impossível ao 903 dormir quando o 1.003 se agita, pois, como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1.003, me limito a Leste pelo 1.005, a Oeste pelo 1.001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1.004, ao alto pelo 1.103 e embaixo pelo 903 — que é o senhor.

Todos esses números são comportados e silenciosos: apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da Lua.

Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão: ao meu número) será convidado a se retirar às 21h45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7, pois às 8h15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada: e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus Algarismos. Peço-lhe desculpas – e prometo silêncio.

Rubem Braga. O verão e as mulheres. 10.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 21-23 (com adaptações)

Em relação às ideias do texto, julgue o item.

O texto consiste em uma crônica a respeito de um pequeno acontecimento diário comum nas grandes cidades.

Comentários:

É isso mesmo! A crônica narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, com intenção crítica ou não. Questão correta.



DESCRIÇÃO

Descrever é **caracterizar, relatar** em detalhes características de pessoas, objetos, imagens, cenas, situações, emoções, sentimentos. A descrição é uma **pormenorização estática, uma pausa no tempo**, geralmente uma interrupção da narração, para apresentação de traços dos seres. Para isso, se utiliza de muitos **adjetivos, verbos de ligação que indicam estado e orações e locuções adjetivas para caracterização**.

O **tempo** mais usual é o **pretérito imperfeito**, por indicar uma ação continuada ou rotineira: era, fazia, estava, parecia...

Importante lembrar que os **adjetivos** podem ter **valor objetivo ou relacional**, quando são isentos de opinião e simplesmente **expressam um fato**: carro preto, homem japonês, doença degenerativa. Esses adjetivos geralmente não aceitam gradação (homem mais japonês) e vão indicar uma descrição objetiva.

Já os **adjetivos qualificativos ou subjetivos** expressam **opinião**, não são fatos, essas qualidades podem ser graduadas e questionadas: homem bonito, carro extravagante, aluno teimoso, lugar longe, muito longe... Esses adjetivos, por sua vez, caracterizam uma descrição subjetiva, impregnada pela opinião de quem descreve.

A descrição quase sempre está presente em outros tipos textuais, assim como dificilmente é encontrada na sua forma pura, de modo que também é comumente permeada por trechos narrativos ou dissertativos. Nas provas de concurso, ***o mais comum é a descrição aparecer dentro de uma narração.***

Difere-se fundamentalmente da narração por trazer acontecimentos **simultâneos**, que ocorrem ao mesmo tempo, **sem progressão temporal** e sem relação de anterioridade e posterioridade. As **ações** podem descrever uma rotina, ações habituais, sem foco narrativo.

A descrição está para uma foto, assim como a narração está para um filme.

Além disso, a descrição é o tipo textual que predomina em gêneros como manuais, propagandas, biografias, relatórios, definições e verbetes, tutoriais.

É rara a cobrança de uma descrição pura. Vamos ver um exemplo, retirado da prova do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas:



EXEMPLIFICANDO

"Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia."



O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

- a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.
- b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.
- c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.
- d) citação de informações sobre determinado objeto.
- e) conjunto de pensamentos inacabados.

A resposta é a letra C. Observe a **descrição estática** da paisagem da ilha, a abundância de adjetivos, a construção de uma **imagem**. Não há ações em sequência cronológica, nem reflexões sobre problemas, nem pensamentos inacabados. Trata-se de uma descrição pura.

Vejamos agora essas características nos textos que vêm sendo cobrados:



(PGE-PE / 2019)

Passávamos férias na fazenda da Jureia, que ficava na região de lindas propriedades cafeeiras. Íamos de automóvel até Barra do Piraí, onde pegávamos um carro de boi. Lembro-me do aboio do condutor, a pé, ao lado dos animais, com uma vara: "Xô, Marinheiro! Vâmu, Teimoso!". Tenho ótimas recordações de lá e uma foto da qual gosto muito, da minha infância, às gargalhadas, vestindo um macacão que minha própria mãe costurava, com bastante capricho. Ela fazia um para cada dia da semana, assim, eu podia me esbaldar e me sujar à vontade, porque sempre teria um macacão limpo para usar no dia seguinte.

Jô Soares. O livro de Jô: uma autobiografia
desautorizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O texto é essencialmente descritivo, pois detalha lembranças acerca das viagens de férias que a personagem e sua família faziam com frequência durante a sua infância.

Comentários:

Essencialmente, predominantemente, principalmente o texto é narrativo, pois há clara sucessão de fatos e objetivo último de contar uma história, narrar uma sequência de ações ao longo do tempo.

Questão incorreta.



INJUNÇÃO

O texto injuntivo traz *instruções ao leitor* para realizar certa tarefa. Ensina, orienta, interpela ou obriga o leitor a fazer alguma coisa.

Sua principal característica é apresentar *verbos no imperativo*, em comandos neutros, genéricos e impessoais, para prescrever alguma ação do leitor. O uso do infinitivo impessoal também é usado como estratégia de neutralidade, pois omite o agente:

Ex: Passo 1, remover a embalagem. Passo 2, inserir CD de instalação.

Ex: 149 - Compete à autoridade judiciária *disciplinar*, através de portaria, ou *autorizar*, mediante alvará...

Observamos esse tipo textual em gêneros como leis, regulamentos, contratos, manuais de instrução, receitas de bolo, tutoriais.



(PREF. CORDILHEIRA ALTA - SC / 2019 - adaptada)

3 truques para tirar as manchas mais difíceis

Agora você pode comer aquela macarronada sem se preocupar. Testamos todas as fórmulas milagrosas para garantir que suas roupas fiquem sempre limpas.

1. Molho de tomate

1 colher de sopa de sabão em pó; 1/2 copo de água; 1 colher de sopa de lustra-móveis; 2 colheres de sopa de água sanitária.

Modo de fazer

Dilua o sabão em pó na água e misture-o aos outros ingredientes. Aplique a solução sobre a mancha e deixa-a repousar de 5 a 10 minutos. Use uma escova de dentes para esfregar. Enxágue. Se não sair, repita o processo.

2. Óleo ou gordura

1 colher de sopa de lustra-móveis; 1/2 colher de sopa de detergente.

Modo de fazer

Aplique a solução e deixe repousar de 5 a 10 minutos. Use uma escova de dentes para esfregar e enxágue. Se não sair, repita o processo.

3. Vinho

1 colher de sopa de sabão em pó; 1/2 copo de água; 5 colheres de sopa de produto para limpeza pesada (usado para limpar azulejo e fogão); 5 colheres de sopa de água sanitária.

Modo de fazer

Aplique a solução e deixe repousar de 5 a 10 minutos. A mancha ficará marrom: não se preocupe,



é normal. Use uma escova de dentes para esfregar e enxágue.

O texto apresenta:

- A) Uma história. B) Uma notícia. C) Instruções.
D) Uma poesia. E) Uma propaganda.

Comentários:

O texto claramente é injuntivo / instrucional: é um passo a passo de como tirar manchas difíceis.
Gabarito: Letra C.



DISSERTAÇÃO

Agora veremos o assunto **mais importante** desta aula e talvez deste curso. Digo isso porque a dissertação é o tipo textual mais cobrado, tanto em tipologia quando nas questões de português que trazem textos. Conhecer a estruturação desse tipo vai ser vital na interpretação em geral, pois aprenderemos as estratégias argumentativas que são objeto de questões de compreensão e das provas discursivas, além de ficarmos familiares com a estruturação correta de um parágrafo e de um texto.

O texto dissertativo basicamente **expõe ideias, razões, teorias, raciocínios, abstrações**, por meio de **relações lógicas sequenciadas no texto**, dentro de uma estrutura específica (introdução, desenvolvimento e conclusão), sem necessária progressão temporal. Por ser neutra, atemporal e clara, marca-se pelo uso dos **verbos no presente**, porque indicam verdades universais: "a água ferve a 100 graus"; "a terra gira em torno do sol".

A dissertação pode ser objetiva, também chamada de **expositiva**; ou subjetiva, também chamada de **argumentativa** ou **opinativa**. Veremos também que há subtipos para um texto argumentativo e para um texto expositivo.

Na maioria das provas, a banca espera que o candidato saiba identificar textos dissertativos com diferentes finalidades.

Texto dissertativo expositivo (puro)

A finalidade essencial de um texto expositivo é trazer conceitos, discutir um assunto de maneira impessoal e objetiva, ou seja, **sem defesa clara de uma opinião**. Não há defesa de tese, apenas exposição clara e atemporal de ideias.

Diz-se que o autor é impessoal e o leitor é universal. O autor explana o que sabe de forma neutra e permite que o leitor forme sua própria opinião. Pode ocorrer que a opinião do autor transpareça pelo sentido dos modalizadores (marcas linguísticas de opinião), mas **não é seu objetivo primário** criar debate e convencer o leitor.

As questões discursivas de provas de Auditor-Fiscal ou Analista de Tribunais são exemplos desse tipo de dissertação, em que o candidato-autor apenas expõe o conteúdo pedido no enunciado, sem opinar. Por isso, algumas bancas chamam esse tipo de "explicativo".



EXEMPLIFICANDO

"Com a pandemia, o planejamento de diversos certames previstos para 2020 acabou sendo prejudicado. Por outro lado, já está sendo observada uma abertura gradual da economia em alguns Estados, fato que deve se replicar no resto do Brasil."



Texto dissertativo expositivo-informativo

É um subtipo do expositivo. Esse texto visa **acrescentar informação nova** ao leitor, ao contrário do expositivo puro, que não pressupõe que a informação discutida seja nova para quem lê.

É comum ocorrerem no texto informativo trechos descritivos, como dados, estatísticas; ou narrativos, como relatos de acontecimentos, mas é a finalidade do texto que deve ser o critério de identificação do tipo textual. Não é por trazer relato de um crime que um texto com clara finalidade de trazer informação nova ao leitor (sobre uma ação da polícia, por exemplo) deve ser classificado como uma narrativa.

Atentem para isso, pois quase todo texto dissertativo traz elementos de outra tipologia.



EXEMPLIFICANDO

"Foi encaminhado, em agosto de 2020, ao Congresso Nacional, o Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA). A proposta trouxe a previsão de receitas e despesas da União para 2021, incluindo a criação de vagas.

O anexo V do documento prevê o provimento de 50.946 cargos no Poder Executivo Federal, os quais estão distribuídos da seguinte maneira (...)"

Texto dissertativo argumentativo

O texto argumentativo, além de discutir e informar, **defende uma tese**, uma opinião pessoal, tendo como finalidade principal o **convencimento** do leitor.

Para persuadi-lo, o autor se utiliza de modalizadores e de operadores argumentativos, construindo fundamentação para seus argumentos por via de relações lógicas organizadas numa estrutura argumentativa progressiva.

A **linguagem** utilizada é **clara, impessoal** (embora parcial), culta. A **primeira pessoa** é utilizada para realçar a inclusão do autor no universo de ideias discutidas e seu alinhamento aos argumentos utilizados, bem como para envolver o leitor. Também é comum o uso da **terceira pessoa**, com verbos no presente do indicativo, como estratégia para sugerir que as informações são fatos. Os verbos são semanticamente carregados e sugerem ou corroboram a opinião que está sendo defendida. Esses **argumentos** são apresentados de **forma estruturada**, com progressão.

INDO MAIS
FUNDO!



Algumas provas também cobram o conceito de texto *dissertativo argumentativo polêmico*, que seria semelhante à modalidade argumentativa, mas com a diferença de trazer *pelo menos dois pontos de vista e contrabalanceá-los*.

A estrutura argumentativa

Como dito, a dissertação argumentativa traz uma **progressão lógica de argumentos**. Em nível estrutural, essa progressão toma a forma de introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na **introdução**, o autor **apresenta o tema**, a ideia principal, sua tese.

No **desenvolvimento**, o autor traz **argumentos** de apoio ao convencimento.

Na **conclusão**, o autor retoma a ideia central, apresentada na introdução, e **consolida seu raciocínio**. Nesse parágrafo, geralmente ele oferece soluções para os problemas discutidos, faz constatações e reitera sua opinião de forma mais incisiva.

Existe grande liberdade na forma com que os autores constroem suas argumentações. Alguns autores concluem logo no início, depois justificam sua posição, outros trazem sua tese somente no final. Aprenderemos aqui as principais e mais consagradas técnicas de estruturação e de argumentação, para que o aluno seja capaz de reproduzi-las em uma redação de sua própria autoria, bem como reconhecê-las nos textos da prova.

Vejamos em detalhes cada uma dessas partes.

Introdução

A introdução deve conter a **tese**, ou seja, uma afirmação que deverá ser sustentada no decorrer dos parágrafos. Se o autor pudesse sintetizar todo seu texto numa sentença, essa seria sua tese.

A **opinião** do autor aqui aparece de modo brando e será reiterada de modo forte na conclusão.

Também é na introdução que o autor tenta **seduzir o leitor, captar seu interesse**, atraindo-o para continuar lendo.

Muito teórico?! Então vamos à prática!

Fórmulas de Introdução

Os textos dissertativos se estruturam de modo lógico para convencer o leitor. A introdução já é um momento de sugerir a estrutura que uma dissertação argumentativa deve tomar, sua divisão, sua progressão... etc. Vejamos fórmulas comuns de se construir um parágrafo introdutório.

Divisão: é a **enumeração explícita** dos aspectos que serão tratados. É fácil e deixa o texto mais



organizado. Além disso, facilita o uso de elementos de coesão: "em relação ao primeiro item", "já quanto ao segundo"...

Ex: *O problema das chuvas tem recebido bastante destaque na mídia, em grandes debates sobre quem seria o responsável. Há **dois fatores principais** nesse contexto: a omissão do governo e a ação dos cidadãos.*

Ao continuar o texto, o 1º Parágrafo do desenvolvimento será: *A omissão do governo pode ser observada em casos como...*

E o 2º Parágrafo do desenvolvimento: *Já a ação dos cidadãos também influencia nesse resultado porque...*

Ex: *No Brasil, a tradição política no tocante à representação gira em torno de **três ideias fundamentais**. A primeira é a do mandato livre e independente, isto é, os representantes, ao serem eleitos, não têm nenhuma obrigação, necessariamente, para com as reivindicações e os interesses de seus eleitores. O representante deve exercer seu papel com base no exercício autônomo de sua atividade, na medida em que é ele quem tem a capacidade de discernimento para deliberar sobre os verdadeiros interesses dos seus constituintes. A segunda ideia é a de que os representantes devem exprimir interesses gerais, e não interesses locais ou regionais. Os interesses nacionais seriam os únicos e legítimos a serem representados. A terceira ideia refere-se ao princípio de que o sistema democrático representativo deve basear-se no governo da maioria. Praticamente todas as leis eleitorais que vigoraram no Brasil buscaram a formação de maiorias compactas que pudessem governar.*

Definição: é a apresentação de um **conceito**.

Ex: *Denomina-se **política ambiental** o conjunto de decisões e ações estratégicas que visam promover a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais. A política ambiental, portanto, tem relação direta com todas as demais políticas que promovam o uso dos recursos. Por isso, embora a responsabilidade pelo seu estabelecimento seja dos órgãos ambientais, todas as demais áreas de governo têm um papel a cumprir na execução das políticas ambientais.*

Citação: é a **reprodução literal ou indireta da fala** de alguém cuja opinião seja relevante no contexto daquela dissertação. Essa técnica também pode ser usada para introduzir logo na introdução um argumento de autoridade.

Ex: *Como afirma Foucault, a verdade jurídica é uma relação construída a partir de um paradigma de poder social que manipula o instrumental legal, de um poder-saber que estrutura discursos de dominação. Assim, não basta proteger o cidadão do poder com o simples contraditório processual e a ampla defesa, abstratamente assegurados na*



Constituição. Deve haver um tratamento crítico e uma posição política sobre o discurso jurídico, com a possibilidade de revelar possíveis contradições e complexidades das tábuas de valor que orientam o direito.

Ex: *“A violência é tão fascinante, e nossas vidas são tão normais”. O célebre verso de Renato Russo traz à tona uma discussão atual sobre a segurança pública nas grandes capitais...*

Ex: *“Disse Alexandre Dumas que Shakespeare, depois de Deus, foi o poeta que mais criou. Aos 37 anos, já escrevera 21 peças e inventara uma forma de soneto.”*

Indagação: é o uso de uma pergunta para captar a curiosidade do leitor ou para sinalizar o tema. Essa pergunta pode ser respondida na conclusão ou no desenvolvimento, com os argumentos. Pode também ser só uma tônica para o assunto.

Ex: *O problema das chuvas tem merecido bastante destaque na mídia, em grandes debates sobre quem seria o responsável. A maioria culpa o Governo, por sua omissão. Porém, seriam alguns hábitos do cidadão comum responsáveis por grande parte desses eventos?*

Aqui o autor poderia responder a essa pergunta ou se posicionar de forma diferente, atribuindo a um terceiro a culpa. A estratégia é seduzir o leitor e fazê-lo se perguntar quem seria o responsável e procurar a resposta no texto.

Frases nominais: é o uso de uma frase seguida de uma explicação. A frase será o elemento de curiosidade, a frase seguinte será uma explicação.

Ex: *Calamidade pública. Assim se referiu o secretário estadual de saúde ao atual estado dos hospitais do Rio de Janeiro...*

Ex: *Ditador, louco e genocida. Após baixar a fumaça das explosões, essas palavras podem ser lidas em muralhas rachadas da maior capital do mundo árabe...*

Alusão histórica/literária: é uma técnica de intertextualidade, comunicando a dissertação a outra obra. A alusão serve para ressaltar semelhanças ou diferenças entre fenômenos atuais e passados, servindo como argumento para corroborar uma mudança ou uma estagnação.

Ex: *A Semana de Arte Moderna ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Essa nova forma de expressão não foi compreendida pela elite paulista, que era influenciada pelas formas estéticas europeias mais conservadoras. O idealizador deste evento artístico e cultural foi o pintor Di Cavalcanti.*

Ex: *Na tarde do Yom Kipur de 1973, sábado, 6 de outubro, Egito e Síria atacam Israel. Surpreendido e tendo de lutar em duas frentes, num primeiro momento o país enfrenta dificuldades, mas menos de três semanas depois, em uma das mais impressionantes reviravoltas da história militar, seus exércitos estavam a caminho do Cairo e Damasco. Todo*



esse tempo depois, ainda há resquícios desse conflito no dia a dia do povo palestino...

Ex: *Machado de Assis, em seu conto a Igreja do Diabo, ironiza as religiões e a eterna tentação de violar prescrições e fazer o que é proibido. Tal tentação ainda pode ser observada, em casos como...*

Ex: *Na mitologia grega, Prometeu é o titã que rouba o fogo dos deuses e é por eles condenado a um suplício eterno. Preso a uma rocha, uma águia devora-lhe constantemente o fígado. Trata-se de uma lenda altamente simbólica e aplicável à época atual.*

Narração: é trazer uma sequência de ações, ou um relato, que vai servir de insinuação do tema.

Ex: *No início do mês, um assaltante matou um jovem em São Paulo com um tiro na cabeça, mesmo depois de a vítima ter lhe passado o celular. Identificado por câmeras do sistema de segurança do prédio do rapaz, o criminoso foi localizado pela polícia, mas – apesar de todos os registros que não deixam dúvidas sobre a autoria do assassinato – não ficará um dia preso. Menor de idade, foi “apreendido” e levado a um centro de recolhimento. O máximo de punição a que está sujeito é submeter-se, por três anos, à aplicação de medidas “socioeducativas”.*

Ex: *Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.*

Ex: *Às 4 horas da manhã, o médico se prepara para a cirurgia que vai salvar a vida de um menino baleado. Aplica anestesia, mas é interrompido pelo flash de uma explosão. Assim têm vivido os profissionais que se voluntariaram no programa da cruz vermelha que trabalham nas regiões de conflito...*

Declaração: semelhante à frase nominal, com uma oração desenvolvida. Uma declaração forte no início do parágrafo introdutório surpreende o leitor e o induz a prosseguir na leitura.

Ex: *Jogar games de computador pode fazer bem à saúde dos idosos. Foi o que concluiu uma pesquisa do laboratório Gains Through Gaming (Ganhos através de jogos, numa tradução livre), na Universidade da Carolina do Norte, nos EUA.*

Ex: *As projeções sobre a economia para os próximos dez anos são alentadoras. Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza. Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.*

Ex: *O homem moderno sucumbiu ao consumismo, tem cada vez mais coisas e cada vez*



menos tempo. Agora chegou ao extremo de comprar produtos cuja finalidade é o próprio desperdício...

Muito bem! Essas são algumas das principais fórmulas de introdução. Elas podem ser mescladas e adaptadas aos seus argumentos. Observem o exemplo (de prova):



EXEMPLIFICANDO

Tem saído nos jornais: chuvas deixam São Paulo no caos. É verdade que os moradores estão sofrendo além da conta, quer estejam circulando pela cidade com seus carros ou nos ônibus e metrô, quer estejam em casa ou no trabalho. **Três fatores criam a confusão: semáforos desligados; alagamentos nas ruas; falta de energia.** Então, tudo culpa da chuva, certo? Errado.

Nessa introdução constam uma **declaração inicial**, uma **divisão** e uma **indagação**. Pura habilidade do autor!

A seguir veremos também algumas estratégias argumentativas, que são fórmulas de parágrafos de desenvolvimento, mas que, igualmente, podem ser utilizados para iniciar um texto.

Desenvolvimento

No desenvolvimento deve constar a **fundamentação** da opinião “levantada” na introdução.

A **ideia central de um parágrafo de desenvolvimento** é chamada de **tópico frasal** ou pequena tese. Ele é a síntese do argumento, a ideia mais importante do parágrafo, e geralmente vem no início (não necessariamente).

É importante destacar que o parágrafo segue uma estrutura análoga ao texto argumentativo como um todo, ou seja, o parágrafo de desenvolvimento também tem a sua **introdução**, que geralmente coincide com o **tópico frasal**.

O período seguinte deve trazer uma ampliação desse tópico, sustentando-o por meio de **argumentos e contra-argumentos, raciocínios lógicos, exemplos, comparações, narrativas, citações de autoridades, dados estatísticos** ou outra forma de desenvolvimento. Por fim, pode haver uma conclusão que retoma a ideia-núcleo ou anuncia o tópico frasal do próximo argumento.

A estrutura do parágrafo argumentativo pode ser vista assim:



Tópico Frasal (pequena tese ou tese do parágrafo)

Ampliação (exemplo, estatística, citação, dado, analogia...)

Conclusão da ideia-núcleo ou anúncio do próximo tópico



Cada argumento deve vir separado em um parágrafo, por clareza e por destacar mais ainda a estrutura dissertativo-argumentativa.

Essa regra é tão importante que as bancas geralmente descontam pontos por parágrafos que trazem mais de uma ideia.

Para ilustrar essa teoria, vamos focar no segundo parágrafo de desenvolvimento retirado da prova da CVM:



O potencial das energias propriamente "limpas" e renováveis é enorme, comparativamente ao que já existe: ventos, marés, correntes marítimas e fluviais, energia solar. Elas deverão constituir um nó importante na matriz energética mundial. Entretanto, admite-se que ainda assim continuarão sendo apenas complementares e não suficientes para substituir o petróleo.

Um dos problemas dessas energias limpas é que o seu potencial não é regularmente distribuído no mundo entre as nações consumidoras (1). O Saara, Mogavi e o Nordeste brasileiro são exemplos de ricos potenciais de energia solar, mas em que isso beneficia os grandes consumidores do norte da Europa? (2) O Nordeste brasileiro, assim como a região de Bengala e outras regiões tropicais, tem enorme potencial eólico. Mas não são só eles: a Dinamarca produz 75% da energia que consome pelos ventos (3). Poucos países podem rivalizar com o Brasil quanto à energia hidrelétrica. Nenhuma dessas fontes energéticas limpas e renováveis poderá, por si, constituir-se no sucessor do petróleo em nível mundial (4).



Na introdução, o autor deixa clara sua tese: Há potencial de energia limpa. Entretanto, admite-se que ainda assim continuarão sendo apenas complementares e não suficientes para substituir o petróleo em nível mundial. Isso tem que ser fundamentado no desenvolvimento.

Já no desenvolvimento, observe o tópico frasal (1), que apresenta a ideia de que o potencial das energias limpas não é distribuído de forma regular e se sugere que não seria a solução da crise energética mundial.

No segundo período (2), há ampliação desse tópico, com exemplos de regiões com potencial de energia solar, mas que não vão beneficiar os grandes consumidores da Europa. Em (3) o autor traz o exemplo da Dinamarca, na mesma linha. Esses exemplos sustentam a tese de que o potencial de energia limpa não é distribuído regularmente.

Em (4), o autor conclui seu raciocínio, reforçando que essas fontes não substituirão o petróleo, ou seja, serão apenas complementos, pois não são uniformemente distribuídas pelos grandes núcleos consumidores.

Sintetizando a progressão lógica e estrutural desse texto, temos: a) As fontes renováveis são importantes, b) mas, serão apenas um complemento, pois não estão distribuídas de forma regular pelo mundo, conforme exemplos, c) portanto, não são capazes de substituir o petróleo. Veja que a estrutura de um único parágrafo reflete a macroestrutura do texto dissertativo-argumentativo.



(SEPLAG-RECIFE (PE) / 2019 - Adaptada)

Quem não gosta de samba

“Como se dá que ritmos e melodias, embora tão somente sons, se assemelhem a estados da alma?”, pergunta Aristóteles. Há pessoas que não suportam a música; mas há também uma venerável linhagem de moralistas que não suporta a ideia do que a música é capaz de suscitar nos ouvintes. Platão condenou certas escalas e ritmos musicais e propôs que fossem banidos da cidade ideal. Santo Agostinho confessou-se vulnerável aos “prazeres do ouvido” e se penitenciou por sua irrefreável propensão ao “pecado da lascívia musical”. Calvino alerta os fiéis contra os perigos do caos, volúpia e emefinação que ela provoca. Descartes temia que a música pudesse superexcitar a imaginação.

O que todo esse medo da música – ou de certos tipos de música – sugere? O vigor e o tom dos ataques traem o melindre. Eles revelam não só aquilo que afirmam – a crença num suposto perigo moral da música – , mas também o que deixam transparecer. O pavor pressupõe uma viva percepção da ameaça. Será exagero, portanto, detectar nesses ataques um índice da especial força da sensualidade justamente naqueles que tanto se empenham em preveni-la e erradicá-la nos outros?



O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos. Por vias oblíquas ou com plena ciência do fato, nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 23-24)

A frase *O vigor e o tom dos ataques traem o melindre* contém um argumento semelhante ao que está na seguinte frase: *O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos.* (3º parágrafo).

Comentários:

O autor, quando se refere ao “vigor e o tom dos ataques”, fala da intensidade com que os moralistas por ele citados atacam a música, o que é semelhante a repudiar violentamente.

Da mesma maneira, o “melindre”, ou o sentimento de vergonha é traído pela maneira como atacam a música, pois, na verdade, estão envergonhados por causa da atração interior pelos encantos da música, argumento semelhante a “repudiamos está em nós mesmos”. Questão correta.

(SEFAZ-GO / 2018 - Adaptada)

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro moes escritos nas paredes do templo de Delfos: “O mais justo é o mais belo”, “Observa o limite”, “Odeia a hybris (arrogância)”, “Nada em excesso”. Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao “bocejante Caos”, de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são recondutíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que



se aplica a definição de belo (Kalón) como “aquilo que agrada e atrai”. Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma “ideia” (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisíaca.

Comentários:

Perceba que a beleza apolínea não tem sido substituída. O que ocorre é uma problemática, uma ponderação de antíteses sem solução clara. Questão incorreta.

Operadores argumentativos

Para comprovar sua opinião e sua tese, o autor deverá estabelecer algumas relações de sentido para relacionar suas ideias e seus raciocínios. Para isso, poderá usar **conectivos diversos, conjunções, advérbios, palavras denotativas**.

As **conjunções** são operadores argumentativos, pois ajudam a construir argumentos e relações lógicas diversas. Em suma, introduzem ideias e argumentos, estabelecendo entre eles relações de tempo, concessão, condição, proporcionalidade, comparação, conformidade, causa, consequência, adição, alternância, conclusão, explicação, oposição.

Advérbios e **palavras denotativas** também funcionam como operadores argumentativos, pois estabelecem entre argumentos relações de inclusão, exclusão, retificação, realce, prioridade, predominância, relevância, esclarecimento.

Não vou aprofundar muito aqui, pois já vimos essas relações todas no estudo das classes (conjunções, advérbios, preposições, palavras denotativas), mas é bom saber que a banca pode chamar de “operadores argumentativos ou discursivos” esses termos e os sentidos que estabelecem na construção do texto.

Dessa forma, podemos dizer que as conjunções aditivas são operadores que “somam argumentos”, as conjunções adversativas “opõem argumentos”, as alternativas “excluem ou alternam” argumentos, assim por diante.

Estratégias para desenvolver um parágrafo argumentativo

Assim como vimos fórmulas para desenvolver uma Introdução, veremos agora algumas maneiras de se desenvolver parágrafos argumentativos.



Há certa semelhança entre algumas técnicas, na medida em que um dado estatístico pode ser considerado um exemplo ou um esclarecimento, ou ainda uma explicação pode ser considerada um detalhamento. De toda forma, entender o exemplo é mais importante do que o nome da estratégia, pois a banca espera que o candidato identifique que os exemplos, esclarecimentos, detalhamentos ou dados estatísticos, testemunhos de autoridade foram utilizados para fortalecer uma tese e qual tese é essa.

Exemplificação: destacar alguns **casos** dentre um universo de fenômenos, para ratificar uma tese.

Ex: *Os investimentos diretos realizados por brasileiros no exterior têm aumentado muito nos últimos anos. Em 2011, somaram US\$202,6 bilhões, com crescimento de 7,4% em relação ao ano anterior, conforme pesquisa divulgada em abril de 2012 pelo Banco Central.*

Tópico frasal: *Os investimentos têm aumentado.*

Confirmação: *Por exemplo, em 2011 cresceram em 7,4%.*

Citação de fato histórico: como visto na técnica de Introdução, consiste em **trazer um evento do passado e relacioná-lo ao presente**, geralmente para indicar mudança ou manutenção de tendências.

Ex: *O movimento feminista começou a florescer no Brasil na virada do século 20. Diante da omissão da Constituinte de 1891 acerca do voto feminino, a baiana Leolinda de Figueiredo Daltro deu entrada no requerimento de seu alistamento eleitoral. Não obteve sucesso, mas também não entregou os pontos.*

Menciona o evento histórico da omissão da constituinte acerca do voto feminino e indica mudança nesse cenário. Atualmente as mulheres votam.

Ex: *Em 23 de dezembro de 1910, fundou no Rio de Janeiro o Partido Republicano Feminista. O grupo tinha como principal objetivo mobilizar as mulheres pelo direito de votar. Em novembro de 1917, uma passeata organizada por Leolinda contou com a participação de 90 mulheres. O que hoje não pararia o trânsito deve ter causado horror em distintos senhores e madames.*

Faz contraste entre o escândalo de uma passeata de 90 mulheres em 1917 e indica que hoje tal evento não seria capaz de parar o trânsito.

Enumeração ou detalhamento: **listar** sistematicamente **tópicos ou aspectos** a serem tratados, ou subdividir um aspecto amplo em aspectos menores nele incluídos:

Ex: *A Igreja Católica denuncia a amoralidade e o materialismo pelo vazio espiritual da moderna civilização. A decomposição das famílias, a violência, a corrupção, as drogas, a dissolução dos costumes e a falta de solidariedade com os menos afortunados seriam sintomas de um mundo sem fé.*



O aspecto “Vazio espiritual” é detalhado em subaspectos: *a decomposição das famílias, a violência, as drogas...*

Ex: Diversas são as naturezas dos instrumentos de que dispõe o povo para participar efetivamente da sociedade em que vive. Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado. O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.

Enumera as naturezas dos instrumentos: *política, social e jurisdicional*. Detalha a natureza política com um exemplo: o sufrágio.

Contraste e Paralelo: ressalta *semelhanças ou diferenças* entre elementos.

Ex: Atualmente, há *duas Américas Latinas*. A *primeira* conta com um bloco de países — incluindo Brasil, Argentina e Venezuela — com acesso ao Oceano Atlântico, que confere ao Estado grande papel na economia. A *segunda* — composta por países de frente para o Pacífico, como México, Peru, Chile e Colômbia — adota o livre comércio e o mercado livre.

Dados estatísticos: por serem de *natureza objetiva*, dão credibilidade ao argumento e são grandes recursos de convencimento.

Ex: Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos em 2011. Nos municípios maiores, com mais de 500 mil habitantes, que não ultrapassam quatro dezenas, este percentual superava 50%. De modo inverso, nos municípios menores, com menos de 20 mil habitantes, em torno de quatro mil, este percentual era de 3,3%. É uma situação bastante preocupante relacionada aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte.

Tópico frasal: *poucos municípios grandes têm plano municipal de redução de riscos e apenas ínfima porcentagem dos pequenos municípios os possui*. Note que o tópico frasal veio após a estatística, sendo sustentado por ela

Ex: Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.



Tópico frasal: *A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição.* Em seguida as estatísticas fornecidas fundamentam essa tese.

Explicação ou esclarecimento: consiste em **explicitar** o sentido de uma palavra ou afirmação.

Ex: *Com a popularização dos computadores e o desenvolvimento da microeletrônica, a palavra informação adquiriu um significado diferente. Até então, o seu sentido estava restrito à transmissão de dados acerca de alguém ou de algo, geralmente notícias de fatos que chegavam ao receptor com certa defasagem temporal.*

Tópico frasal: *o sentido da palavra informação mudou.*

Explicação: *antes significava transmitir dados acerca de alguém ou de algo, hoje significa outra coisa.*

Testemunho de autoridade: para **dar credibilidade** a uma tese, traz a opinião respeitada de um especialista que se alinha ou se opõe a ela. Serve como argumento e como contra-argumento.

Ex: *Entusiasta do sistema, o supervisor do Posto Fiscal Virtual, em Porto Alegre define o processo como seletivo, econômico e inteligente. "Esse é o futuro. No mundo, cada vez mais, a tecnologia substitui a ação humana, que, por mais atuante que possa ser, tem limitações de tempo, esforço e capacidade pessoal", afirma o auditor-fiscal. O processamento eletrônico, destaca, veio para ficar, e isso está ocorrendo em todo o mundo. "No Chile, temos a fatura eletrônica, que é muito bem-sucedida. Aqui temos a Nota Fiscal Eletrônica, um sucesso crescente, que quase todos os Estados do país já adotam. É um rumo sem volta. Este é o caminho", garante.*

Tópico frasal: *o processamento eletrônico é vantajoso e veio para ficar.*

A opinião do supervisor do posto fiscal, um auditor-fiscal, permeada por exemplos, reforça essa tese.

Relação causa-efeito: relaciona um **fato a sua causa** ou explicação.

Ex: *Se a China e a Índia hoje surgem no cenário internacional de modo surpreendente, é porque sabem articular inovadoramente a cultura ocidental moderna com seus antiquíssimos modos de pensar e agir, demonstrando que o desenvolvimento não se dá mais em termos lineares e que o futuro não se desenha desprezando e recalçando o passado.*

Causa: *Índia e China sabem articular inovadoramente a cultura ocidental moderna.*

Efeito: *Surgem no cenário internacional de modo surpreendente.*

Ex: *Sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas (aliás, imundas)*



porque, depois que explodem, deixam vagando pela atmosfera o já famoso e temido estrôncio 90.

Causa: Todas as bombas atômicas deixam vagando na atmosfera o temido estrôncio 90.

Efeito: todas as bombas atômicas são consideradas sujas.

Ex: *Se vivemos hoje a era do conhecimento é porque nos alçamos em ombros de gigantes do passado. A Internet representa um poderoso agente de transformação do nosso modus vivendi et operandi.*

Causa: Nós nos alçamos em ombros de gigantes do passado.

Efeito: vivemos hoje a era do conhecimento.



Conforme mencionado, para dar “validade” e “consistência” aos argumentos, é preciso fundamentá-los. Caso contrário, são mera “opinião”, “mero registro de subjetividade”.

Uma forma clássica de se construir um argumento é o “**silogismo**”, raciocínio dedutivo que parte duas premissas (maior e menor) para chegar a uma conclusão.

Todos os cariocas são brasileiros. (premissa maior)

João é carioca. (premissa menor)

Logo, João é brasileiro. (conclusão)

Quando um silogismo é válido, a relação entre as premissas é verdadeira, irrefutável e a conclusão é decorrência necessária, inevitável das premissas. Se uma das premissas for falsa, vai levar a uma conclusão falsa.

Obs: **Raciocínio dedutivo** é aquele que **parte de uma verdade geral para um caso particular**.

No exemplo acima, partimos de um conceito geral e abstrato (todos os cariocas são brasileiros) e chegamos a uma verdade particular, concreta (João é brasileiro)

Raciocínio indutivo, por outro lado, é o que **parte de premissas particulares para uma generalização**, uma conclusão **não necessariamente é verdadeira**.

Ex: O leão é mamífero/ O leão é feroz.

O lobo é mamífero/ O lobo é feroz.



O tigre é mamífero/ O tigre é feroz.

O golfinho é mamífero/

Portanto, o golfinho é feroz.

Obs: No estudo rigoroso do raciocínio lógico, que foge ao nosso escopo e tem regras muito mais específicas, as premissas podem ser absurdas, ser assumidas como verdadeiras e gerar conclusões absurdas consideradas válidas. Aqui, estamos trabalhando com o raciocínio de texto.

Ex: *Os homens voam, Maria é um homem. Logo, Maria voa.* Para o nosso estudo, argumento consistente é aquele que tem relação de causalidade com as premissas, ou seja, decorre de premissas verdadeiras e conclui informação verdadeira.

Também quero registrar o método de raciocínio chamado “**dialético**”, que consiste em 3 premissas. A primeira é a **tese**, a segunda a **antítese** e a última, a **síntese**.

A **tese** é o ponto de vista do autor, a opinião que ele pretende defender. A **antítese** é o contraposto de sua tese, ou seja, é uma opinião contrária. A **síntese** é a retomada da tese, após a desconstrução ou invalidação da antítese, ou seja, uma conclusão que combina elementos das duas. Vejamos o exemplo:

Ex: *A juventude é provavelmente a melhor fase para se dedicar ao trabalho (tese). No entanto, uma juventude sem diversão pode dar a sensação de que trabalhar não vale a pena (antítese). Portanto, é preciso aproveitar a juventude para produzir muito, mas sem abandonar totalmente o lazer (síntese).*

Essas estruturas aparecem muito frequentemente nos textos argumentativos e usamos esse tipo de raciocínio o tempo todo, sem perceber, de forma não tão sistemática.

As relações de causa e efeito são muito semelhantes a um silogismo “simplificado”, pois uma informação vai levar à conclusão de uma outra.

Então, esteja pronto para reconhecer no texto as premissas, os argumentos e as conclusões do autor.

Por fim, resalto que, assim como ocorrem nas fórmulas de introdução, os textos trazem diversos argumentos desenvolvidos conjugando uma ou mais dessas técnicas, Vejamos um exemplo de prova:



EXEMPLIFICANDO



Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil, como demonstra o Atlas dos Desastres Naturais do Brasil. Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias, cerca de 480 mil sofreram algum agravo ou doença e quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos. Desastres como o de Petrópolis, que resultaram em dezenas de óbitos, não existem em um vácuo. Se por um lado exigem a presença de ameaças naturais, como chuvas fortes, por outro não se realizam sem condições de vulnerabilidade, constituídas através dos processos sociais relacionados à dinâmica do desenvolvimento econômico e da proteção social e ambiental. Isto significa que os debates em torno do desastre devem ir além das cobranças que ano após ano ficam restritas à Defesa Civil.

Nesse parágrafo argumentativo, o autor traz dados e depois monta uma divisão: por um lado...por outro.



(PREF. SÃO JOSÉ DO RIO PRETO / 2019 - adaptada)

Rubem Braga, o cronista

Rubem Braga (1913-1990) foi o maior cronista deste país. Não será favor nenhum dizer que foi também um dos nossos maiores escritores, conquanto não tenha escrito praticamente nada além de crônicas. O irônico está em que o gênero da crônica é justamente aquele onde se costuma celebrar a transitoriedade do tempo, a anedota passageira, o pensamento arisco – nada muito durável. Mas Braga passou por cima disso e escreveu crônicas que não envelhecem.

Talvez o fato de se dedicar exclusivamente a esse gênero explique um pouco da excelência a que chegou, mas faltaria muito ainda a ponderar: como é que deu uma forma de vida permanente ao que devia ser efêmero? Onde foi buscar grandeza para cunhar o que é pequeno? Que altura poética conseguiu dar a uma prosa que corre limpa e elegante, mas em tom de conversa?

O segredo da potência das crônicas de Rubem Braga terá morrido com ele. Mas elas sobrevivem por conta do gênio dele, que desperta a cada vez que batemos os olhos numa linha, num parágrafo, numa página sua. Cada crônica do velho Braga tem a intensidade da vida que nos surpreende a cada momento.

(Teobaldo Ramires, inédito)

Uma causa provável e seu decorrente efeito encontram-se, nessa ordem, neste aspecto da atividade do cronista: se dedicar exclusivamente a esse gênero / excelência a que chegou.



Comentários:

O enunciado pede a causa provável e o seu decorrente efeito da vida do cronista, diante da obra reproduzida.

A sequência "*se dedicar exclusivamente a esse gênero / excelência a que chegou*" apresenta exatamente o significado de causa e efeito: pelo fato de o cronista ter se dedicado exclusivamente ao gênero da crônica (**causa**), ele conseguiu alcançar a excelência (**efeito**). Questão correta.



Finalidade predominante dos Textos

Expositivo/Explicativo/Informativo: Expor informações e conhecimentos

Opinativo/Argumentativo: Convencer, defender uma opinião.

Polêmico: Contrabalancear opiniões.

Instrucional: Normatizar, prescrever, ensinar.



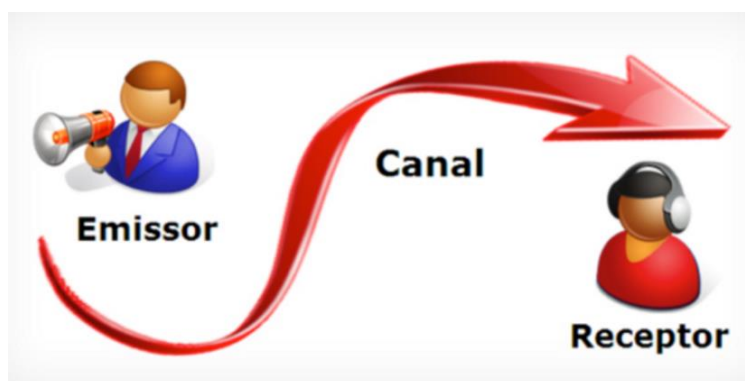
FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A comunicação ocorre na interação de vários elementos integrados: um **emissor**, uma **mensagem**, um **receptor** para essa mensagem, que tem um tema, um assunto, um contexto, um **referente**.

Há outros elementos: a mensagem é transmitida por determinado “meio”, um “**canal**”, e utiliza um determinado sistema de signos conhecidos pelas partes, chamado “**código**”.

Então, se eu telefono para minha mãe para falar sobre uma possível visita no Natal, teremos os seguintes elementos nessa situação comunicativa:

Eu serei o locutor (emissor); mamãe será interlocutora (receptora). A mensagem é um “convite para a ceia de Natal”. O contexto, o assunto, é o próprio feriado. O canal é o telefone e o código, a língua portuguesa, que ambos compartilhamos.



No contexto de “adequação” ou “inadequação” de uma variante linguística, temos que ponderar qual é a finalidade daquela situação comunicativa, que se reflete em diversas “funções da linguagem”.

A depender do objetivo, a linguagem vai “focar” em algum dos elementos envolvidos na comunicação. Às vezes, o foco do discurso recai sobre o conteúdo do texto; às vezes, sobre a forma que esse conteúdo é passado. Pode também recair sobre o assunto em si.

Vejamos a característica principal de cada função da linguagem.

FUNÇÃO EMOTIVA:

O foco recai sobre o próprio “emissor”.

O “eu” é o centro da mensagem, que se apresenta como subjetiva e pessoal. Por esse motivo, reflete o ânimo e as emoções.

Essa função da linguagem predomina em poemas líricos e em prosa intimista.

Como marcas textuais, temos o uso de *interjeições*, *exclamações*, *reticências*, *vocativos*, *verbos em primeira pessoa*, *adjetivos valorativos*.



EXEMPLIFICANDO

“Eu não gosto do bom gosto
Eu não gosto de bom senso
Eu não gosto dos bons modos
Não gosto
Eu aguento até rigores
Eu não tenho pena dos traídos
Eu hospedo infratores e banidos
Eu respeito conveniências
Eu não ligo pra conchavos
Eu suporto aparências
Eu não gosto de maus-tratos
Mas o que eu não gosto é do bom gosto
Eu não gosto de bom senso
Eu não gosto dos bons modos
Não gosto (...)”.
(Senhas – Adriana Calcanhotto)

Oh? como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicas
Dentro das noites, dentro dos dias?
(Vinícius de Moraes)

Sinto que viver é inevitável. Posso na primavera ficar horas sentada fumando, apenas sendo. Ser às vezes sangra. Mas não há como não sangrar pois é no sangue que sinto a primavera. Dói. A primavera me dá coisas. Dá do que viver E sinto que um dia na primavera é que vou morrer de amor pungente e coração enfraquecido.
(Clarice Lispector)

FUNÇÃO FÁTICA:

O foco da mensagem recai sobre o próprio “canal” em que ela é transmitida. Visa a **testar**,



estabelecer, manter ou encerrar a comunicação.

Nessa função se encaixam as saudações, os iniciadores de conversa, os marcadores conversacionais de confirmação: *alô? Tá ouvindo? Tudo bem? Como vai? Dá licença? Certo? Ok? Entendeu? Todos comigo? Hein? Falou... Ok.. Bom dia...*

Vejamos as tirinhas:



Note que na tirinha do Cascão e do Cebolinha, o efeito de humor é construído justamente pelo uso da função fática.

FUNÇÃO APELATIVA OU CONATIVA:

O foco recai sobre o interlocutor, o ouvinte. A finalidade é **convencê-lo** ou **influenciá-lo**. Por isso, é permeada por *discurso em segunda pessoa (Tu e Você)* e *verbos no imperativo*.

Por objetivar induzir o ouvinte a fazer algo, esta é a linguagem predominante em sermões e em propaganda.





FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA:

A ênfase está no referente, isto é, no assunto, no conteúdo, *na informação*.

A linguagem tende a ser objetiva, expositiva, e por isso costuma fazer uso de recursos impessoalizadores como a *terceira pessoa*, *tempos verbais afirmativos como o futuro e o presente do indicativo*.

A linguagem é concisa e objetiva, típica dos textos jornalísticos, didáticos, científicos e outros que tenham como finalidade primária *informar ou ensinar*.



FUNÇÃO POÉTICA OU CONOTATIVA:

A ênfase está na própria mensagem, na **forma em que é construída** e transmitida (de forma criativa, elaborada, com recursos figurativos), diferentemente da função referencial, que foca no conteúdo em si.

Essa é a linguagem literária, por isso, encontraremos recursos como *figuras de estilo ou linguagem (linguagem conotativa, figurada), neologismos, construções criativas e deliberadamente recheadas de polissemia e ambiguidade.*



Um texto pode ter indícios de várias funções de linguagem, mas uma será considerada **predominante**.

Por exemplo, um texto poético pode também estar permeado pela linguagem emotiva, com muitas referências ao próprio narrador/eu-lírico e seus sentimentos. Porém, a função predominante será a poética.

Vejamos alguns exemplos de poesias e anúncios criativos que exploram essa função:

Poética

Rio de Janeiro , 1954

De manhã escureço

De dia tardo

De tarde anoiteço

De noite ardo.

A oeste a morte

Contra quem vivo

Do sul cativo

O este é meu norte.

Outros que contem

Passo por passo:



*Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
— Meu tempo é quando.*

(Vinícius de Moraes)

“...Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda...”

(Fernando Pessoa, Poema em linha reta)



FUNÇÃO METALINGUÍSTICA:

O foco está no código utilizado na transmissão da mensagem. O código é usado para explicar o próprio código, ou seja, a língua explica a língua.

Esta aula é um exemplo, pois uso a linguagem para falar sobre a própria linguagem. Além disso, encontraremos a metalinguagem em *verbetes de dicionários*, em *resenhas*, em *manuals de redação e gramáticas*, em filmes que falam de filmes, em atores que interpretam atores, em poemas que falam sobre a poesia.



EXEMPLIFICANDO



Não faças versos sobre acontecimentos.

Não há criação nem morte perante a poesia...

...

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consume

com seu poder de palavra

e seu poder de silêncio.

Não forces o poema a desprender-se do limbo.

Não colhas no chão o poema que se perdeu.

Não adules o poema. Aceita-o

*como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.*

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível que lhe deres:

Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade- Trecho de "Procura da Poesia")

De Gramática e de Linguagem

E havia uma gramática que dizia assim:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou coisa: João, sabiá, caneta".

Eu gosto das coisas. As coisas sim !...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.

As coisas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

As coisas vivem metidas com as suas coisas.



*E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.
Para quê? Não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,
Amigo ou adverso...João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto...
(Mario Quintana)*

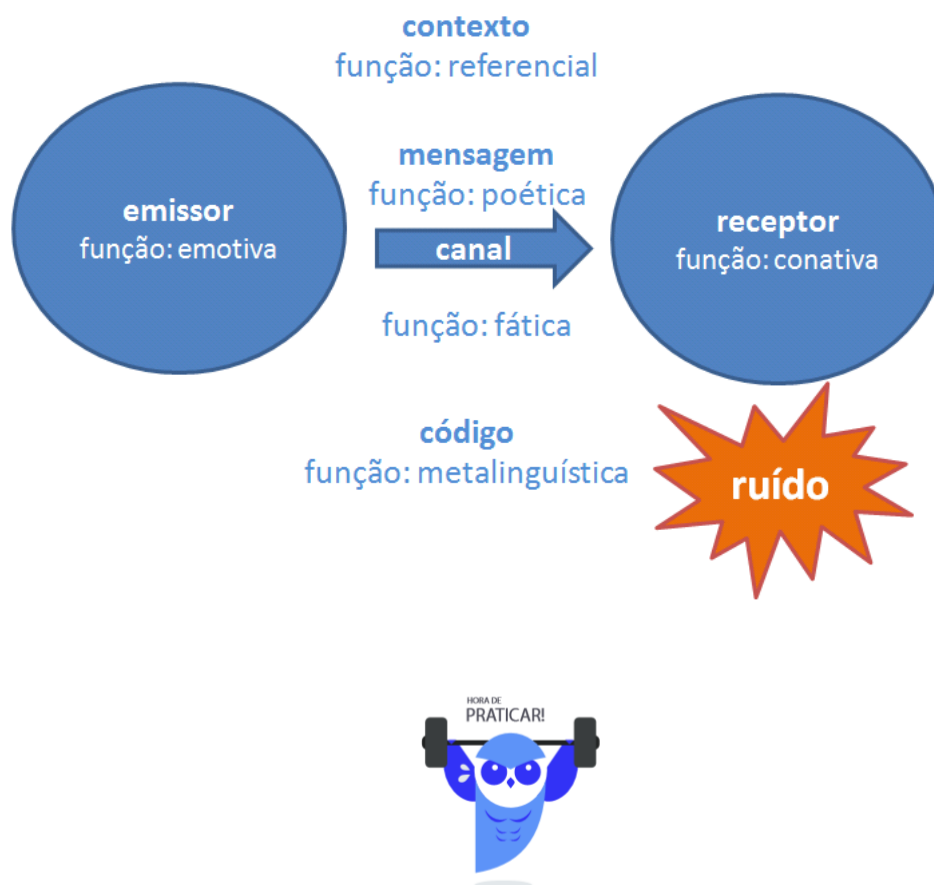
A metalinguagem também ocorre em outras formas de expressão que não a prosa e a poesia. Observe as figuras abaixo:





Para finalizar e facilitar seu entendimento e memorização, deixo aqui um resumo das funções que acabamos de estudar:





(ALAP / 2020 - adaptada)

Entrando na Câmara, verifiquei que a grandiosa representação que eu fazia do legislador, não se me tinha diminuído com o exame da opaca figura do doutor Castro. Era uma exceção, mas certamente os outros deviam ser quase semideuses, mais que homens, pois eu queria-os com força e com faculdades capazes de atender e de pesar tão vários fatos, tão desencontradas considerações, tantas e tão sutis condições da existência de cada e da de todos. Para tirar regras seguras para a vida total desse entrechoque de paixões, de desejos, de ideias e de vontades, o legislador tinha que ter a ciência da terra e a clarividade do céu e sentir bem nítido o alvo incerto para que marchamos, na bruma do futuro fugidio. Quanta penetração! Quanto amor! Que estudo e saber não lhe eram exigidos! Era preciso tudo, tudo! A Teologia e a Física, a Alquimia! ... Era preciso saber tudo e sentir tudo! Era na verdade um vasto e levantado ofício!

Os elementos do texto estão predominantemente concentrados no emissor, explícito nas impressões e exclamações proferidas pelo narrador.

Comentários:

Logo no início, percebe-se que a **função emotiva** é a que se destaca no texto uma vez que os verbos são conjugados em primeira pessoa, ou seja, o foco está em quem fala (emissor). Além disso, as impressões pessoais do emissor ficam explícitas com o uso de exclamações, que denotam certa admiração.



Percebe-se que o emissor fica encantado. Por isso, pode-se dizer que a função do texto é a emotiva já que o foco está em suas impressões pessoais. Questão correta.

(CAU / 2019 - adaptada)

O CAU

¹ O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAU/UF foram criados
⁴ com a Lei nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010, que regulamenta o exercício da arquitetura e do urbanismo no País. Uma conquista histórica para a categoria, que significa
⁷ maior autonomia e representatividade para a profissão.

Disponível em: <<https://www.caumt.gov.br>>.
Acesso em: 21 jun. 2019, com adaptações.

Considerando a relação entre a linguagem e o propósito principal do texto, é correto afirmar que nele prevalece a função da linguagem denominada apelativa.

Comentários:

A **função apelativa** tem como característica uma linguagem persuasiva que tem o intuito de convencer o leitor. É muito utilizada nas propagandas, publicidades e discursos políticos, com o objetivo de influenciar o receptor por meio da mensagem transmitida.

Perceba que essa não é a função do texto apresentado. Ao contrário, sua função é a de comunicar de forma objetiva, sem envolver aspectos emotivos ou subjetivos. Questão incorreta.

O mais importante é sempre praticar muito, ler vários textos, tentar responder aos itens e ler nos comentários qual foi o raciocínio que fundamentou o gabarito. Vá praticando devagar, textos são longos e levam tempo, mas não há outra forma de melhorar sua leitura senão ler.

Se necessário, faça suas baterias de questões em partes, para não ficar cansado lendo muitos textos de uma só vez.

Agora que já vimos toda a teoria, é hora de Praticar!



QUESTÕES COMENTADAS - NARRAÇÃO - MULTIBANCAS

1. (PREF. VINHEDO-SP / GUARDA MUNICIPAL / 2020)

Leia o texto a seguir para responder à questão.

Texto I

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de toicinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles. Animara-se a interrogar sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos.

(RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009, p. 59-60)

Quanto à tipologia, é correto afirmar que o texto é narrativo em função de todas as características típicas dessa categoria listadas, exceto:

- A) presença de personagens que agem ao longo do texto.
- B) defesa de um ponto de vista construída por argumentos.
- C) encadeamento de ações que conferem dinamismo ao texto.
- D) sequência temporal constituída por expressões adverbiais e verbos.

Comentários:

Não há no texto narrativo a defesa de uma tese ou ponto de vista. Gabarito Letra B.

2. (MJSP / ANALISTA DE GOVERNANÇA DE DADOS / 2020)

O cinzeiro

Mário Viana



Procura-se um martelinho de ouro. Aceitam-se indicações de profissionais pacientes e com certa delicadeza para restaurar um cinzeiro que está na família há mais de cinco décadas. Não se trata de joia de valor financeiro incalculável, mas de uma peça que teve seus momentos úteis nos tempos em que muita gente fumava. Hoje, é apenas o símbolo de uma época.

Arredondado e de alumínio, o cinzeiro chegou lá em casa porque meu pai o ganhara de presente de seu patrão, o empresário Baby Pignatari – como ficou mais conhecido o napolitano Francisco Matarazzo Pignatari (1917- 1977). Baby misturou na mesma medida as ousadias de industrial com as estripulias de playboy. No corpo do cinzeiro destaca-se um “P” todo trabalhado em relevo.

Nunca soube direito se meu pai ganhou o cinzeiro das mãos de Baby ou de sua mulher, a dona Ira – era assim que a princesa e socialite italiana Ira von Furstenberg era conhecida lá em casa. Só muitos anos depois, já adulto e jornalista formado, descobri a linha de nobreza que fazia de dona Ira um celebridade internacional.

[...] Pois esse objeto que já passou pelas mãos de uma princesa – italiana, mas principessa, que diacho – despencou outro dia do 12º andar até o térreo. Amassou, coitado. A tampa giratória ficou toda prejudicada E o botão de borracha que era pressionado também foi para o devido bebelê.

Mesmo assim, não acredito em perda total. Tenho fé em que um bom desamassador dê um jeito e devolva o cinzeiro, se não a seus dias de glória, pelo menos a uma aparência menos miserável. É o símbolo de uma trajetória, afinal de contas, há que respeitar isso.

Praticamente aposentado – a maioria dos meus amigos e eu deixamos de fumar –, o cinzeiro ocupava lugar de destaque na memorabilia do meu hipotético museu pessoal. Aquele que todos nós criamos em nosso pensamento mais secreto, com um acervo repleto de pequenos objetos desimportantes para o mundo.

Cabem nessa vitrine imaginária o primeiro livro sério que ganhamos, com a capa rasgada e meio desmontado; o chaveiro que alguém especial trouxe de um rolê mochileiro pelos Andes; o LP com dedicatória de outro alguém ainda mais especial; uma caneca comprada na Disney; o calção usado aos 2 anos de idade... e o velho cinzeiro carente de reparo.

Adaptado de: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mario-viana-ocinzeiro/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

A que gênero textual pertence o texto?

- A) Anúncio.
- B) Narração.
- C) Conto.
- D) Notícia.
- E) Crônica.

Comentários:

O texto é uma crônica.

Crônica: narrativa informal, breve, ligada à vida cotidiana, com linguagem coloquial. Pode ter um tom humorístico ou um toque de crítica indireta, especialmente, quando aparece em seção ou artigo de jornal, revista e programas da TV. Gabarito Letra E.

3. (COPERGÁS / ADMINISTRADOR / 2016)



A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

- a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.
- b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.
- c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.
- d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.
- e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Comentários:

Pessoal, essa questão causa muita dúvida. Era preciso ir direto no que se tem certeza e não ficar “sonhando” com as alternativas nebulosas.

O enunciado diz “dois parágrafos, respectivamente”, ou seja, o primeiro parágrafo corresponde à primeira metade do enunciado. O segundo corresponde à segunda metade.

O primeiro parágrafo, sem dúvidas, é uma narrativa: conta uma história, com enredo, personagens (“velhinha”; “guardas da fronteira”), sequência cronológica de ações (verbos no pretérito “seguiu”, “decidiu”); presença de expressões adverbiais de tempo (“todos os dias”; “até que”). A resposta, portanto, seria a letra c ou a letra b. Se você parar para pensar, a narrativa deixa o leitor curioso para saber o que está sendo contrabandeado. É “intrigante”. Já melhorou muito, certo?

O problema da letra C é a segunda metade: não há “sua contestação no confronto com outro fato”. A narrativa não é “contestada”, é reafirmada. Não há esse “confronto” com outro fato, sequer podemos dizer que há outro fato. A segunda parte é uma confirmação da moral da fábula: “Como todas as fábulas, esta traz uma lição”. Confronto haveria se a segunda parte desmentisse ou desafiasse a premissa da primeira parte. O que ocorre é uma constatação: assim como ocorre na parte 1 (guardas foram enganados pela velhinha várias vezes), ocorre na parte 2 (outras “fábulas” hipotéticas em que “só pensar o óbvio é a pior forma de distração”). As duas metades se alinham, não se confrontam.

A “elucidação aberta em hipóteses” se refere ao esclarecimento (“significa que”) da moral da história, do “erro” dos guardas, dividida (aberta) em alternativas (hipóteses):

- 1) quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente,
- 2) ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo,



3) ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.
Dessa forma, o gabarito é a letra B.



QUESTÕES COMENTADAS - DESCRIÇÃO - MULTIBANCAS

1. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL SUPERIOR / 2020)

Desde os alvares da democracia ateniense, são sobejamente conhecidas as suas relações com a argumentação e a retórica. Porém, tal como a retórica e a argumentação podem ser postas ao serviço da mentira e da manipulação, também em relação à liberdade de expressão se coloca a questão dos seus limites.

O terceiro parágrafo do texto é essencialmente descritivo, porque caracteriza a liberdade de expressão.

Comentários:

Não caracteriza! Apenas menciona sem detalhar. O texto predominantemente descritivo tem objetivo principal de criar a imagem mental de um objeto, uma entidade, uma cena... Traz um detalhamento visual, o que não ocorre aqui. Questão incorreta.



QUESTÕES COMENTADAS - DISSERTAÇÃO - MULTIBANCAS

1. (CREFONO - 5ª Região / AUXILIAR ADMINISTRATIVO / 2020)

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem são determinados tanto neurobiologicamente quanto socialmente e estão estreitamente relacionados ao desenvolvimento da aprendizagem, sendo o adequado desenvolvimento da linguagem fundamental para um processo de aprendizagem harmônico e satisfatório.

A linguagem pode ser entendida como um conjunto de símbolos com significado usados socialmente com o intuito de veicular a comunicação, portanto toda criança, na fase de aquisição da linguagem, aprende esse conjunto de símbolos comunicativos estabelecidos e convencionados para se relacionar e interagir com o meio a sua volta.

O desenvolvimento da linguagem ocorre de maneira hierárquica e estruturada, de acordo com as fases do desenvolvimento neuropsicomotor e com base em algumas estruturas ou sistemas, como o pragmático (uso), o fonológico (forma dos sons), o semântico (significado) e o gramatical (regras). Alterações em qualquer uma dessas estruturas ou sistemas configuram algumas formas de distúrbios de linguagem, que variam entre atraso (ritmo lento de aquisição), dissociação (discrepância entre linguagem e outras áreas) ou desvio (padrão de desenvolvimento alterado).

A linguagem compreende duas fases, a fase pré-linguística, quando a criança usa fonemas e vocalizações geralmente chamados de balbúcio, até mais ou menos o primeiro ano de idade, e a fase linguística, quando começa a usar palavras isoladas com compreensão, evoluindo para um nível maior de complexidade expressiva. A estruturação e a organização do pensamento e do raciocínio ocorrem por meio da linguagem, o que reforça o entendimento de que a aquisição e o desenvolvimento satisfatório da linguagem são fatores que contribuem positivamente para o desenvolvimento infantil de uma forma global e, principalmente, na aprendizagem da leitura e da escrita, pois há comprovações da influência das alterações linguísticas e fonológicas no processo de alfabetização.

As alterações da linguagem são os mais frequentes problemas do desenvolvimento das crianças e a principal queixa nos ambulatórios pediátricos. Por esse motivo, os profissionais que atuam, direta ou indiretamente, com crianças precisam conhecer cada etapa do desenvolvimento infantil, para detectar os possíveis percalços que ocorram nesse processo e minimizar, com adequada intervenção, transtornos do desenvolvimento, contribuindo para um harmônico desenvolvimento linguístico, cognitivo, neuropsicomotor e escolar.

Internet: <portaleducacao.com.br>

Estruturado em forma dissertativa, o texto trata da relação entre aquisição e desenvolvimento da linguagem e processo de aprendizagem.

Comentários:

Sim. O texto é dissertativo e traz a discussão sobre linguagem e aprendizagem. Questão correta.

2. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO / 2020)



ILUMINAÇÃO – 7:800\$000

A Prefeitura foi intrujada quando, em 1920, aqui se firmou um contrato para o fornecimento de luz. Apesar de ser o negócio referente a claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras. É um BLUFF*. Pagamos até a luz que a lua nos dá.

*BLUFF expressão inglesa que foi aportuguesada como “blefe”: atitude enganadora, em jogo de cartas, que busca iludir o adversário.

Por se tratar de um fragmento de um relatório administrativo, o texto é predominantemente

A) argumentativo, porque apresenta análises de dados e busca persuadir um interlocutor específico.

B) literário, porque foi escrito por Graciliano Ramos, célebre escritor da Literatura Brasileira.

C) didático, porque é um excelente modelo de como se escrever relatórios de administração pública.

D) informativo, porque traz dados, ações e resultados alcançados em um determinado período.

E) descritivo, porque relata fatos e situações típicas de uma cidade do interior do país.

Comentários:

Como a banca já informou que o texto é um relatório (ou seja, esse é o gênero textual), você deverá saber o que faz um relatório, ou melhor, para que ele serve. Sabemos que o relatório tem a finalidade de colher dados e informações.

Neste caso, temos inclusive um tom de ironia e o autor acaba por ser até exagerado. Portanto, Gabarito: Letra D.

3. (MJSP / CIENTISTA DE DADOS / 2020)

Posfácio do livro Rio em Shamas (2016), de Anderson França, Dinho

Rafael Dragaud

NÃO PIRA! Foi com esse conselho, há cerca de seis anos, que começou minha história com o Dinho. Colaborávamos na mesma instituição social e vez ou outra nos esbarrávamos numa reunião, ele sempre ostensivamente calado. Por algum motivo da ordem do encosto, no sentido macumbeirístico mesmo, ou cumplicidade de gordos, vimos um no outro um elo possível de troca.

Ele então começou a me enviar milhões de textos que eram uma mistura frenética de sonhos, pseudorroteiros cinematográficos, pedidos de desculpas, posts-denúncias, listas de exigências de sequestrador, tudo num fluxo insano de criação, que ele mesmo dizia que um dia iria sufocá-lo de vez — o que me fez proferir o dito conselho.

O fato é que um dia passei em frente ao notebook dele e lá estava a tela quase inteiramente coberta de post-its, todos iguais, escritos: NÃO PIRA. E ele então me confidenciou: Cara, você resolveu minha vida. Eu só não posso pirar! É isso!



Esse episódio obviamente fala muito mais sobre essa característica de esponja afetointelectual dele do que sobre alguma qualidade do meu conselho. E foi sendo assim, esponja que se enche e se comprime (deixando desaguar seus textos em redes sociais), que foi surgindo um escritor muito especial. Especial não pra mãe dele ou pra Su (a santa), mas para a cidade do Rio de Janeiro.

Com uma voz e um estilo absolutamente singulares, Dinho flerta com a narrativa do fluxo do pensamento, o que poderia gerar textos apenas egoicos e herméticos, eventualmente mais valiosos pra ele do que para o leitor. Mas sei lá como, seus textos conciliam esse jeitão com uma relevância quase política, pois jogam luz sobre partes da cidade que merecem ser mais vistas, mais percebidas, e até mesmo mais problematizadas.

Dinho “vê coisas”. E, consequentemente, tem o que dizer. Não só sobre o subúrbio, suas ruas, seus personagens e seus modos, numa linhagem Antônio Maria ou João do Rio, mas muitas vezes também sobre bairros já enjoativos, de tão submersos em clichês, como o tão adorado-odiado Leblon. Seu “olhar de estrangeiro” revela estranhas entranhas da Zona Sul do Rio de Janeiro. O fato é que, com este livro, a cidade fica muito maior, mais plural e consequentemente mais justa.

Espero que este seja apenas o primeiro de uma série. Se é que posso dar mais algum conselho, o único que me ocorre ao vê-lo escrevendo hoje em dia é: NÃO PARE!

FRANÇA, Anderson. Rio em Shamas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

Assinale a alternativa que apresenta uma função do texto.

- A) Ressaltar o aspecto egoico e hermético dos textos de Dinho.
- B) Destacar que Rafael Dragaud foi um bom conselheiro.
- C) Exemplificar a importância de “não pirar” diante de uma situação estressante.
- D) Avaliar positivamente o livro e seu autor.
- E) Relatar a história de amizade entre Dinho e Rafael Dragaud.

Comentários:

Posfácio é um texto de teor explicativo que, acrescentado no final de livro (depois de sua finalização), com a finalidade de advertir ou explicar o que for conveniente. Gabarito Letra D.

4. (ISS SÃO LUIZ / AUD. FISCAL DE TRIBUTOS / 2018)

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica. A história da vida privada é, em primeiro lugar, a história de sua definição: como evoluiu sua distinção na sociedade francesa do século XX? Como o domínio da vida privada variou em seu conteúdo e abrangência?

A questão é tanto mais importante na medida em que não é certo que seu contorno tenha o mesmo sentido em todos os meios sociais. Para a burguesia da Belle Époque¹, não há nenhuma dúvida: o “muro da vida privada” separa claramente os domínios. Por trás desse muro protetor, a vida privada e a família coincidem com bastante exatidão. Esse domínio abrange as fortunas, a saúde, os costumes, a religião: se os pais que querem casar os filhos consultam o notário ou o pároco para “tomar informações” sobre a família de um eventual pretendente, é porque a família



oculta cuidadosamente ao público o tio fracassado, o irmão de costumes dissolutos e o montante das rendas. E Jaurès², respondendo a um deputado socialista que lhe censurava a comunhão solene da filha: “Meu caro colega, você sem dúvida faz o que quer de sua mulher, eu não”, marcava com grande precisão a fronteira entre sua existência de político e sua vida privada.

Essa separação era organizada por uma densa teia de prescrições. A baronesa Staffe³, por exemplo, cita: “Quanto menos relações mantemos com a vizinhança, mais merecemos a estima e consideração dos que nos cercam”, “não devemos falar de assuntos íntimos com os parentes ou amigos que viajam conosco na presença de desconhecidos”. O apartamento ou a casa burguesa, aliás, se caracterizam por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. O lugar da família propriamente dita não é o salão: as crianças não entram no aposento quando há visitas e, como explica a baronesa, as fotos de família ficariam deslocadas nesse recinto. Ademais, as salas de visitas não são abertas a todos. Se toda dama da boa sociedade tem seu “dia” de receber – em 1907, são 178 em Nevers⁴ –, a visita à esposa de um figurão supõe uma apresentação prévia. As salas de recepção estabelecem, portanto, um espaço de transição para a vida privada propriamente dita.

(Adaptado de: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs.). História da vida privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 14 e 15.)

Obs.:

1 Período de cultura cosmopolita na história da Europa que vai de fins do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

2 Jean Léon Jaurès (1859-1914): político socialista francês.

3 Pseudônimo de Blanche-Augustine-Angèle Soyer (1843-1911), autora francesa, célebre em seu tempo pela obra *Uso do mundo*, sobre como saber viver na sociedade moderna.

4 Região da França, ao sul-sudeste

No processo argumentativo,

(A) a consulta dos pais é mencionada porque constitui a causa de as famílias ocultarem cuidadosamente ao público fatos que poderiam ser considerados socialmente nocivos. (2º parágrafo)

(B) a resposta de Jaurès é citada para, na composição do painel da vida francesa, destacar que, já em fins do século XIX e começo do XX, havia críticas a políticos que usavam a vida particular para alavancar suas pretensões de homem público. (2º parágrafo)

(C) a presença do advérbio aliás sinaliza um oportuno acréscimo ao já dito acerca dos domínios da vida privada, agora demarcados pelo próprio espaço físico da burguesia francesa do século XX. (3º parágrafo)

(D) a menção a família propriamente dita delimita, no contexto do objeto focalizado, a referência a “aqueles que descendem de um casal”. (3º parágrafo)

(E) a alusão a notário ou pároco faz parte da caracterização da sociedade da Belle Époque, com o intuito de demonstrar que a eles cabia, respectivamente, a responsabilidade pelas fortunas e pela vida religiosa das famílias. (2º parágrafo)

Comentários:

Vejamos:



- a) Incorreto. A consulta aos párocos é na verdade a consequência de esconderem os “podres” do público. Então, para saber os fatos socialmente nocivos que eram ocultados, era necessário então consultar pessoas que tivessem acesso privilegiado à intimidade da família (vida privada).
- b) Incorreto. A resposta foi mencionada para marcar “com grande precisão a fronteira entre sua existência de político e sua vida privada.”
- c) Correto. A expressão “aliás” indica um acréscimo de informação sobre a limitação física entre vida pública e privada na casa das famílias burguesas.
- d) Incorreto. “Família” delimita toda a família e sua vida privada.
- e) Incorreto. A alusão serve para indicar pessoas específicas que tinham, em razão de suas atribuições, acesso à vida privada das famílias. Gabarito letra C.

5. (SEFAZ-GO / AUDITOR / 2018)

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro motes escritos nas paredes do templo de Delfos: “O mais justo é o mais belo”, “Observa o limite”, “Odeia a hybris (arrogância)”, “Nada em excesso”. Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao “bocejante Caos”, de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como “aquilo que agrada e atrai”. Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma “ideia” (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)



O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

- (A) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se nulificam.
- (B) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisíaca.
- (C) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.
- (D) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.
- (E) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.

Comentários:

- (A) Incorreta. As oposições não se nulificam, mas sim "coabitam".
- (B) Incorreta. Não substitui, apenas existe uma problemática, uma ponderação de antíteses sem solução clara.
- (C) Incorreta. O primeiro parágrafo traz a concepção grega clássica, não a moderna.
- (D) Incorreta. Alternativa bem razoável, causou dúvida em muitos alunos. Contudo, a palavra "inconsistente" não é adequada, nem é o objetivo do autor mostrar inconsistência, mas sim mostrar antíteses, aspectos aparentemente contraditórios.
- (E) Correta. O ponto central do texto são oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem (Apolo) e caos (Dionísio). Gabarito letra E.



QUESTÕES COMENTADAS - FUNÇÕES DA LINGUAGEM - MULTIBANCAS

1. (UFPB / FARMACÊUTICO / 2019)



Disponível em: <<https://www.revistacaminhoneiro.com.br/maio-faca-bonito-e-proteja-infancia/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Considerando as funções da linguagem, qual função se destaca nesse anúncio?

- A) Emotiva, marcada pela comoção ao tratar de um tema delicado como a exploração sexual infantil.
- B) Metalinguística, com valorização do código responsável pela expressão da mensagem.
- C) Conativa, com o uso de recursos persuasivos voltados ao enunciatário da mensagem.
- D) Fática, utilizada para expressar ideias de modo evasivo.

Comentários:

O tema explorado no texto é publicitário e tem o objetivo de apelar para o leitor proteger as crianças, vejam que o texto faz uso de um verbo no imperativo que é o modo verbal que expressa uma ordem, pedido, desejo, súplica, conselho, convite, sugestão...

Estamos diante da **função conativa (ou apelativa)**, na qual o receptor é o foco, ou seja, ele determina as escolhas feitas na construção do texto. Os textos publicitários são exemplos típicos da predominância da função conativa, pois geralmente têm como objetivo principal persuadir os interlocutores a aderir a uma ideia ou comprar determinado produto. Gabarito letra C.

2. (CRF-RO / CONTADOR / 2019)





O período “Consulte sempre o farmacêutico.”, ao revelar a finalidade principal do texto, coloca em evidência a função da linguagem denominada

- A) emotiva.
- B) referencial.
- C) metalinguística.
- D) fática.
- E) apelativa.

Comentários:

O período *Consulte sempre o farmacêutico* faz uso da linguagem **apelativa ou conativa**, que tem por finalidade a convencer o receptor da mensagem de alguma coisa por meio de uma ordem ou de um conselho. O uso de verbos no modo imperativo é uma de suas principais características. Gabarito letra E.

LISTA DE QUESTÕES - NARRAÇÃO - MULTIBANCAS

1. (PREF. VINHEDO-SP / GUARDA MUNICIPAL / 2020)

Leia o texto a seguir para responder à questão.

Texto I

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de toicinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles. Animara-se a interrogar sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos.

(RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009, p. 59-60)

Quanto à tipologia, é correto afirmar que o texto é narrativo em função de todas as características típicas dessa categoria listadas, exceto:

- A) presença de personagens que agem ao longo do texto.
- B) defesa de um ponto de vista construída por argumentos.
- C) encadeamento de ações que conferem dinamismo ao texto.
- D) sequência temporal constituída por expressões adverbiais e verbos.

2. (MJSP / ANALISTA DE GOVERNANÇA DE DADOS / 2020)

O cinzeiro

Mário Viana

Procura-se um martelinho de ouro. Aceitam-se indicações de profissionais pacientes e com certa delicadeza para restaurar um cinzeiro que está na família há mais de cinco décadas. Não se trata



de joia de valor financeiro incalculável, mas de uma peça que teve seus momentos úteis nos tempos em que muita gente fumava. Hoje, é apenas o símbolo de uma época.

Arredondado e de alumínio, o cinzeiro chegou lá em casa porque meu pai o ganhara de presente de seu patrão, o empresário Baby Pignatari – como ficou mais conhecido o napolitano Francisco Matarazzo Pignatari (1917- 1977). Baby misturou na mesma medida as ousadias de industrial com as estripulias de playboy. No corpo do cinzeiro destaca-se um “P” todo trabalhado em relevo.

Nunca soube direito se meu pai ganhou o cinzeiro das mãos de Baby ou de sua mulher, a dona Ira – era assim que a princesa e socialite italiana Ira von Furstenberg era conhecida lá em casa. Só muitos anos depois, já adulto e jornalista formado, descobri a linha de nobreza que fazia de dona Ira um celebritade internacional.

[...] Pois esse objeto que já passou pelas mãos de uma princesa – italiana, mas principessa, que diacho – despencou outro dia do 12º andar até o térreo. Amassou, coitado. A tampa giratória ficou toda prejudicada E o botão de borracha que era pressionado também foi para o devido bebelê.

Mesmo assim, não acredito em perda total. Tenho fé em que um bom desamassador dê um jeito e devolva o cinzeiro, se não a seus dias de glória, pelo menos a uma aparência menos miserável. É o símbolo de uma trajetória, afinal de contas, há que respeitar isso.

Praticamente aposentado – a maioria dos meus amigos e eu deixamos de fumar –, o cinzeiro ocupava lugar de destaque na memorabilia do meu hipotético museu pessoal. Aquele que todos nós criamos em nosso pensamento mais secreto, com um acervo repleto de pequenos objetos desimportantes para o mundo.

Cabem nessa vitrine imaginária o primeiro livro sério que ganhamos, com a capa rasgada e meio desmontado; o chaveiro que alguém especial trouxe de um rolê mochileiro pelos Andes; o LP com dedicatória de outro alguém ainda mais especial; uma caneca comprada na Disney; o calção usado aos 2 anos de idade... e o velho cinzeiro carente de reparo.

Adaptado de: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mario-viana-ocinzeiro/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

A que gênero textual pertence o texto?

- A) Anúncio.
- B) Narração.
- C) Conto.
- D) Notícia.
- E) Crônica.

3. (COPERGÁS / ADMINISTRADOR / 2016)

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar



sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

- a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.
- b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.
- c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.
- d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.
- e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

GABARITO

1.	LETRA B
2.	LETRA E
3.	LETRA B



LISTA DE QUESTÕES - DESCRIÇÃO - MULTIBANCAS

1. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL SUPERIOR / 2020)

Desde os alvares da democracia ateniense, são sobejamente conhecidas as suas relações com a argumentação e a retórica. Porém, tal como a retórica e a argumentação podem ser postas ao serviço da mentira e da manipulação, também em relação à liberdade de expressão se coloca a questão dos seus limites.

O terceiro parágrafo do texto é essencialmente descritivo, porque caracteriza a liberdade de expressão.

GABARITO

1.	INCORRETA
----	-----------



LISTA DE QUESTÕES - DISSERTAÇÃO - MULTIBANCAS

1. (CREFONO - 5ª Região / AUXILIAR ADMINISTRATIVO / 2020)

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem são determinados tanto neurobiologicamente quanto socialmente e estão estreitamente relacionados ao desenvolvimento da aprendizagem, sendo o adequado desenvolvimento da linguagem fundamental para um processo de aprendizagem harmônico e satisfatório.

A linguagem pode ser entendida como um conjunto de símbolos com significado usados socialmente com o intuito de veicular a comunicação, portanto toda criança, na fase de aquisição da linguagem, aprende esse conjunto de símbolos comunicativos estabelecidos e convencionados para se relacionar e interagir com o meio a sua volta.

O desenvolvimento da linguagem ocorre de maneira hierárquica e estruturada, de acordo com as fases do desenvolvimento neuropsicomotor e com base em algumas estruturas ou sistemas, como o pragmático (uso), o fonológico (forma dos sons), o semântico (significado) e o gramatical (regras). Alterações em qualquer uma dessas estruturas ou sistemas configuram algumas formas de distúrbios de linguagem, que variam entre atraso (ritmo lento de aquisição), dissociação (discrepância entre linguagem e outras áreas) ou desvio (padrão de desenvolvimento alterado).

A linguagem compreende duas fases, a fase pré-linguística, quando a criança usa fonemas e vocalizações geralmente chamados de balbúcio, até mais ou menos o primeiro ano de idade, e a fase linguística, quando começa a usar palavras isoladas com compreensão, evoluindo para um nível maior de complexidade expressiva. A estruturação e a organização do pensamento e do raciocínio ocorrem por meio da linguagem, o que reforça o entendimento de que a aquisição e o desenvolvimento satisfatório da linguagem são fatores que contribuem positivamente para o desenvolvimento infantil de uma forma global e, principalmente, na aprendizagem da leitura e da escrita, pois há comprovações da influência das alterações linguísticas e fonológicas no processo de alfabetização.

As alterações da linguagem são os mais frequentes problemas do desenvolvimento das crianças e a principal queixa nos ambulatórios pediátricos. Por esse motivo, os profissionais que atuam, direta ou indiretamente, com crianças precisam conhecer cada etapa do desenvolvimento infantil, para detectar os possíveis percalços que ocorram nesse processo e minimizar, com adequada intervenção, transtornos do desenvolvimento, contribuindo para um harmônico desenvolvimento linguístico, cognitivo, neuropsicomotor e escolar.

Internet: <portaleducacao.com.br>

Estruturado em forma dissertativa, o texto trata da relação entre aquisição e desenvolvimento da linguagem e processo de aprendizagem.

2. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO / 2020)

ILUMINAÇÃO – 7:800\$000



A Prefeitura foi intrujada quando, em 1920, aqui se firmou um contrato para o fornecimento de luz. Apesar de ser o negócio referente a claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras. É um BLUFF*. Pagamos até a luz que a lua nos dá.

*BLUFF expressão inglesa que foi aportuguesada como “blefe”: atitude enganadora, em jogo de cartas, que busca iludir o adversário.

Por se tratar de um fragmento de um relatório administrativo, o texto é predominantemente

- A) argumentativo, porque apresenta análises de dados e busca persuadir um interlocutor específico.
- B) literário, porque foi escrito por Graciliano Ramos, célebre escritor da Literatura Brasileira.
- C) didático, porque é um excelente modelo de como se escrever relatórios de administração pública.
- D) informativo, porque traz dados, ações e resultados alcançados em um determinado período.
- E) descritivo, porque relata fatos e situações típicas de uma cidade do interior do país.

3. (MJSP / CIENTISTA DE DADOS / 2020)

Posfácio do livro Rio em Shamas (2016), de Anderson França, Dinho

Rafael Dragaud

NÃO PIRA! Foi com esse conselho, há cerca de seis anos, que começou minha história com o Dinho. Colaborávamos na mesma instituição social e vez ou outra nos esbarrávamos numa reunião, ele sempre ostensivamente calado. Por algum motivo da ordem do encosto, no sentido macumbeirístico mesmo, ou cumplicidade de gordos, vimos um no outro um elo possível de troca.

Ele então começou a me enviar milhões de textos que eram uma mistura frenética de sonhos, pseudorroteiros cinematográficos, pedidos de desculpas, posts-denúncias, listas de exigências de sequestrador, tudo num fluxo insano de criação, que ele mesmo dizia que um dia iria sufocá-lo de vez — o que me fez proferir o dito conselho.

O fato é que um dia passei em frente ao notebook dele e lá estava a tela quase inteiramente coberta de post-its, todos iguais, escritos: NÃO PIRA. E ele então me confidenciou: Cara, você resolveu minha vida. Eu só não posso pirar! É isso!

Esse episódio obviamente fala muito mais sobre essa característica de esponja afetointelectual dele do que sobre alguma qualidade do meu conselho. E foi sendo assim, esponja que se enche e se comprime (deixando desaguar seus textos em redes sociais), que foi surgindo um escritor muito especial. Especial não pra mãe dele ou pra Su (a santa), mas para a cidade do Rio de Janeiro.

Com uma voz e um estilo absolutamente singulares, Dinho flerta com a narrativa do fluxo do pensamento, o que poderia gerar textos apenas egoicos e herméticos, eventualmente mais valiosos pra ele do que para o leitor. Mas sei lá como, seus textos conciliam esse jeitão com uma relevância quase política, pois jogam luz sobre partes da cidade que merecem ser mais vistas, mais percebidas, e até mesmo mais problematizadas.



Dinho “vê coisas”. E, conseqüentemente, tem o que dizer. Não só sobre o subúrbio, suas ruas, seus personagens e seus modos, numa linhagem Antônio Maria ou João do Rio, mas muitas vezes também sobre bairros já enjoativos, de tão submersos em clichês, como o tão adorado-odiado Leblon. Seu “olhar de estrangeiro” revela estranhas entranhas da Zona Sul do Rio de Janeiro. O fato é que, com este livro, a cidade fica muito maior, mais plural e conseqüentemente mais justa.

Espero que este seja apenas o primeiro de uma série. Se é que posso dar mais algum conselho, o único que me ocorre ao vê-lo escrevendo hoje em dia é: NÃO PARE!

FRANÇA, Anderson. Rio em Shamas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

Assinale a alternativa que apresenta uma função do texto.

- A) Ressaltar o aspecto egoico e hermético dos textos de Dinho.
- B) Destacar que Rafael Dragaud foi um bom conselheiro.
- C) Exemplificar a importância de “não pirar” diante de uma situação estressante.
- D) Avaliar positivamente o livro e seu autor.
- E) Relatar a história de amizade entre Dinho e Rafael Dragaud.

4. (ISS SÃO LUIZ / AUD. FISCAL DE TRIBUTOS / 2018)

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica. A história da vida privada é, em primeiro lugar, a história de sua definição: como evoluiu sua distinção na sociedade francesa do século XX? Como o domínio da vida privada variou em seu conteúdo e abrangência?

A questão é tanto mais importante na medida em que não é certo que seu contorno tenha o mesmo sentido em todos os meios sociais. Para a burguesia da Belle Époque¹, não há nenhuma dúvida: o “muro da vida privada” separa claramente os domínios. Por trás desse muro protetor, a vida privada e a família coincidem com bastante exatidão. Esse domínio abrange as fortunas, a saúde, os costumes, a religião: se os pais que querem casar os filhos consultam o notário ou o pároco para “tomar informações” sobre a família de um eventual pretendente, é porque a família oculta cuidadosamente ao público o tio fracassado, o irmão de costumes dissolutos e o montante das rendas. E Jaurès², respondendo a um deputado socialista que lhe censurava a comunhão solene da filha: “Meu caro colega, você sem dúvida faz o que quer de sua mulher, eu não”, marcava com grande precisão a fronteira entre sua existência de político e sua vida privada.

Essa separação era organizada por uma densa teia de prescrições. A baronesa Staffe³, por exemplo, cita: “Quanto menos relações mantemos com a vizinhança, mais merecemos a estima e consideração dos que nos cercam”, “não devemos falar de assuntos íntimos com os parentes ou amigos que viajam conosco na presença de desconhecidos”. O apartamento ou a casa burguesa, aliás, se caracterizam por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. O lugar da família propriamente dita não é o salão: as crianças não entram no aposento quando há visitas e, como explica a baronesa, as fotos de família ficariam deslocadas nesse recinto. Ademais, as salas de visitas não são abertas a todos. Se toda dama da boa sociedade tem seu “dia” de receber – em 1907, são 178 em Nevers⁴ –, a visita à esposa de um



figurão supõe uma apresentação prévia. As salas de recepção estabelecem, portanto, um espaço de transição para a vida privada propriamente dita.

(Adaptado de: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs.). História da vida privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 14 e 15.)

Obs.:

1 Período de cultura cosmopolita na história da Europa que vai de fins do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

2 Jean Léon Jaurès (1859-1914): político socialista francês.

3 Pseudônimo de Blanche-Augustine-Angèle Soyer (1843-1911), autora francesa, célebre em seu tempo pela obra *Uso do mundo*, sobre como saber viver na sociedade moderna.

4 Região da França, ao sul-sudeste

No processo argumentativo,

(A) a consulta dos pais é mencionada porque constitui a causa de as famílias ocultarem cuidadosamente ao público fatos que poderiam ser considerados socialmente nocivos. (2º parágrafo)

(B) a resposta de Jaurès é citada para, na composição do painel da vida francesa, destacar que, já em fins do século XIX e começo do XX, havia críticas a políticos que usavam a vida particular para alavancar suas pretensões de homem público. (2º parágrafo)

(C) a presença do advérbio aliás sinaliza um oportuno acréscimo ao já dito acerca dos domínios da vida privada, agora demarcados pelo próprio espaço físico da burguesia francesa do século XX. (3º parágrafo)

(D) a menção a família propriamente dita delimita, no contexto do objeto focalizado, a referência a "aqueles que descendem de um casal". (3º parágrafo)

(E) a alusão a notário ou pároco faz parte da caracterização da sociedade da Belle Époque, com o intuito de demonstrar que a eles cabia, respectivamente, a responsabilidade pelas fortunas e pela vida religiosa das famílias. (2º parágrafo)

5. (SEFAZ-GO / AUDITOR / 2018)

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro mores escritos nas paredes do templo de Delfos: "O mais justo é o mais belo", "Observa o limite", "Odeia a hybris (arrogância)", "Nada em excesso". Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao "bocejante Caos", de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos



na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como "aquilo que agrada e atrai". Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma "ideia" (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

(A) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se nulificam.

(B) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisíaca.

(C) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.

(D) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.

(E) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.

GABARITO

1.	CORRETA
2.	LETRA D
3.	LETRA D
4.	LETRA C
5.	LETRA E



LISTA DE QUESTÕES - FUNÇÕES DA LINGUAGEM - MULTIBANCAS

1. (UFPB / FARMACÊUTICO / 2019)



Disponível em: <<https://www.revistacaminhoneiro.com.br/maio-faca-bonito-e-proteja-infancia/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Considerando as funções da linguagem, qual função se destaca nesse anúncio?

- A) Emotiva, marcada pela comoção ao tratar de um tema delicado como a exploração sexual infantil.
- B) Metalinguística, com valorização do código responsável pela expressão da mensagem.
- C) Conativa, com o uso de recursos persuasivos voltados ao enunciatário da mensagem.
- D) Fática, utilizada para expressar ideias de modo evasivo.

2. (CRF-RO / CONTADOR / 2019)



O período "Consulte sempre o farmacêutico.", ao revelar a finalidade principal do texto, coloca em evidência a função da linguagem denominada

- A) emotiva.
- B) referencial.

- C) metalinguística.
- D) fática.
- E) apelativa.

GABARITO

1.	LETRA D
2.	LETRA E



NOÇÕES BÁSICAS DE “TEXTO”

Olá, pessoal!

Nesta aula estudaremos o tópico mais cobrado nos concursos públicos: *interpretação de texto*!

Sozinho, o tópico “Compreensão e Interpretação de textos” é responsável por 27% a 40% de toda a prova, ao analisarmos os editais dos últimos dois anos.

Por isso, cara Aluna e caro Aluno, sugiro que se aprofunde neste assunto e resolva muitas questões. Ao longo da aula traremos formas de interpretar os textos de acordo com o que as bancas geralmente têm cobrado nas últimas provas.

A Interpretação de Textos é um exercício gradativo. Não é necessário nem recomendável ler todos os textos de uma vez! Sugiro que você divida essa aula em duas e aproveite melhor a lista de questões!

Uma boa interpretação de textos pressupõe uma série de conhecimentos e habilidades, anteriores ao texto em si.

O leitor precisa reconhecer:

- ✓ o contexto (situação/situacionalidade);
- ✓ a finalidade principal do texto: se é informar, narrar, descrever, e como essa intenção se materializa (intencionalidade discursiva);
- ✓ a linguagem: se é literal ou figurada; irônica; se tem um propósito estético, poético, lírico, além da sua mensagem principal;
- ✓ informações implícitas, quando há;
- ✓ referência a informações fora do texto ou a outros textos e se essas referências são parte do conhecimento de mundo do leitor (para que possa entender aceitar essa mensagem – aceitabilidade).

Enfim... Há muitos conceitos subjacentes à construção de um texto. A partir de agora, veremos os principais.

Grande abraço e ótimos estudos!

Time de Português



LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL

O **texto verbal** é aquele que se materializa em linguagem escrita ou falada. Vejamos um verbete de dicionário:

Resiliência - substantivo feminino

1. *FÍSICA: propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica.*

2. *figurado (sentido) figuradamente: capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças.*

O **texto “não verbal”** é o que usa outros elementos, que não a fala ou a escrita: imagens, música, gestos, escultura. Sinais, placas, pinturas, sons, linguagem corporal são todos elementos de linguagem “não verbal”. Comparem dois textos de mesma temática, mas escritos com linguagens diferentes:

Linguagem Verbal:

Urbanização é o crescimento das cidades, tanto em população quanto em extensão territorial. É o processo em que o espaço rural transforma-se em espaço urbano, com a consequente migração populacional do tipo campo-cidade que, quando ocorre de forma intensa e acelerada, é chamada de êxodo rural.

Linguagem Não Verbal:



Em prova, é comum a banca trazer textos “mistos”, “híbridos”, com elementos verbais e não verbais, ao mesmo tempo. Teremos então imagens e palavras. Vejamos:



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6493



LINGUAGEM LITERÁRIA E NÃO LITERÁRIA

A diferença básica entre um texto literário e um não literário é a função.

O **texto literário** tem uma *função estética*, tem ênfase no plano da expressão, ou seja, a forma é essencial ao texto.

Por isso, no texto literário, com função poética, abundam recursos estilísticos, como ritmo, versificação, estrutura planejada, figuras de som (rimas, aliterações), linguagem figurada, conotativa... Um texto literário não pode ser resumido, não pode ser alterado sem prejuízo. Se trocarmos uma palavra de lugar, perdemos o efeito estético de uma rima, por exemplo.

O **texto não literário** tem foco no *plano do conteúdo*, na informação, na referência que fornece, por isso pode ser resumido, reescrito de outras formas, sem prejuízo da mensagem original. Sua finalidade é utilitária (informar, convencer, explicar, documentar...), por isso preza pela objetividade, não pela forma. Compare:

Linguagem não literária:

Aos cinquenta anos, inesperadamente, apaixonei-me de novo.

Linguagem literária:

Na curva dos cinquenta derrapei neste amor. (Carlos Drummond de Andrade)

Veja que o segundo fragmento traz uma linguagem figurada (conotativa), por meio da metáfora “derrapar na curva”. Então, a preocupação estética, lírica, na elaboração da mensagem marca o texto literário.

OBS: A distinção vista acima não impede que textos utilitários (artigos, narrações, propagandas) tenham também efeitos estilísticos. A linguagem publicitária, por exemplo, abusa de efeitos estéticos em sua criação.



INTERTEXTUALIDADE

Basicamente, a intertextualidade é **comunicação/diálogo entre textos** (texto escrito, música, pintura, obra audiovisual...), isto é, ocorre intertextualidade quando um texto faz referência a outro, de forma implícita (de forma oculta, de modo que o leitor depende de seu conhecimento de mundo para identificar a referência) ou explícita (por exemplo, numa citação direta, com identificação da autoria do outro texto citado).

Vejamos as principais formas de intertextualidade:

Citação: É a **reprodução** do discurso alheio, normalmente **entre aspas** e com indicação da autoria.

Epígrafe: **Citação curta** colocada em uma página no início da obra ou destacada no início de um capítulo. Normalmente abre uma narrativa com a reprodução de frase célebre que anuncia ou resume a temática do capítulo/obra que se inicia.



EXEMPLIFICANDO

Se um homem tem um talento e não tem capacidade de usá-lo, ele fracassou. Se ele tem um talento e usa somente a metade deste, ele fracassou parcialmente. Se ele tem um talento e de certa forma aprende a usá-lo em sua totalidade, ele triunfou gloriosamente e obteve uma satisfação e um triunfo que poucos homens conhecerão.

Thomas Wolfe

Paródia: é a **criação de um texto a partir de outro**, com finalidade humorística, irônica.



EXEMPLIFICANDO

Rua Nascimento Silva, 107

Você ensinando pra Elizete

As canções de canção do amor demais

Minha janela não passa de um quadrado

A gente só vê cimento armado

Onde antes se via o Redentor

É, meu amigo, só resta uma certeza

É preciso acabar com a natureza

Rua Nascimento Silva, 107

Eu saio correndo do pivete

Tentando alcançar o elevador

Minha janela não passa de um quadrado

A gente só vê Sérgio Dourado

Onde antes se via o Redentor

É, meu amigo Só resta uma certeza

É preciso acabar com a natureza



É melhor lotear o nosso amor

Original - Carta ao Tom 74 -

Toquinho e Vinícius de Moraes

É melhor lotear o nosso amor

Paródia “Carta do Tom” –

Chico Buarque

Veja exemplos famosos, com linguagem também não verbal.



Algumas reproduções grosseiras de outros trabalhos, usando a mesma linguagem/sintaxe, envolvendo colagens ou montagens de textos diversos (como uma “colcha de retalhos”), são chamadas de “**pastiche**”.

As definições clássicas de pastiche são muito parecidas com a da paródia, mas se considera que o pastiche, diferente da paródia, não tem finalidade de criticar ou ridicularizar a obra de origem.

Paráfrase: é a criação de um texto a partir de outro, é uma reescritura de ideias com outras palavras. A paráfrase não tem finalidade humorística, mas sim reproduz, preserva e confirma a ideologia do texto original.

Tradução: é a reprodução de um texto de uma língua para outra.

Referência/Alusão: é uma referência a outro texto, mas de forma vaga, indireta, sem indicação. Depende do conhecimento de mundo do leitor para fazer sentido.

Ex: *João ficou feliz por receber aquela promoção, sem saber que era um presente de grego.*

Aqui, a expressão “presente de grego” se refere à história da guerra de Troia, em que os Gregos deram de presente aos troianos um cavalo de madeira, como símbolo de trégua. O cavalo, na verdade, estava cheio de soldados gregos, que, à noite, massacraram os troianos dormindo e abriram os portões da cidade para a entrada do exército grego.

Ex: *“Profissão Mestre Adverte: dar aulas pode ser prejudicial à saúde”.*

Veja que há referência insinuada às propagandas do Ministério da Saúde acerca do cigarro.



Essas definições e exemplos são de difícil diferenciação em muitos casos, então a banca pode muito bem não diferenciar precisamente os conceitos. O importante é reconhecer que são todas formas de intertextualidade, de comunicação entre textos.



(SANASA - CAMPINAS (SP) / 2019 - Adaptada)



Considere o trecho hipotético de uma conversa entre um cidadão-usuário e um atendente da empresa prestadora de serviços, conforme abaixo.

Atendente: “Por favor, senhor, me explique o que está acontecendo?”

Cidadão-usuário: A fatura da minha conta de água dos cinco últimos meses não passava de R\$ 90,00, mas a desse mês veio R\$ 280,00! Eu não sei se tem um vazamento na caixa ou se o relógio de medição quebrou.”

Atendente: “Pelo que o senhor está me relatando, o senhor está com dúvida na sua conta de água e pode ter um problema com a sua instalação.

Cidadão-usuário: “Sim, é isso mesmo!”

Nesse trecho de conversa, o atendente utilizou de um recurso denominado paródia.

Comentários:

Da análise da conversa, percebemos que o atendente **repetiu** o que o cliente disse, por meio da utilização de outras palavras, de modo a tornar a compreensão mais fácil. Tal recurso é a “paráfrase”. Lembre-se que a paródia tem a finalidade humorística, irônica. Questão incorreta.



INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO

Embora muitos alunos os tratem por sinônimos, interpretar e compreender são ações diferentes. Sem filosofar muito, para efeito de prova, **interpretar** é ser capaz de depreender informações do texto, deduzir baseado em pistas, inferir um subtexto, **que não está explícito, mas está pressuposto**.

Compreender, por sua vez, seria **localizar uma informação explícita** no texto e não depende de nenhuma inferência, porque está clara.

Essa diferença aparece nos enunciados, quando a banca nos informa se uma questão deve ser resolvida por **recorrência** (compreensão) ou por **inferência** (interpretação).

Veremos aqui uma breve distinção teórica e depois partiremos para as questões, porque só aprendemos a interpretar lendo e interpretando.

Recorrência:

O leitor deve buscar no texto aquela informação, sabendo que a resposta estará escrita com outras palavras, em forma de paráfrase, ou seja, de uma reescritura. É o tipo mais comum: a resposta está direta e literal no texto.

Inferência:

O leitor deve fazer deduções a partir do texto. O fundamento da dedução será um pressuposto, ou seja, uma pista, vestígios que o texto traz. Deduzir além das pistas do texto é extrapolar. Geralmente questões de inferência trazem o seguinte enunciado: “depreende-se das ideias do texto”.

Ex: Douglas **parou** de fumar.

Nessa informação temos um **pressuposto**, indicado no verbo parar. Só para de fumar quem começou a fumar. Então podemos inferir, deduzir, depreender dessa frase que Douglas fumava.

Ex: **Ainda** não lançaram o novo filme do Tarantino.

O advérbio ainda é um **pressuposto** e traz o sentido implícito de que há expectativa de que o filme já deveria ter saído.

Ex: Minha **primeira** esposa **desistiu** de comprar aquele carro **que não polui o ambiente**.

Pode se **inferir** de “primeira esposa” que o interlocutor se casou mais de uma vez, e que a referida primeira esposa pretendia comprar um determinado carro, tanto que desistiu. A oração restritiva “que não polui o ambiente” indica que nem todos os carros têm essa característica de não poluir.

Ex: **Embora** ele **tentasse** estudar sempre, **até** nos fins de semana, **continuou sendo** criticado.



A conjunção “embora”, por ser concessiva, nos permite inferir que aquela oração é vista como um possível “obstáculo” ao que vai ser dito a seguir. Entende-se que o estudo constante deveria impedir a crítica, mas não impede. O verbo “tentasse” já sugere que ele ‘tentava’, mas não conseguia. A palavra denotativa “até” dá sentido de inclusão, mas com uma camada semântica de concessão. Podemos depreender que “até nos fins de semana” indica que estudar no fim de semana tem um valor diferente. A forma “continuou” implica um início anterior: só continua quem começou.

Ex: A população **supõe** que os senadores **se tornarão** defensores da nova democracia.

O uso do verbo “supõe” **sugere** uma crença no que não é verdadeiro. A forma “se tornarão” indica mudança de estado, o que nos permite deduzir que o estado atual não é esse. Em outras palavras, os senadores não são defensores da nova democracia. A propósito, o adjetivo ‘nova’ permite presumir a existência de uma democracia “velha”.

Os **subentendidos**, ao contrário dos pressupostos, não são decorrências necessárias das pistas, mas são deduções subjetivas, são **informações presumidas e insinuadas**.

Imagine os seguintes diálogos entre pessoas no ponto de ônibus:

Ex: — **Você tem relógio?**
— São 11 horas.
— Obrigado!

Há aqui um subentendido: “quero saber que horas são”, que foi prontamente captado pelo ouvinte.

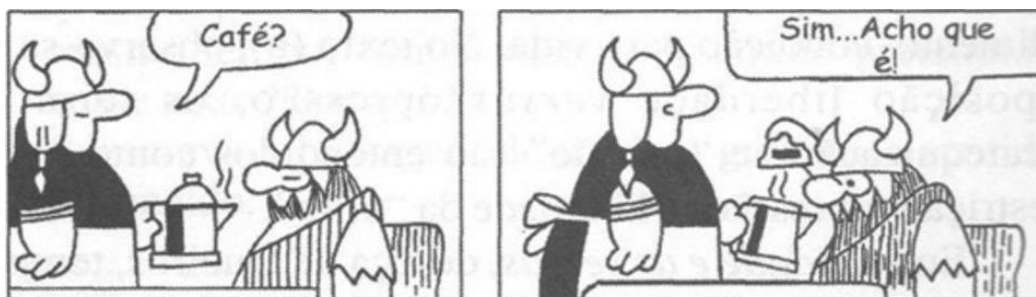
Ex: — **Você tem isqueiro?**
— Tenho sim. Por quê?
— !!!

Há neste exemplo um subentendido na pergunta: “gostaria de acender meu cigarro”. Mas o ouvinte não compreendeu a informação subentendida e respondeu de forma literal à pergunta insinuada.

O **pressuposto**, embora traga informação implícita, está **visivelmente registrado no teor daquelas palavras**, está “marcado linguisticamente”, ao passo que o **subentendido** é uma insinuação, não marcada linguisticamente, ou seja, **não está propriamente nas palavras, é extralinguístico**, está nas entrelinhas.

Por isso, a leitura literal das palavras pode levar a outra interpretação e não à informação subentendida.

Vejamos mais um exemplo de subentendido:



Novamente, a “oferta” de café, subentendida, não foi observada pelo ouvinte, que se ateve ao sentido literal

registrado nas palavras.

Enfim, pessoal, infelizmente não há uma dica milagrosa para interpretação. Teremos sempre que fazer esse exercício de buscar informações explícitas e implícitas no texto, baseado em vestígios e pistas, nas entrelinhas, ou muitas vezes encontrando a reescritura equivalente de uma ideia apresentada.

O que posso oferecer a vocês, é um passo a passo a ser seguido para a resolução das questões que envolvam Compreensão e Interpretação de texto:



Como se sair melhor nas questões de interpretação e compreensão:

1. Leia o **texto todo**. Leia outra vez, marcando as ideias centrais de cada parágrafo, que frequentemente vêm no seu início.
2. A ideia central na introdução e na conclusão é a **tese**. No desenvolvimento é o **tópico frasal**.
3. Questões de **recorrência** são resolvidas encontrando uma paráfrase. Questões de **inferência** exigem uma dedução baseada e pressupostos.



(ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO AMAPÁ / 2020 - Adaptado)

Novas formas de vida?

Uma forma radical de mudar as leis da vida é produzir seres completamente inorgânicos. Os exemplos mais óbvios são programas de computador e vírus de computador que podem sofrer evolução independente.

*O campo da programação genética é hoje um dos mais interessantes no mundo da ciência da computação. Esta tenta emular os métodos da evolução genética. Muitos programadores sonham em criar um programa capaz de aprender e evoluir de maneira totalmente independente de seu criador. Nesse caso, o programador seria um *primum mobile*, um primeiro motor, mas sua criação estaria livre para evoluir em direções que nem seu criador nem qualquer outro humano jamais poderiam ter imaginado.*

Um protótipo de tal programa já existe – chama-se vírus de computador. Conforme se espalha pela internet, o vírus se replica milhões e milhões de vezes, o tempo todo sendo perseguido por programas de antivírus predatórios e competindo com outros vírus por um lugar no ciberespaço. Um dia, quando o vírus se replica, um erro ocorre – uma mutação computadorizada. Talvez a mutação ocorra porque o engenheiro humano programou o vírus para, ocasionalmente, cometer erros aleatórios de replicação. Talvez a mutação se deva a um erro aleatório. Se, por acidente, o vírus modificado for melhor para escapar de programas antivírus sem perder sua capacidade de invadir outros computadores, vai se espalhar pelo ciberespaço. Com o passar do tempo, o ciberespaço estará cheio de novos vírus que ninguém produziu e que passam por uma evolução inorgânica.

Essas são criaturas vivas? Depende do que entendemos por “criaturas vivas”. Mas elas certamente foram criadas a partir de um novo processo evolutivo, completamente independente das leis e limitações da



evolução orgânica.

No último parágrafo do texto, sugere-se que o âmbito da biologia e da genética não inclui processos que se possam reconhecer como propriamente evolutivos.

Comentários:

O autor diz justamente o contrário: "*elas certamente foram criadas a partir de um novo processo evolutivo*".

Pense assim: se é um "novo processo evolutivo", significa que havia um antigo processo evolutivo que era considerado. Portanto, não se pode dizer que "o âmbito da biologia e da genética **não** inclui processos que se possam reconhecer como propriamente evolutivos". Questão incorreta.

(TCE-RS / 2018)

Considere o seguinte fato: Há verbos que, em decorrência de seu sentido lógico, permitem presumir uma ideia que não vem expressa de modo explícito nas frases em que se encontram. Essa ideia é parte integrante do sentido da frase.

Analise, então, as frases que seguem.

- I. Ao final, competia ao mais jovem a difícil decisão.
- II. A cada ação humanitária, eleva-se a esperança dos imigrantes.
- III. Depois de muitas aventuras, bem e mal-sucedidas, retornou à advocacia.
- IV. Com os novos dados, os investidores apressaram as negociações.

É correto afirmar que, pelo motivo exposto, há informação implícita em:

- a) I, II, III e IV. b) I, II e IV, apenas. c) II, apenas. d) IV, apenas. e) I e III, apenas.

Comentários:

Essa questão é excelente para ilustrar a noção de pressuposto textual. Todas as alternativas são exemplificam a presença de informações implícitas. Vejamos quais:

- I. Ao final, competia ao mais jovem a difícil decisão.

O tempo pretérito competia sugere que "não mais compete"; além disso, se já um "mais jovem", presume-se que haja mais de uma pessoa e que seja necessariamente mais velha do que aquele a quem competia a decisão.

- II. A cada ação humanitária, eleva-se a esperança dos imigrantes.

O verbo "elevar-se" traz a informação implícita de que a esperança estava baixa.

- III. Depois de muitas aventuras, bem e mal-sucedidas, retornou à advocacia.

Se "retornou" à advocacia, presume-se que fora advogado antes. Só retorna à advocacia quem já esteve na advocacia.

- IV. Com os novos dados, os investidores apressaram as negociações.

"Novos dados" faz presumir que já havia dados antes; também é possível inferir do verbo "apressaram" que as negociações estavam lentas. Em II e IV, as informações implícitas são realmente muito sutis, mas a questão é, mesmo assim, muito boa para o estudo deste tópico. Gabarito letra A.





ESQUEMATIZANDO

Leia o texto todo. Leia outra vez, marcando as ideias centrais de cada parágrafo, que frequentemente vêm no seu início.

A ideia central na introdução e na conclusão é a tese. No desenvolvimento é o tópico frasal.

Questões de recorrência são resolvidas encontrando uma paráfrase. Questões de inferência exigem uma dedução baseada e pressupostos.



JULGAMENTO DE ASSERTIVAS: PRINCIPAIS ERROS

Pessoal, vamos ver agora os principais raciocínios equivocados que fazem o aluno errar na hora da prova.

Extrapolar:

Esse é o **erro mais comum**. O texto vai até um limite e o examinador oferece uma **assertiva que “vai além” desse limite**.

O examinador inventa aspectos que não estão contidos no texto e o candidato, por não ter entendido bem o texto, preenche essas lacunas com a imaginação, fazendo outras associações, à margem do texto, estimulado pela assertiva errada. O exemplo mais perigoso é a extrapolação com informação verdadeira, mas que não está no texto.

Limitar e Restringir:

É o contrário da extrapolação. Geralmente se manifesta na **supressão de informação essencial** para o texto. A assertiva reducionista omite parte do que foi dito ou restringe o fato discutido a um universo menor de possibilidades.

Acrescentar opinião:

Nesse tipo de assertiva errada, o examinador **parafraseia parte do texto, mas acrescenta um pouco da sua própria opinião**, opinião esta que não foi externada pelo autor.

A armadilha dessas afirmativas está em embutir uma opinião que não está no texto, mas que está na consciência coletiva, pelo fato de ser um clichê ou senso comum que o candidato possa compartilhar.

Contradizer o texto.

O texto original diz “A” e o **texto parafraseado da assertiva errada diz “Não A” ou “B”**.

Para disfarçar essa contradição, a banca usará muitas palavras do texto, fará uma paráfrase muito semelhante, mas com um vocábulo crucial que fará o sentido ficar inverso ao do texto.

Tangenciar o tema.

O examinador cria uma assertiva que aparentemente se relaciona ao tema, mas **fala de outro assunto**, remotamente correlato. No mundo dos fatos, aqueles dois temas podem até ser afins, mas no texto não se falou do segundo, só do primeiro; então houve fuga ao tema.

Vamos fazer um exercício e localizar esses erros num texto.

Para evitar os erros acima, o leitor deve ser capaz de fazer o “recorte temático”, isto é, uma delimitação do



tema, um estabelecimento de fronteiras do que está no texto e o que o extrapola.



(ESTRATÉGIA CONCURSOS / QUESTÃO INÉDITA / 2020) As causas do desemprego no mundo

Atualmente o mundo atingiu um nível muito alto de desemprego, fato que só havia acontecido, em proporções similares, após a crise de 29.

Segundo os órgãos internacionais, existem hoje, aproximadamente, 850 milhões de pessoas desempregadas, algumas profissões foram superadas outras extintas, o crescimento constante de tecnologias provoca alterações no mercado de trabalho em todo o mundo.

Até mesmo em países de terceiro mundo, as fábricas e indústrias estão sofisticadas e modernas. As empresas são obrigadas a investir maciçamente em tecnologia para garantir rapidez e melhorar a qualidade, itens necessários em um mercado tão competitivo.

De acordo com os fragmentos abaixo, julgue os itens:

I- Consoante algumas instituições internacionais, um número próximo de 850 milhões de pessoas estão desempregadas, pois o desenvolvimento das tecnologias de automação modificou profundamente as relações de trabalho, aumentando a rotatividade nos postos de trabalho.

II- Segundo o autor, o desemprego no Brasil atingiu um nível muito alto, algo que só ocorrera após a depressão de 1929.

III- Fábricas em países de terceiro mundo, ao contrário do que possa parecer, ostentam plantas modernas, em que há grandes investimentos em tecnologia, pois esse é um fator necessário para sobreviver num mercado competitivo, assim como a qualidade da mão de obra.

IV- De acordo com organismos internacionais, há aproximadamente 850 milhões de desempregados, tendo em vista que algumas profissões foram superadas e extintas, além do fato de que o crescimento constante de tecnologias provoca manutenção das relações de trabalho no mercado em todo o mundo. Tal nível de desemprego é sem precedentes na história.

V- Os investimentos em tecnologia são um grande fator para a deterioração dos benefícios trabalhistas, constitucionalmente garantidos, acentuando a condição de hipossuficiente dos operários das modernas e sofisticadas fábricas em todo o mundo.

Comentários:

I- No primeiro item, há extrapolação. O texto não menciona nada sobre automação nem sobre rotatividade de trabalho; embora seja possível fazer essas associações à luz do tema “desemprego” isso foi além do que estava escrito no texto. Essas informações não estão contidas.

II- Houve redução drástica da abrangência do tema. O autor fala do desemprego em todo o mundo; a assertiva somente menciona o Brasil, tornando o universo da discussão muito restrito.

III- Esse “ao contrário do que possa parecer” é opinião do examinador levemente embutida no item. O texto não diz claramente que as fábricas parecem menos modernas. Pelo contrário, diz que até as fábricas em países de terceiro mundo estão sofisticadas; então poderíamos até entender um sentido concessivo de que



não é esperado que essas fábricas sejam modernas, mas isso é diferente de dizer que “não parecem” modernas. também foi acrescentada uma outra opinião: que “a qualidade da mão de obra é tão importante quanto a tecnologia”. Essas opiniões são compartilhadas por muitas pessoas, então o candidato pode se identificar e marcar o item como certo. Contudo, não constam no texto escrito.

IV- O item é quase todo igual ao texto original, mas no finalzinho traz uma informação oposta: “o crescimento constante de tecnologias provoca manutenção das relações de trabalho”. Não há manutenção, há mudanças constantes, nas palavras do autor, há “alterações”. Também contradiz o texto a parte: “Tal nível de desemprego é sem precedentes na história”. Isso não é verdade, pois também houve desemprego alto após a crise de 29, conforme o texto.

V- O tema do texto é o aumento do desemprego. Esta assertiva menciona indiretamente a tecnologia, mas foca em outro tema: “direitos trabalhistas”. Embora remotamente relacionados, houve fuga ao objeto principal do texto.

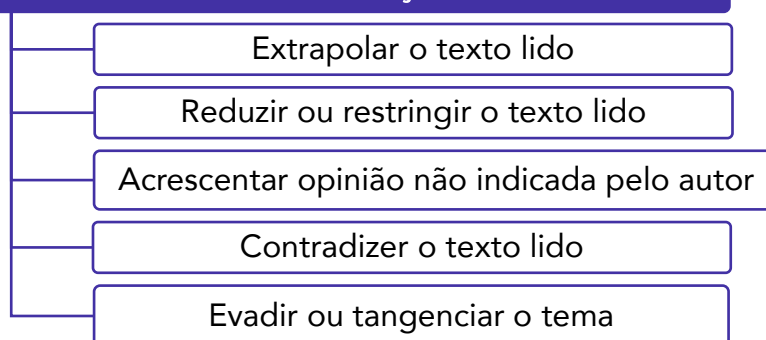
Dessa forma, observamos que, embora todas as alternativas tragam palavras muito semelhantes às do texto, todos os itens estão errados. Gabarito EEEEE.

Viram, pessoal? É assim que a banca trabalha para enganar você: muda pequenas partes do texto, subtraindo ou acrescentando informações com o propósito de mudar o sentido da assertiva.



ESQUEMATIZANDO

ERROS DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL



O mais importante é sempre praticar muito, ler vários textos, tentar responder aos itens e ler nos comentários qual foi o raciocínio que fundamentou o gabarito. Vá praticando devagar, textos são longos e levam tempo, mas não há outra forma de melhorar sua leitura senão ler.

Se necessário, faça suas baterias de questões em partes, para não ficar cansado lendo muitos textos de uma só vez.

Agora que já vimos toda a teoria, é hora de Praticar!



QUESTÕES COMENTADAS - COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO - MULTIBANCAS

1. (ALAP / AUXILIAR LEGISLATIVO / 2020)

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

(Cecília Meirelles)

Considere as afirmações abaixo.

- I. No poema, verifica-se um processo de mudança, decorrente da passagem do tempo.
- II. O elemento sublinhado em *Que nem se mostra* (2ª estrofe) refere-se a “coração”.
- III. Sem prejuízo para o sentido, o segmento sublinhado no verso *Eu não dei por esta mudança* (3ª estrofe) pode ser substituído por “ainda não assimilei”.
- IV. A repetição do termo “assim” em *Assim calmo, assim triste, assim magro* (1ª estrofe) prediz uma consequência, expressa no verso seguinte.

Está correto o que consta APENAS em

- (A) II e III.
- (B) I, II e IV.
- (C) I e III.
- (D) I e II.
- (E) III e IV.



Comentários:

I Correto. Percebemos essa passagem do tempo pelos verbos no pretérito: tinha, dei...

II Correto. Eu não tinha este coração Que nem se mostra. O pronome "que" retoma o antecedente coração.

III Incorreto. O sentido é "não percebi". Assimilar é absorver, entender.

IV Incorreto. O sentido é de modo. Gabarito letra D.

2. (CREMERS / ASSISTENTE BÁSICO / 2020)



Internet: <<http://www.meusnervos.com.br>>.

Nas três primeiras cenas dos quadrinhos, é correto afirmar que o personagem está

- A) conversando consigo mesmo
- B) em uma conversa telefônica.
- C) em uma videoconferência.
- D) participando de uma reunião de trabalho
- E) prestes a se levantar de manhã.

Comentários:

Preste bastante atenção nas mãos do personagem: ele segura um telefone. Assim, ele está falando ao telefone com seu médico (confirmação está no 4º quadrinho). Gabarito: Letra B.

3. (CREFONO - 5ª Região / AUXILIAR ADMINISTRATIVO / 2020)

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem são determinados tanto neurobiologicamente quanto socialmente e estão estreitamente relacionados ao desenvolvimento da



aprendizagem, sendo o adequado desenvolvimento da linguagem fundamental para um processo de aprendizagem harmônico e satisfatório.

A linguagem pode ser entendida como um conjunto de símbolos com significado usados socialmente com o intuito de veicular a comunicação, portanto toda criança, na fase de aquisição da linguagem, aprende esse conjunto de símbolos comunicativos estabelecidos e convencionados para se relacionar e interagir com o meio a sua volta.

O desenvolvimento da linguagem ocorre de maneira hierárquica e estruturada, de acordo com as fases do desenvolvimento neuropsicomotor e com base em algumas estruturas ou sistemas, como o pragmático (uso), o fonológico (forma dos sons), o semântico (significado) e o gramatical (regras). Alterações em qualquer uma dessas estruturas ou sistemas configuram algumas formas de distúrbios de linguagem, que variam entre atraso (ritmo lento de aquisição), dissociação (discrepância entre linguagem e outras áreas) ou desvio (padrão de desenvolvimento alterado).

A linguagem compreende duas fases, a fase pré-linguística, quando a criança usa fonemas e vocalizações geralmente chamados de balbúcio, até mais ou menos o primeiro ano de idade, e a fase linguística, quando começa a usar palavras isoladas com compreensão, evoluindo para um nível maior de complexidade expressiva. A estruturação e a organização do pensamento e do raciocínio ocorrem por meio da linguagem, o que reforça o entendimento de que a aquisição e o desenvolvimento satisfatório da linguagem são fatores que contribuem positivamente para o desenvolvimento infantil de uma forma global e, principalmente, na aprendizagem da leitura e da escrita, pois há comprovações da influência das alterações linguísticas e fonológicas no processo de alfabetização.

As alterações da linguagem são os mais frequentes problemas do desenvolvimento das crianças e a principal queixa nos ambulatórios pediátricos. Por esse motivo, os profissionais que atuam, direta ou indiretamente, com crianças precisam conhecer cada etapa do desenvolvimento infantil, para detectar os possíveis percalços que ocorram nesse processo e minimizar, com adequada intervenção, transtornos do desenvolvimento, contribuindo para um harmônico desenvolvimento linguístico, cognitivo, neuropsicomotor e escolar.

Internet: <portaleducacao.com.br>

Entende-se da leitura do texto que um processo de alfabetização insatisfatório compromete o desenvolvimento da linguagem.

Comentários:

Na verdade é o contrário. Retomando o texto, percebemos que

"a aquisição e o desenvolvimento satisfatório da linguagem são fatores que contribuem positivamente (...) na aprendizagem da leitura e da escrita (...)"

Portanto, é o desenvolvimento insatisfatório da linguagem que compromete a alfabetização. Questão incorreta.

4. (PREF. IMBÉ - RS / TELEFONISTA / 2020)

Felicidade: processo em construção

Quem passou por um sofrimento profundo sabe que a felicidade não está pronta, mas sempre em construção. A jornalista gaúcha Nereida Vergara sofreu um baque sete dias antes de



completar 50 anos. Tudo ruiu quando soube da traição do marido com uma mulher mais jovem. “De criatura alegre, passei a ser um fantasma raivoso e amargo, me despersonalizei a ponto de não reconhecer minha imagem no espelho”.

Nereida pediu o divórcio, passou pelo divã e encarou a dureza de ter um interlocutor que apontava os seus erros, e não os da outra pessoa. Depois, reviu sua relação com o trabalho, que havia deixado em segundo plano por causa do casamento, e começou em um novo emprego. “Acho que reeditei minha história e a coloquei em um cenário real”, diz ela, que deixou de lado a fantasia do amor eterno. “Minha alegria tem sido acordar todos os dias, molhar minhas plantas, alimentar meus gatos, saber que minhas crianças estão seguras, fazer meu trabalho com honestidade e, à noite, voltar pra casa, que tem a porta aberta para quem quiser me visitar”. De certa forma, Nereida conseguiu cultivar os cinco componentes para alcançar o bemestar proposto por Martin Seligman, fundador da psicologia positiva e principal teórico da área. São eles: 1) ter emoções positivas, o que significa canalizar a energia para algo bom, mesmo

que os sentimentos sejam raiva e tristeza – não se esqueça de que eles podem ser fonte de aprendizado e autoconhecimento; 2) engajar-se num trabalho ou tarefa de que você goste; 3) fortalecer laços com família e amigos; 4) encontrar algo pelo qual valha a pena viver; 5) ter um propósito que ofereça desafios constantes.

Para alcançar isso, é preciso ter foco. Em um consagrado artigo de 2010, os psicólogos Daniel Gilbert e Matthew Killingsworth, da Universidade de Harvard, concluíram que uma mente dispersa é uma mente infeliz. Embora a capacidade do nosso cérebro de divagar e prever o futuro seja uma conquista cognitiva evolutiva fundamental, que no passado nos ajudou a antecipar a chegada de um predador ou a armazenar comida para um inverno rigoroso, hoje ela pode ter uma repercussão negativa. Isso porque passamos boa parte do nosso tempo – 46% do dia, segundo o estudo – pensando no passado, no futuro, imersas em ideias. Isto é, viajamos acordadas quase metade do dia e, com frequência, lidamos com o mundo sem estar necessariamente conscientes. Como antídoto, a dupla de psicólogos recomenda treinar a atenção plena no presente, tal qual sugere o budismo.

Mas não vá buscando encontrar a felicidade na meditação. “Hoje em dia, descobriram a meditação com o objetivo de aumentar a produtividade. É o uso da meditação para lustrar o ego”, critica a monja Kokai. “Na meditação zen, a busca não é para engrandecer ainda mais nosso ego, mas para deixá-lo mais generoso”, diz. Segundo Kokai, o budismo até mesmo evita a palavra felicidade. Prefere contentamento, que contempla melhor a transitoriedade do que significa sentir-se bem.

“Como vou ser feliz em uma era em que a civilização tem tantos impasses e retrocessos? Como podemos ser felizes com tantas desigualdades e injustiças sociais? Mas é possível calibrar um olhar de contentamento diante da vida com respostas que nunca estão prontas”, diz. Dunker também acredita que precisamos cultivar uma cultura da generosidade e expandir nosso ideal de felicidade para além do nosso umbigo. “Vai chegar um momento em que ser feliz ou não deixará de ser uma questão relevante. Vamos nos preocupar em termos um propósito ou em aprender a amar”, conclui.

(Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/estilo-de-vida/obsessao-feliz-tornando-ansiosas-depressivas/> – texto adaptado especialmente para esta prova.)

Assinale a alternativa que indica um comportamento que NÃO esteja de acordo com as propostas da psicologia positiva de Martin Seligman.

A) Jantar com a família ao redor de uma mesa estabelecendo vínculos afetivos.



- B) Praticar um esporte que te dê prazer.
- C) Extravasar sua raiva em uma atividade física que te traga bem-estar.
- D) Verbalizar sentimentos negativos como forma de vingança contra quem te magoou.
- E) Estabelecer metas de vida que deem a ela um sentido.

Comentários:

A única alternativa que traz uma atitude negativa e, assim, contrária ao comportamento preconizado por Seligman é a Letra D: *Verbalizar sentimentos negativos como forma de vingança contra quem te magoou*. Gabarito: Letra D.

5. (PREF. IMBÉ - RS / TELEFONISTA / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

Assinale a alternativa que expressa a discussão central do texto.

- A) O divórcio da jornalista gaúcha.
- B) O processo de construção da sensação de bem-estar.
- C) Os efeitos negativos de se pensar no futuro.
- D) Os efeitos da raiva no organismo.
- E) O mal-uso da meditação.

Comentários:

A discussão do texto gira em torno do bem-estar, trazendo argumentos que auxiliem o leitor em seu processo de construção. Portanto, Gabarito: Letra B.

6. (PREF. IMBÉ - RS / TELEFONISTA / 2020) Utilizar texto da questão 05.

Considerando o exposto pelo texto, analise as assertivas a seguir:

- I. Nas sessões de terapia, a jornalista Nereida teve que encarar suas atitudes erradas.
- II. As atividades praticadas por Nereida estão de acordo com os passos para se buscar o bem-estar.
- III. Uma das buscas do budismo é um estado constante de felicidade.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas I e II.
- D) Apenas I e III.
- E) Apenas II e III.

Comentários:

Vejamos os itens:

- I. CERTO.



II. CERTO.

III. ERRADO. Ao retomar o texto, vemos outra relação do budismo com a felicidade: " Segundo Kokai, o budismo até mesmo evita a palavra felicidade. Prefere contentamento, que contempla melhor a transitoriedade do que significa sentir-se bem ". Portanto, Gabarito: Letra C.

7. (PREF. TRÊS PALMEIRAS - RS / TÉCNICO DE ENFERMAGEM / 2020)

Fóssil de 300 milhões de anos é o indício mais antigo do cuidado materno

A ideia de que uma mãe protege seu filho a qualquer custo parece existir desde que o mundo é mundo. Porém, para a ciência não é bem assim. Estudiosos ainda buscam entender como se deu esse comportamento ao longo da evolução, e uma nova pesquisa da Universidade Carleton, no Canadá, traz pistas valiosas para esse campo de estudo.

A equipe liderada pela professora Hillary Maddin analisou fósseis de mais de 300 milhões de anos de uma espécie chamada Dendromaia unamakiensi, encontrados em 2017 em um toco de árvore na região da Nova Escócia, no Canadá. Os ossos – descobertos pelo caçador de fósseis amador Brian Hebert – eram de um espécime adulto e de seu filhote; ambos estavam em uma posição que indica que o mais velho (a mãe) estava tentando proteger o pequeno.

“Essa é a evidência mais antiga de cuidados prolongados após o nascimento em um vertebrado”, comenta Maddin em nota enviada _____. De acordo com a pesquisa, publicada na revista Nature Ecology & Evolution, esse fóssil é 40 milhões de anos mais antigo que o fóssil anteriormente tido como o mais antigo de uma mãe protegendo seu filho. Os achados revelam que o Dendromaia unamakiensi tinha penas e era semelhante a um lagarto, embora não seja parente desse tipo de réptil. Os autores explicam que, uma vez que os animais começaram a botar ovos na terra, eles se dividiram em duas linhas evolutivas: uma que gerou répteis, pássaros e dinossauros, e outra, na qual o Dendromaia unamakiensi se encaixa, que levou aos mamíferos.

(Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/12/fossil-de-300/> – texto adaptado especialmente para esta prova.)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

I. Répteis, pássaros e dinossauros pertencem à mesma linha evolutiva.

II. Estudiosos não compreendem por que as mães, em geral, protegem seus filhos.

III. A professora Hillary Maddin lidera uma pesquisa na Universidade Carleton, nos Estados Unidos.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.

B) Apenas II.

C) Apenas I e II.

D) Apenas II e III.

E) I, II e III.

Comentários:

Vejamos os itens:

I. CERTO.



II. ERRADO. O texto afirma que " *Essa é a evidência mais antiga de cuidados prolongados após o nascimento em um vertebrado* ".

III. ERRADO. Universidade Carleton fica no Canadá, e não nos Estados Unidos. Portanto, Gabarito: Letra A.

8. (PREF. TRÊS PALMEIRAS - RS / TÉCNICO DE ENFERMAGEM / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

Assinale a alternativa que apresenta o assunto principal do texto.

A) Estudo em fósseis sobre o comportamento protetor da mãe em relação ao filho.

B) Análise de fósseis de uma espécie já extinta, descobertos no Canadá em 2017.

C) Indicação de que o *Dendromaia unamakiensi* era semelhante a um lagarto.

D) Descoberta de que os animais que botavam ovos na terra originaram mamíferos, entre outras espécies.

E) Há 300 milhões de anos vivia no Canadá uma espécie parecida com um lagarto.

Comentários:

O próprio título do texto dá ideia da discussão geral: o estudo de fósseis e o comportamento materno. Portanto, Gabarito: Letra A.

9. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020)

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

O trecho "enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade" (1º parágrafo) mostra que havia uma perseguição à galinha pelos telhados da casa.

Comentários:

Questão de inferência baseada em implícitos: se o rapaz galgava "outros" telhados, então estava subindo telhados em sequência, um após o outro, o que mostra a perseguição atrás da galinha. Questão correta.

10. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

O trecho "Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma" (2º parágrafo) nos remete à ideia de que a personagem já estava certa de sua morte e substituição.

Comentários:



Sim. O trecho dá ideia da banalidade de cada galinha, que é substituída facilmente por outra, tão parecida com a anterior que pareceria a mesma. Questão correta.

11. (ALAP / AUXILIAR LEGISLATIVO / 2020)

1 *Que tipo de capitalismo desejamos? Em termos gerais, temos três modelos entre os quais escolher.*

2 *O primeiro é o “capitalismo de acionistas”, que propõe que o objetivo de uma empresa deve ser a maximização dos lucros. O segundo é o “capitalismo de Estado”, que confia ao governo a tarefa de estabelecer a direção da economia e ganhou proeminência em países emergentes, entre os quais se destaca a China. E há o capitalismo de “stakeholders” (partes interessadas), que posiciona as empresas privadas como curadoras dos interesses da sociedade e representa a melhor resposta aos atuais desafios ambientais.*

3 *O capitalismo de acionistas, o modelo hoje dominante, ganhou terreno nos EUA, na década de 1970, e expandiu sua influência nas décadas seguintes. Sua ascensão não deixa de ter méritos. Durante seu período de maior êxito, milhões prosperaram, à medida que empresas abriam mercados e criavam empregos em busca do lucro.*

4 *Mas essa não é toda a história. Os defensores do capitalismo de acionistas negligenciam o fato de que uma empresa de capital aberto não é apenas uma entidade que busca lucros, mas também um organismo social.*

5 *Muitos perceberam que essa forma de capitalismo já não é sustentável. Um provável motivo é o efeito “Greta Thunberg”. A jovem ativista sueca nos recorda que a adesão ao atual sistema econômico representa uma traição às futuras gerações, por sua falta de sustentabilidade ambiental. Outro motivo (correlato) é que muitos jovens já não querem trabalhar para empresas cujos valores se limitem à maximização do lucro. Por fim, executivos e investidores começaram a reconhecer que seu sucesso em longo prazo está intimamente ligado ao de seus clientes, empregados e fornecedores.*

6 *Manifestando-se favoravelmente ao estabelecimento do capitalismo de stakeholders como novo modelo dominante, está sendo lançado um novo Manifesto de Davos, que diz que as empresas devem mostrar tolerância zero à corrupção e sustentar os direitos humanos em toda a extensão de suas cadeias mundiais de suprimento.*

7 *Mas, para defender os princípios do capitalismo de stakeholders, as empresas precisarão de novos indicadores. De início, um novo indicador de “criação de valor compartilhado” deveria incluir metas ecológicas e sociais como complemento aos indicadores financeiros.*

8 *Ademais, as grandes empresas deveriam compreender que elas são partes interessadas em nosso futuro comum. Elas deveriam trabalhar com outras partes interessadas a fim de melhorar a situação do mundo em que operam. Na verdade, esse deveria ser seu propósito definitivo.*

9 *Os líderes empresariais têm neste momento uma grande oportunidade. Ao dar significado concreto ao capitalismo de stakeholders, podem ir além de suas obrigações legais e cumprir seu dever para com a sociedade. Se eles desejam deixar sua marca no planeta, não existe outra alternativa.*

(Adaptado de: SCHWAB, Klaus. Tradução: Paulo Migliacci. Disponível em: www1.folha.uol.com.br)

Para enfrentar os desafios da atualidade, o autor defende um sistema econômico



(A) que coadune os propósitos da sociedade com os das empresas, de modo que estas venham a implementar ações sustentáveis, visando à satisfação, a um só tempo, dos interesses corporativos e sociais.

(B) cujo principal objetivo seja o de promover retorno financeiro a empresas e investidores, os quais, em contrapartida, fomentariam ações de cuidado com o meio ambiente, na medida em que estas fossem proporcionalmente incentivadas pelo Estado.

(C) já testado em países emergentes, como a China, que vem proporcionando níveis altos de desenvolvimento econômico, bem como a prosperidade sem precedentes da população.

(D) em que a gestão da economia caiba primordialmente ao Estado, o qual poderia, assim, ter controle sobre a sustentabilidade de toda a cadeia produtiva.

(E) em que se criem empregos por meio da expansão do mercado consumidor e da maximização dos benefícios financeiros aos acionistas de uma corporação.

Comentários:

O autor defende como solução atual o capitalismo de stakeholders, no qual as empresas deverão não só atingir lucro, mas, ao mesmo tempo, respeitar direitos humanos, produzir de forma sustentável e criar valores compartilhados com a sociedade:

Esse entendimento está parafraseado em: sistema econômico que coadune os propósitos da sociedade com os das empresas, de modo que estas venham a implementar ações sustentáveis, visando à satisfação, a um só tempo, dos interesses corporativos e sociais. Gabarito letra A.

Vejam no texto como essas informações estão diluídas nos últimos parágrafos:

executivos e investidores começaram a reconhecer que seu sucesso em longo prazo está intimamente ligado ao de seus clientes, empregados e fornecedores.

6 Manifestando-se favoravelmente ao estabelecimento do capitalismo de stakeholders como novo modelo dominante, está sendo lançando um novo Manifesto de Davos, que diz que as empresas devem mostrar tolerância zero à corrupção e sustentar os direitos humanos em toda a extensão de suas cadeias mundiais de suprimento.

7 Mas, para defender os princípios do capitalismo de stakeholders, as empresas precisarão de novos indicadores. De início, um novo indicador de “criação de valor compartilhado” deveria incluir metas ecológicas e sociais como complemento aos indicadores financeiros.

8 Ademais, as grandes empresas deveriam compreender que elas são partes interessadas em nosso futuro comum. Elas deveriam trabalhar com outras partes interessadas a fim de melhorar a situação do mundo em que operam.

9 Os líderes empresariais têm neste momento uma grande oportunidade. Ao dar significado concreto ao capitalismo de stakeholders, podem ir além de suas obrigações legais e cumprir seu dever para com a sociedade.

Vejamos o problema das demais.

Vejamos:

b) Incorreto. Não basta retorno financeiro, é preciso conjugar os interesses atuais e futuros da sociedade.

c) Incorreto. Não se falou prosperidade sem precedentes para a população. A china consagrou o capitalismo de acionistas, e o autor defende o de stakeholders.



- d) Incorreto. Este seria o capitalismo de Estado, e o autor defende como solução atual o capitalismo de stakeholders.
- e) Incorreto. Novamente, aqui há referência ao capitalismo de acionistas, e o autor defende o de stakeholders. Gabarito letra A.

12. (ALAP / AUXILIAR LEGISLATIVO / 2020) Utilize o texto da questão anterior.

No 5º parágrafo, o autor

- (A) refuta a atitude de jovens de países desenvolvidos que optam pelo desemprego como forma de protesto contra o sistema capitalista vigente.
- (B) censura a atitude de gestores que se furtam a considerar os interesses financeiros dos investidores ao estabelecer as diretrizes da cadeia produtiva da empresa.
- (C) atribui à atitude da militante sueca Greta Thunberg a razão de muitos terem reconhecido que o capitalismo de acionistas peca pela falta de sustentabilidade ambiental.
- (D) exalta a iniciativa de empresários cujas gestões se baseiam no fomento aos valores da corporação, almejando, ao mesmo tempo, a superação dos lucros dos acionistas.
- (E) considera que o boicote por parte de jovens como Greta Thunberg a empresas pouco sustentáveis, ainda que louvável, freia o crescimento econômico e gera desemprego.

Comentários:

Vejam novamente o parágrafo:

Muitos perceberam que essa forma de capitalismo [o de acionistas] já não é sustentável. Um provável motivo é o efeito “Greta Thunberg”. A jovem ativista sueca nos recorda que a adesão ao atual sistema econômico representa uma traição às futuras gerações, por sua falta de sustentabilidade ambiental. Outro motivo (correlato) é que muitos jovens já não querem trabalhar para empresas cujos valores se limitem à maximização do lucro. Por fim, executivos e investidores começaram a reconhecer que seu sucesso em longo prazo está intimamente ligado ao de seus clientes, empregados e fornecedores.

- (A) refuta a atitude de jovens de países desenvolvidos que optam pelo desemprego como forma de protesto contra o sistema capitalista vigente.

Incorreto. Não se falou em desemprego voluntário como forma de protesto.

- (B) censura a atitude de gestores que se furtam a considerar os interesses financeiros dos investidores ao estabelecer as diretrizes da cadeia produtiva da empresa.

Incorreto. A crítica é contra não levarem em conta os interesses atuais e futuros da população.

- (C) atribui à atitude da militante sueca Greta Thunberg a razão de muitos terem reconhecido que o capitalismo de acionistas peca pela **falta de sustentabilidade ambiental**.

Exato. Se há um efeito “Greta Thunberg”, podemos concluir que ela é a causa. Vejam: *Um provável motivo é o efeito “Greta Thunberg”. A jovem ativista sueca nos recorda que a adesão ao atual sistema econômico representa uma traição às futuras gerações, por sua **falta de sustentabilidade ambiental**.*

- (D) exalta a iniciativa de empresários cujas gestões se baseiam no fomento aos valores da corporação, almejando, ao mesmo tempo, a superação dos lucros dos acionistas.



Incorreto. Não exalta superação de lucros, mas sim aponta a falta de sustentabilidade do modelo atual.

(E) considera que o boicote por parte de jovens como Greta Thunberg a empresas pouco sustentáveis, ainda que louvável, freia o crescimento econômico e gera desemprego.

Incorreto. Não declara em momento algum que nenhum boicote freia crescimento algum. Gabarito letra C.

13. (ALAP / ANALISTA LEGISLATIVO / 2020)

Distribuição justa

A justiça de um resultado distributivo das riquezas depende das dotações iniciais dos participantes e da lisura do processo do qual ele decorre. Do ponto de vista coletivo, a questão crucial é: a desigualdade observada reflete essencialmente os talentos, esforços e valores diferenciados dos indivíduos, ou, ao contrário, ela resulta de um jogo viciado na origem e no processo, de uma profunda falta de equidade nas condições iniciais de vida, da privação de direitos elementares ou da discriminação racial, sexual, de gênero ou religiosa?

A condição da família em que uma criança tiver a sorte ou o infortúnio de nascer, um risco comum, a todos, passa a exercer um papel mais decisivo na definição de seu futuro do que qualquer outra coisa ou escolha que possa fazer no ciclo da vida. A falta de um mínimo de equidade nas condições iniciais e na capacitação para a vida tolhe a margem de escolha, vicia o jogo distributivo e envenena os valores da convivência. A igualdade de oportunidades está na origem da emancipação das pessoas. Crianças e jovens precisam ter a oportunidade de desenvolver seus talentos de modo a ampliar seu leque de escolhas possíveis na vida prática e eleger seus projetos, apostas e sonhos de realização.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 106)

No contexto do primeiro parágrafo, as expressões *dotações iniciais de participantes* e *lisura do processo* constituem

(A) as causas ocultas da distribuição de riquezas que acaba por não fazer justiça às habilidades próprias dos indivíduos.

(B) as metas mais justas a serem alcançadas por um conveniente processo distributivo das limitadas riquezas disponíveis.

(C) os fatores diretamente condicionantes da possibilidade de haver justiça no processo distributivo das riquezas.

(D) as razões de ser de todo processo de distribuição de riquezas que premie o talento inato dos mais competentes.

(E) um objetivo idealista cuja aparência de justiça se apaga quando competidores aproveitam mal oportunidades iguais.

Comentários:

A lógica proposta no texto, em síntese, é a seguinte:

Se os recursos iniciais do "jogo" não são distribuídos com igualdade, o processo já começa com defeito, pois quem foi privado desses recursos terá sua escolha tolhida e não estará nas mesmas condições de ter seu mérito recompensado. Dito de outra forma, se todo mundo começasse uma



corrida com um mesmo carro, poder-se-ia presumir que o vencedor seria o de maior habilidade. Se alguns começam com carros inferiores, esta lógica fica prejudicada.

Assim, as *dotações iniciais de participantes e lisura do processo (os recursos distribuídos no início do jogo/o carro dado no início da corrida)* são uma condição para que haja justiça no processo distributivos da riqueza. Se todos não partem do mesmo ponto, com os mesmos recursos, não há como distribuir com justiça as riquezas.

Gabarito letra C.

Vejamos os problemas das demais:

- A) Não são "causas", são requisitos para um processo justo de distribuição.
- B) Não são metas, são condições. Ademais, não se falou nada de recursos limitados.
- D) Bem confusa. Não são "razões" nem se falou nada de talento "inato".
- E) Não há oportunidades iguais, por isso a distribuição injusta prejudica o processo.

14. (ALAP / ANALISTA LEGISLATIVO / 2020) Utilize o texto da questão anterior.

Em síntese, depreende-se da leitura do segundo parágrafo que

- (A) as escolhas nas quais se faz justiça aos talentos das crianças e dos jovens tornam-se possíveis com a equidade das condições iniciais.
- (B) a condição familiar de origem não tem peso determinante no desenvolvimento das qualidades pessoais de uma criança.
- (C) as aspirações e os sonhos das crianças e dos jovens só se formularão quando tiverem alcançado alguma possibilidade de realização.
- (D) a dotação injusta de talentos individuais faz com que não haja equidade ao final do processo de distribuição das riquezas.
- (E) a capacitação natural para a vida leva a tornar vicioso o jogo distributivo das riquezas disponíveis em cada ocasião.

Comentários:

Novamente a lógica: condições iniciais iguais permitem fazer justiça aos méritos individuais.

A condição da família em que uma criança tiver a sorte ou o infortúnio de nascer, um risco comum, a todos, passa a exercer um papel mais decisivo na definição de seu futuro do que qualquer outra coisa ou escolha que possa fazer no ciclo da vida. A falta de um mínimo de equidade nas condições iniciais e na capacitação para a vida tolhe a margem de escolha, vicia o jogo distributivo e envenena os valores da convivência. A igualdade de oportunidades está na origem da emancipação das pessoas. Crianças e jovens precisam ter a oportunidade de desenvolver seus talentos de modo a ampliar seu leque de escolhas possíveis na vida prática e eleger seus projetos, apostas e sonhos de realização.

Gabarito letra A.

Vejamos o problema das demais:

- B) Incorreto. A condição tem peso determinante sim, pois tolhe as escolhas.



- C) Incorreto. As crianças têm sonhos independentemente das condições iniciais, o que ocorre é que suas escolhas para perseguir seus sonhos são tolhidas pela falta de recursos.
- D) Incorreto. A dotação injusta não é de talentos, mas de recursos iniciais justos, para que o talento então possa ser o motivo determinante para conseguir ou não riqueza.
- E) Incorreto. Não é a capacitação natural que torna o jogo vicioso, mas sim a falta de recursos iguais que nivelem a competição e a convivência.

15. (PREF. NOVO HAMBURGO - RS / ARQUITETO / 2020)

Considere os sentidos expressos no trecho “Por isso te digo, para tua sabedoria de bolso: se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice: “Gostarias de gato se fosses eu?” e assinale a alternativa INCORRETA.

- A) O narrador ressalta a importância de se praticar a empatia, considerando a realidade de cada um.
- B) É apresentada a ideia de que, antes de defenderem o ponto de vista de alguém, as pessoas devem se colocar no lugar de quem tenha uma visão diferente da sua.
- C) A menção ao discurso do rato permite que o leitor concretize a ideia de empatia, sugerida pelo texto, favorecendo a compreensão da lição de vida ensinada pelo narrador.
- D) Ao utilizar as figuras do gato e do rato, busca-se revelar que os mais fortes devem se colocar no lugar dos mais fracos.
- E) O narrador considera que a lição que ensina é insignificante, por isso ele a denomina como “sabedoria de bolso”.

Comentários:

- a) CORRETA. Quando o rato questiona Alice se ela gostaria de gatos se ela um fosse rato é uma forma de ressaltar a importância da empatia ("se colocar no lugar do outro, tentar sentir o que a outra pessoa sente").
- b) CORRETA. É também relacionada à empatia.
- c) CORRETA. Da mesma forma que as alternativas A e B, refere-se à empatia.
- d) CORRETA. Quando o rato pede para que ela se coloque no lugar dele que é mais fraco que o gato.
- e) INCORRETA. A expressão "de bolso" refere-se a algo que devemos carregar conosco e não por ser insignificante como afirma a alternativa. Gabarito Letra E.

16. (PREF. VINHEDO-SP / GUARDA MUNICIPAL / 2020) *Leia o texto a seguir para responder à questão.*

Texto I

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de toicinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.



Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles. Animara-se a interrogar sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos.

(RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009, p. 59-60)

A partir de um entendimento global do texto, nota-se que a relação entre pais e filhos era marcada por:

- A) admiração recíproca.
- B) violência revidada.
- C) agressões naturalizadas
- D) afetos silenciados.

Comentários:

Segundo o texto: *Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas.* Percebemos que a agressão era vista como algo natural, normal, banal. Gabarito Letra C.

17.(ALAP / ANALISTA LEGISLATIVO / 2020)

O século XX, Era dos Extremos

O século XX deixou um legado inegável de questões e impasses. Para o grande historiador Eric Hobsbawm, neste livro Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991, esse século foi breve e extremado: sua história e suas possibilidades edificaram-se sobre catástrofes, incertezas e crises, decompondo o que fora construído no longo século XIX.

Hobsbawm divide a história do século XX em três “eras”. A primeira, “da catástrofe”, é marcada pelas duas grandes guerras, pelas ondas de revolução global em que o sistema político e econômico da URSS surgia como alternativa histórica para o capitalismo e pela virulência da crise econômica de 1929. Também nesse período os fascismos e o descrédito das democracias liberais surgem como proposta mundial.

A segunda “era” são os anos dourados das décadas de 1950 e 1960 que, em sua paz congelada, viram a viabilização e a estabilização do capitalismo, responsável pela promoção de uma extraordinária expansão econômica e profundas transformações sociais.



Por fim, entre 1970 e 1991, dá-se o “desmoronamento” final, em que caem por terra os sistemas institucionais que previnem e limitam o barbarismo contemporâneo, dando lugar à brutalização da política e à irresponsabilidade teórica da ortodoxia econômica, abrindo as portas para um futuro incerto.

(Adaptado da “orelha”, sem indicação autoral, do livro de Eric Hobsbawm acima referido, editado em São Paulo pela Companhia das Letras, em 1995)

Ao constituir uma visão geral do século XX, que considera breve e extremado, o historiador Eric Hobsbawm

(A) salienta a importância que alcançaram as décadas de 1950 e 1960, nas quais se efetivou o descrédito das democracias liberais.

(B) salienta a importância que tiveram as metas do século XIX para a consecução dos objetivos alcançados no século seguinte.

(C) leva em conta, como critério fundamental para essa divisão a emancipação política desfrutada pelas classes trabalhadoras de diferentes países.

(D) faz reconhecer uma desconstrução geral e radical das expectativas e dos ideais gerados no decorrer do longo século XIX.

(E) aponta como único saldo positivo a oportuna emergência do moderno liberalismo econômico, já ao final da década de 1920.

Comentários:

O texto mostra em sua literalidade que o século XX não cumpriu suas promessas e suas possibilidades não se realizaram:

*o breve século XX – 1914-1991, esse século foi breve e extremado: sua história e suas possibilidades edificaram-se sobre catástrofes, incertezas e crises, **decompondo o que fora construído no longo século XIX.***

Portanto, o autor faz reconhecer uma desconstrução geral e radical das expectativas e dos ideais gerados no decorrer do longo século XIX

Vejamos o problema das demais:

(A) Incorreto. Nas décadas de 1950 e 1960, houve uma paz congelada e uma consolidação do capitalismo. O descrédito das democracias liberais ocorreu na “primeira era”.

(B) Incorreto. Não houve essa consecução dos objetivos alcançados no século seguinte. As metas não foram atingidas.

(C) Incorreto. Não se falou em emancipação política desfrutada pelas classes trabalhadoras de diferentes países.

(E) Incorreto. A consolidação do capitalismo, que não foi expressamente apontada como positiva, ocorreu em outro momento:

A segunda “era” são os anos dourados das décadas de 1950 e 1960 que, em sua paz congelada, viram a viabilização e a estabilização do capitalismo, responsável pela promoção de uma extraordinária expansão econômica e profundas transformações sociais.

Gabarito letra D.



18. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO / 2020)

1. *“Máquinas similares às hoje existentes serão construídas a custos mais baixos, mas com velocidades mais rápidas de processamento.” Assim, em um artigo de 1965, o empreendedor Gordon Moore, hoje com 90 anos de idade, apresentou sua célebre ideia. Pela “Lei de Moore”, a cada dois anos, em média, o desempenho dos chips de computador dobra, sem que aumentem os custos de fabricação. A máxima, irretocável, à exceção de pequenos detalhes, funcionou tal qual intuía Moore. É uma regra que pode, contudo, estar com os dias contados.*
2. *Vive-se, hoje, uma revolução tecnológica afeita a deixar no passado o raciocínio da duplicação de capacidade de cálculos à base de silício: é a computação quântica. Ela poderá nos levar a distâncias inimagináveis: tarefas que o computador mais poderoso do planeta demoraria 10.000 anos para completar seriam feitas em minutos.*
3. *A computação quântica, até o início desta década, não passava de teoria. Nos últimos anos, começou a ser testada, com sucesso parcial, até conseguir tração que parece se encaminhar para uma nova história. Um documento da NASA, vazado recentemente, mostra que uma empresa, ao criar o primeiro computador quântico funcional da história, pode estar próxima de romper com o paradigma imposto pela Lei de Moore.*
4. *A revelação foi resultado de uma distração. Algum funcionário da NASA, também envolvido com o projeto, acidentalmente publicou no site da agência espacial um estudo que mostra o feito, realizado por meio de uma máquina, ainda sob sigilo. O arquivo, já programado para ser divulgado oficialmente, permaneceu poucos segundos no ar, mas foi flagrado pelo jornal Financial Times.*
5. *O avanço ainda se restringe a âmbitos estritamente técnicos, sem utilidade cotidiana, mas já é apelidado de “o Santo Graal da computação”. Isso porque o feito, se comprovado, atingiu o que se conhece como “supremacia quântica”. A nomenclatura indica um momento da civilização em que os computadores talvez sejam tão (ou mais) competentes quanto os seres humanos.*
6. *O cientista da computação Scott Aaronson disse, em entrevista: “Isso não causará mudança imediata na vida das pessoas. Mas só por enquanto, pois se trata do início de um caminho que levará a transformações radicais em diversas áreas”. Vale lembrar que o computador que usamos hoje também começou com um passo singelo, em 1843, quando a matemática inglesa Ada Lovelace (1815-1852) publicou um diagrama numérico que veio a ser considerado o primeiro algoritmo computacional.*

(Adaptado de: Revista Veja, edição de 09/10/2019, p. 79)

Considere as afirmações abaixo.

- I. No primeiro parágrafo, a menção à Lei de Moore refere-se ao caráter premonitório do artigo publicado por Gordon Moore em 1965, que, salvo poucos pormenores, mostrou-se futuramente correto.
- II. Como estratégia argumentativa, o autor descreve a chamada “Lei de Moore” logo no início do texto para embasar a ideia de que até mesmo uma máquina de computação quântica a comprova.
- III. Ao longo do texto, o autor condena a atitude do funcionário da NASA que vazou, ainda que de modo acidental, informações confidenciais a respeito de avanços tecnológicos.



IV. Publicado sem a devida permissão, um artigo de jornal antecipou ao público as características de um supercomputador, apelidado de "o Santo Graal da computação", a ser brevemente lançado, cujas funcionalidades trarão mudanças significativas à vida cotidiana do cidadão comum.

Está correto o que consta APENAS de:

- (A) II e III.
- (B) III e IV.
- (C) IV.
- (D) I.
- (E) I, III e IV.

Comentários:

Vejamos:

I - Correto. O texto declara expressamente que a previsão de Moore se concretizou, salvo por "pequenos detalhes".

"Máquinas similares às hoje existentes serão construídas a custos mais baixos, mas com velocidades mais rápidas de processamento." Assim, em um artigo de 1965, o empreendedor Gordon Moore, hoje com 90 anos de idade, apresentou sua célebre ideia. Pela "Lei de Moore", a cada dois anos, em média, o desempenho dos chips de computador dobra, sem que aumentem os custos de fabricação. A máxima, irretocável, à exceção de pequenos detalhes, funcionou tal qual intuía Moore. É uma regra que pode, contudo, estar com os dias contados.

II - Incorreto. A máquina de computação quântica não "comprova" a Lei de Moore, mas sim a excepciona.

III- Incorreto. Não há condenação alguma, apenas diz de forma neutra que a divulgação ocorreu por acidente, sem julgar.

IV- Incorreto. Por ora, o computador não vai afetar a vida cotidiana das pessoas:

"Isso não causará mudança imediata na vida das pessoas.

O avanço ainda se restringe a âmbitos estritamente técnicos, sem utilidade cotidiana

Gabarito letra D.

19. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO / 2020)

[O motor da preguiça]

Acho que a verdadeira força motriz do desenvolvimento humano, a razão da superioridade e do sucesso do Homem, foi a preguiça. A técnica é fruto da preguiça. O que são o estilingue, a flecha e a lança senão maneiras de não precisar ir lá e esgoelar a caça ou um semelhante com as mãos, arriscando-se a levar a pior e perder a viagem? O que estaria pensando o inventor da roda senão no eventual desenvolvimento da charrete, que, atrelada a um animal menos preguiçoso do que ele, o levaria a toda parte sem que ele precisasse correr ou caminhar?

Toda a história das telecomunicações, desde os tambores tribais e seus códigos primitivos até os sinais da TV e a internet, se deve ao desejo humano de enviar a mensagem em vez de ir entregá-la pessoalmente. A fome de riqueza e poder do Homem não passa da vontade de poder



mandar os outros fazerem o que ele tem preguiça de fazer, seja de trazer os seus chinelos ou construir suas pirâmides.

A química moderna é filha da alquimia, que era a tentativa de ter o ouro sem ter que procurá-lo, ou trabalhar para merecê-lo. A física e a filosofia são produtos da contemplação, que é um subproduto da indolência e uma alternativa para a sesta, A grande arte também se deve à preguiça. Não por acaso, o que é considerada a maior realização da melhor época da arte ocidental, o teto da Capela Sistina, foi feita pelo Michelangelo deitado. Marcel Proust escreveu Em busca do tempo perdido deitado. Vá lá, recostado. As duas maiores invenções contemporâneas, depois do antibiótico e do microchip, que são a escada rolante e o manobrista, devem sua existência à preguiça. E nem vamos falar no controle remoto.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. O mundo é bárbaro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 54-55)

No segundo parágrafo, *a fome de riqueza e poder do Homem* é dada como justificativa para a

(A) obtenção de meios que lhe permitam dominar seus semelhantes, obrigando-os às mais variadas tarefas.

(B) improvisação permanente de técnicas ineficazes, pelas quais o poderio almejado se transforma em duro fracasso.

(C) criação de obras de arte de valor inestimável, como as produzidas pela genialidade de Michelangelo e de Proust.

(D) contemplação filosófica, que leva os homens a erguerem seu pensamento para as mais altas ideias.

(E) substituição do talento pessoal pelo esforço de chegar a alguma invenção de grande repercussão política.

Comentários:

Essa questão é direta e literal:

A fome de riqueza e poder do Homem não passa da vontade de poder mandar os outros fazerem o que ele tem preguiça de fazer, seja de trazer os seus chinelos ou construir suas pirâmides.

Trazar chinelos ou construir pirâmides são tarefas variadas que o homem, segundo a lógica do texto, não queria fazer por si próprio —por preguiça— e então era necessário ter poder para "delegar" tais tarefas a alguém com menos poder.

Sobre as demais alternativas, são evidentemente descartáveis, pois não trazem o motivo pedido no enunciado: delegar as tarefas. Gabarito letra A.

20. (MJSP / CIENTISTA DE DADOS / 2020)

Posfácio do livro Rio em Shamas (2016), de Anderson França, Dinho

Rafael Dragaud

NÃO PIRA! Foi com esse conselho, há cerca de seis anos, que começou minha história com o Dinho. Colaborávamos na mesma instituição social e vez ou outra nos esbarrávamos numa reunião, ele sempre ostensivamente calado. Por algum motivo da ordem do encosto, no sentido macumbeirístico mesmo, ou cumplicidade de gordos, vimos um no outro um elo possível de troca.



Ele então começou a me enviar milhões de textos que eram uma mistura frenética de sonhos, pseudorroteiros cinematográficos, pedidos de desculpas, posts-denúncias, listas de exigências de sequestrador, tudo num fluxo insano de criação, que ele mesmo dizia que um dia iria sufocá-lo de vez — o que me fez proferir o dito conselho.

O fato é que um dia passei em frente ao notebook dele e lá estava a tela quase inteiramente coberta de post-its, todos iguais, escritos: NÃO PIRA. E ele então me confidenciou: Cara, você resolveu minha vida. Eu só não posso pirar! É isso!

Esse episódio obviamente fala muito mais sobre essa característica de esponja afetointelectual dele do que sobre alguma qualidade do meu conselho. E foi sendo assim, esponja que se enche e se comprime (deixando desaguar seus textos em redes sociais), que foi surgindo um escritor muito especial. Especial não pra mãe dele ou pra Su (a santa), mas para a cidade do Rio de Janeiro.

Com uma voz e um estilo absolutamente singulares, Dinho flerta com a narrativa do fluxo do pensamento, o que poderia gerar textos apenas egoicos e herméticos, eventualmente mais valiosos pra ele do que para o leitor. Mas sei lá como, seus textos conciliam esse jeitão com uma relevância quase política, pois jogam luz sobre partes da cidade que merecem ser mais vistas, mais percebidas, e até mesmo mais problematizadas.

Dinho “vê coisas”. E, consequentemente, tem o que dizer. Não só sobre o subúrbio, suas ruas, seus personagens e seus modos, numa linhagem Antônio Maria ou João do Rio, mas muitas vezes também sobre bairros já enjoativos, de tão submersos em clichês, como o tão adorado-odiado Leblon. Seu “olhar de estrangeiro” revela estranhas entranhas da Zona Sul do Rio de Janeiro. O fato é que, com este livro, a cidade fica muito maior, mais plural e consequentemente mais justa.

Espero que este seja apenas o primeiro de uma série. Se é que posso dar mais algum conselho, o único que me ocorre ao vê-lo escrevendo hoje em dia é: NÃO PARE!

FRANÇA, Anderson. Rio em Shamas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

Referente aos cinco primeiros parágrafos do texto, assinale a alternativa correta.

- A) No primeiro parágrafo, o autor conta que sua história com Dinho começou há cerca de seis anos. A partir dessa informação, é possível inferir que isso ocorreu em 2014.
- B) A partir dos textos enumerados no segundo parágrafo, é possível inferir que Dinho é um roteirista de cinema que escreve textos sobre sonhos e sequestros.
- C) No terceiro parágrafo, o autor relata o agradecimento público recebido de Dinho pelo conselho “NÃO PIRA!”.
- D) No quarto parágrafo, o autor faz uso de uma analogia para expressar uma característica de Dinho.
- E) No quinto parágrafo, o autor afirma que, apesar de serem apenas egoicos e herméticos, os textos escritos por Dinho são valiosos.

Comentários:

O trecho do quinto parágrafo *...E foi sendo assim, esponja que se enche e se comprime...* apresenta uma característica de forma analógica. Gabarito letra D.

21. (MJSP / ANALISTA DE GOVERNANÇA DE DADOS / 2020)



O cinzeiro

Mário Viana

Procura-se um martelinho de ouro. Aceitam-se indicações de profissionais pacientes e com certa delicadeza para restaurar um cinzeiro que está na família há mais de cinco décadas. Não se trata de joia de valor financeiro incalculável, mas de uma peça que teve seus momentos úteis nos tempos em que muita gente fumava. Hoje, é apenas o símbolo de uma época.

Arredondado e de alumínio, o cinzeiro chegou lá em casa porque meu pai o ganhara de presente de seu patrão, o empresário Baby Pignatari – como ficou mais conhecido o napolitano Francisco Matarazzo Pignatari (1917- 1977). Baby misturou na mesma medida as ousadias de industrial com as estripulias de playboy. No corpo do cinzeiro destaca-se um “P” todo trabalhado em relevo.

Nunca soube direito se meu pai ganhou o cinzeiro das mãos de Baby ou de sua mulher, a dona Ira – era assim que a princesa e socialite italiana Ira von Furstenberg era conhecida lá em casa. Só muitos anos depois, já adulto e jornalista formado, descobri a linha de nobreza que fazia de dona Ira um celebritade internacional.

[...] Pois esse objeto que já passou pelas mãos de uma princesa – italiana, mas principessa, que diacho – despencou outro dia do 12º andar até o térreo. Amassou, coitado. A tampa giratória ficou toda prejudicada E o botão de borracha que era pressionado também foi para o devido bebelê.

Mesmo assim, não acredito em perda total. Tenho fé em que um bom desamassador dê um jeito e devolva o cinzeiro, se não a seus dias de glória, pelo menos a uma aparência menos miserável. É o símbolo de uma trajetória, afinal de contas, há que respeitar isso.

Praticamente aposentado – a maioria dos meus amigos e eu deixamos de fumar –, o cinzeiro ocupava lugar de destaque na memorabilia do meu hipotético museu pessoal. Aquele que todos nós criamos em nosso pensamento mais secreto, com um acervo repleto de pequenos objetos desimportantes para o mundo.

Cabem nessa vitrine imaginária o primeiro livro sério que ganhamos, com a capa rasgada e meio desmontado; o chaveiro que alguém especial trouxe de um rolê mochileiro pelos Andes; o LP com dedicatória de outro alguém ainda mais especial; uma caneca comprada na Disney; o calção usado aos 2 anos de idade... e o velho cinzeiro carente de reparo.

Adaptado de: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mario-viana-ocinzeiro/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

Em relação ao texto, é correto afirmar que

- A) o narrador procura um profissional que conserte o seu cinzeiro porque este possui alto valor financeiro e emocional.
- B) como o cinzeiro já não era mais utilizado, já que ninguém mais fumava na casa do narrador, este não tinha pressa em consertá-lo.
- C) o cinzeiro foi entregue pessoalmente ao pai do narrador por Baby Pignatari, por isso o objeto tinha a letra “P” em relevo.
- D) o narrador não tem total certeza de que o conserto do cinzeiro fará com este retorne exatamente ao que era antigamente.
- E) o cinzeiro está na família do narrador desde os anos 1950.

Comentários:



Vejamos o trecho: *Tenho fé em que um bom desamassador dê um jeito e devolva o cinzeiro, se não a seus dias de glória, pelo menos a uma aparência menos miserável. É o símbolo de uma trajetória, afinal de contas, há que respeitar isso.*

Não há uma certeza por parte do narrador. Gabarito letra D.

22.(MJSP / ANALISTA DE GOVERNANÇA DE DADOS / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

Assinale a alternativa correta sobre a memorabilia de que trata o autor do texto.

- A) Memorabilia é o nome dado pelo autor à vitrine que fica em sua casa.
- B) Todas as pessoas possuem sua própria memorabilia.
- C) Na memorabilia, ficam expostos vários objetos de grande importância para todos aqueles que os observam.
- D) Como a memorabilia do autor não é grande, cabem nela apenas objetos de tamanho reduzido: cinzeiro, livro, chaveiro, LP, caneca e calção.
- E) Na memorabilia, o cinzeiro exibia o mesmo estatuto que os demais objetos.

Comentários:

Nossa resposta se encontra no trecho:

*Praticamente aposentado – a maioria dos meus amigos e eu deixamos de fumar –, o cinzeiro ocupava lugar de destaque na memorabilia do meu hipotético museu pessoal. **Aquele que todos nós criamos em nosso pensamento mais secreto**, com um acervo repleto de pequenos objetos desimportantes para o mundo ...*

Gabarito Letra B.

23.(PREF. NOVO HAMBURGO - RS / ARQUITETO / 2020)

Considere os sentidos expressos no trecho “Por isso te digo, para tua sabedoria de bolso: se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice: “Gostarias de gato se fosses eu?” e assinale a alternativa INCORRETA.

- A) O narrador ressalta a importância de se praticar a empatia, considerando a realidade de cada um.
- B) É apresentada a ideia de que, antes de defenderem o ponto de vista de alguém, as pessoas devem se colocar no lugar de quem tenha uma visão diferente da sua.
- C) A menção ao discurso do rato permite que o leitor concretize a ideia de empatia, sugerida pelo texto, favorecendo a compreensão da lição de vida ensinada pelo narrador.
- D) Ao utilizar as figuras do gato e do rato, busca-se revelar que os mais fortes devem se colocar no lugar dos mais fracos.
- E) O narrador considera que a lição que ensina é insignificante, por isso ele a denomina como “sabedoria de bolso”.

Comentários:



- a) CORRETA. Quando o rato questiona Alice se ela gostaria de gatos se ela um fosse rato é uma forma de ressaltar a importância da empatia ("se colocar no lugar do outro, tentar sentir o que a outra pessoa sente").
- b) CORRETA. É também relacionada à empatia.
- c) CORRETA. Da mesma forma que as alternativas A e B, refere-se à empatia.
- d) CORRETA. Quando o rato pede para que ela se coloque no lugar dele que é mais fraco que o gato.
- e) INCORRETA. A expressão "de bolso" refere-se a algo que devemos carregar conosco e não por ser insignificante como afirma a alternativa. Gabarito Letra E.

24. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO 2 / 2020)

Novas formas de vida?

Uma forma radical de mudar as leis da vida é produzir seres completamente inorgânicos. Os exemplos mais óbvios são programas de computador e vírus de computador que podem sofrer evolução independente.

*O campo da programação genética é hoje um dos mais interessantes no mundo da ciência da computação. Esta tenta emular os métodos da evolução genética. Muitos programadores sonham em criar um programa capaz de aprender e evoluir de maneira totalmente independente de seu criador. Nesse caso, o programador seria um *primum mobile*, um primeiro motor, mas sua criação estaria livre para evoluir em direções que nem seu criador nem qualquer outro humano jamais poderiam ter imaginado.*

Um protótipo de tal programa já existe – chama-se vírus de computador. Conforme se espalha pela internet, o vírus se replica milhões e milhões de vezes, o tempo todo sendo perseguido por programas de antivírus predatórios e competindo com outros vírus por um lugar no ciberespaço. Um dia, quando o vírus se replica, um erro ocorre – uma mutação computadorizada. Talvez a mutação ocorra porque o engenheiro humano programou o vírus para, ocasionalmente, cometer erros aleatórios de replicação. Talvez a mutação se deva a um erro aleatório. Se, por acidente, o vírus modificado for melhor para escapar de programas antivírus sem perder sua capacidade de invadir outros computadores, vai se espalhar pelo ciberespaço. Com o passar do tempo, o ciberespaço estará cheio de novos vírus que ninguém produziu e que passam por uma evolução inorgânica.

Essas são criaturas vivas? Depende do que entendemos por "criaturas vivas". Mas elas certamente foram criadas a partir de um novo processo evolutivo, completamente independente das leis e limitações da evolução orgânica.

(Adaptado de HARARI, Yuval Noah. *Sapiens, Uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 38. ed., 2018, p. 419-420).

A forma radical de mudar as leis da vida, investigada ao longo do texto, está na possibilidade de o homem

(A) alargar de tal modo nossa compreensão do que seja a vida que passe a aceitar como vivas as propriedades dos minerais.

(B) combater tão completamente a ação dos vírus existentes que passe a dominá-los e a utilizá-los como contravenenos.



(C) ver desenvolver-se, para além de sua aplicação científica, uma evolução inorgânica que ocorra com plena autonomia.

(D) alcançar sua meta mais ousada, representada pelo controle do ciberespaço e de todas as formas que nele se encontram.

(E) dominar tão completamente as leis da genética que possa um dia vir a interferir sobre a longevidade e a qualidade do viver.

Comentários:

A possibilidade está na própria frase: criar seres totalmente inorgânicos que evoluam independentemente.

Uma forma radical de mudar as leis da vida é produzir seres completamente inorgânicos

O exemplo dado no texto é o vírus. Gabarito letra C.

Vejam os:

a) Incorreto. Não é considerar vivo um mineral. É a possibilidade de criar seres totalmente inorgânicos que evoluam independentemente.

b) Incorreto. Não é combater vírus, o vírus é apenas o exemplo de ser que é inorgânico e evolui sozinho.

d) Incorreto. Os vírus é que disputam o ciberespaço, não é homem que busca fazer isso com intuito de mudar as leis da vida.

e) Incorreto. Não é a qualidade do viver, a possibilidade de mudar as leis da vida está em criar seres que evoluam de forma independente. Gabarito letra C.

25. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO 2 / 2020) Utilize o texto da questão anterior.

No último parágrafo do texto, sugere-se que

(A) a evolução orgânica de formas computadorizadas concorre para que os vírus se propaguem livremente.

(B) a evolução inorgânica está na dependência de que se passe a dominar inteiramente as leis da genética.

(C) o conceito mesmo de "vida" está entre os poucos fundamentos da ciência que não admite ser contestado.

(D) o âmbito da biologia e da genética não inclui processos que se possam reconhecer como propriamente evolutivos.

(E) a ocorrência de uma evolução inorgânica pode condicionar uma nova compreensão do que seja uma criatura viva.

Comentários:

Último parágrafo:

Essas são criaturas vivas? Depende do que entendemos por "criaturas vivas". Mas elas certamente foram criadas a partir de um novo processo evolutivo, completamente independente das leis e limitações da evolução orgânica.



A pergunta é se podemos considerar o "vírus" como "vivo". Essa pergunta não é conclusiva, depende do que se considera "vivo". Então, a existência do vírus e sua forma de evoluir traz um questionamento sobre o que seria de fato uma criatura "viva". Isso foi parafraseado em: *a ocorrência de uma evolução inorgânica pode condicionar uma nova compreensão do que seja uma criatura viva.*

As demais alternativas trazem informações aleatórias que não se encontram no último parágrafo nem no texto como um todo. Gabarito letra E.

26. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020)

Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Essa afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana. Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de sociedades históricas, da vida na corte europeia, por exemplo, ou, em outro extremo, de sociedades indígenas. Entre nós, a inclinação inicial é diminuir sua relevância. Muitas vezes comentamos "Ah, foi apenas um ritual", querendo enfatizar exatamente que o evento em questão não teve maior significado e conteúdo. Por exemplo, um discurso pode receber esse comentário se for considerado superficial em relação à expectativa de um importante comunicado. Ritual, nesse caso, é a dimensão menos importante de um evento, sinal de uma forma vazia, algo pouco sério — e, portanto, "apenas um ritual". Agimos como se desconhecêssemos que forma e conteúdo estão sempre combinados e associamos o ritual apenas à forma, isto é, à convencionalidade, à rigidez, ao tradicionalismo. Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse fenômeno do passado. Em suma, usamos o termo ritual no dia a dia com uma conotação de fenômeno formal e arcaico.

A acepção de ritual empregada nos dois primeiros períodos do texto afasta-se, segundo a autora, do sentido corrente dessa palavra, explorado no restante do texto.

Comentários:

Nos dois primeiros períodos, o sentido de ritual é mais estrito, indica dinâmicas sociais fundamentais:

Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Essa afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana.

Nos períodos seguintes, explora o sentido corrente da palavra, indicando algo cerimonial, desimportante ou arcaico:

Muitas vezes comentamos "Ah, foi apenas um ritual", querendo enfatizar exatamente que o evento em questão não teve maior significado e conteúdo... Questão correta.

27. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

Depreende-se do trecho "Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse fenômeno do passado" (L. 11 a 12) que a autora, ao se declarar moderna, repudia o que pertence ao passado.

Comentários:



Não repudia, inclusive seu texto quer refutar a ideia de que “rituais” sejam práticas arcaicas ou vazias de sentido. De forma alguma podemos afirmar que repudia o passado. Questão incorreta.

28. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020) *Utilize o texto da questão anterior.*

O texto defende que, em uma manifestação social, o ritual é a dimensão que mais contribui para a transmissão dos valores e conteúdos implicados nessa manifestação.

Comentários:

Não. A autora sugere que “rituais” são partes importantes das manifestações sociais, ao contrário do sentido pejorativo que muitos atribuem à palavra. Para ela, forma (ritual) e conteúdo são sempre combinados, mas não faz qualquer hierarquia entre eles, não declara que o ritual é mais importante que o conteúdo. Veja:

Muitas vezes comentamos “Ah, foi apenas um ritual”, querendo enfatizar exatamente que o evento em questão não teve maior significado e conteúdo. Por exemplo, um discurso pode receber esse comentário se for considerado superficial em relação à expectativa de um importante comunicado. Ritual, nesse caso, é a dimensão menos importante de um evento, sinal de uma forma vazia, algo pouco sério — e, portanto, “apenas um ritual”. *Agimos como se desconhecêssemos que forma e conteúdo estão sempre combinados e associamos o ritual apenas à forma*, isto é, à convencionalidade, à rigidez, ao tradicionalismo. Questão incorreta.

29. (DPE-RJ / TÉCNICO SUPERIOR JURÍDICO / 2019)

Texto 1

Uma revista de Educação mostrava o seguinte segmento:

“Os modelos pedagógicos de nossas escolas ainda são muito mais direcionados ao ensino teórico para passar no funil do vestibular, obrigando os alunos a decorar fórmulas matemáticas, afluentes de rios ou a morfologia dos insetos para ter depois seus conhecimentos testados e avaliados por notas que não diferenciam as vocações ou interesses individuais. É uma avaliação cruel, que prioriza a inteligência da decoreba ao invés da inteligência criativa”.

Entre as ideias defendidas no texto 1, a única que NÃO está presente é:

- a) a criatividade deve ser priorizada nos modelos pedagógicos;
- b) as notas dadas às provas não visam aos interesses pessoais;
- c) o ensino teórico é uma decorrência dos exames vestibulares;
- d) os exames vestibulares não avaliam com critérios válidos;
- e) alguns tópicos tradicionais do ensino são inúteis nos exames vestibulares.

Comentários:

Vejamos:

- a) Correto. Se a avaliação é considerada “cruel” por não priorizar a criatividade, então está evidente no texto que a criatividade deve ser priorizada.
- b) Correto. Literal do trecho “avaliados por notas que não diferenciam as vocações ou interesses individuais.”



- c) Correto. Esse ensino reflete a decoreba que será cobrada no vestibular: “são muito mais direcionados ao ensino teórico para passar no funil do vestibular, obrigando os alunos a decorar fórmulas matemáticas, afluentes de rios ou a morfologia dos insetos para ter depois seus conhecimentos testados”
- d) Correto. Avaliam privilegiando a decoreba, então não é um bom critério, segundo o texto.
- e) Incorreto. Os tópicos tradicionais são úteis, pois o vestibular privilegia a decoreba. Gabarito letra E.

30.(PRF / POLICIAL / 2019)

A vida humana só viceja sob algum tipo de luz, de preferência a do sol, tão óbvia quanto essencial. Somos animais diurnos, por mais que boêmios da pá virada e vampiros em geral discordem dessa afirmativa. Poucas vezes a gente pensa nisso, do mesmo jeito que devem ser poucas as pessoas que acordam se sentindo primatas, mamíferos ou terráqueos, outros rótulos que nos cabem por força da natureza das coisas.

A humanidade continua se aperfeiçoando na arte de afastar as trevas noturnas de todo hábitat humano. Luz soa para muitos como sinônimo de civilização, e pode-se observar do espaço o mapa das desigualdades econômicas mundiais desenhado na banda noturna do planeta. A parcela ocidental do hemisfério norte é, de longe, a mais iluminada.

Dispor de tanta luz assim, porém, tem um custo ambiental muito alto, avisam os cientistas. Nos humanos, o excesso de luz urbana que se infiltra no ambiente no qual dormimos pode reduzir drasticamente os níveis de melatonina, que regula o nosso ciclo de sono-vigília.

Mesmo assim, sinto uma alegria quase infantil quando vejo se acenderem as luzes da cidade. E repito para mim mesmo a pergunta que me faço desde que me conheço por gente: quem é o responsável por acender as luzes da cidade? O mais plausível é imaginar que essa tarefa caiba a sensores fotoelétricos espalhados pelos bairros. Mas e antes dos sensores, como é que se fazia? Imagino que algum funcionário trepava na antena mais alta no topo do maior arranha-céu e, ao constatar a falência da luz solar, acionava um interruptor, e a cidade toda se iluminava.

Não consigo pensar em um cargo público mais empolgante que o desse homem. Claro que o cargo, se existia, já foi extinto, e o homem da luz já deve ter se transferido para o mundo das trevas eternas.

Reinaldo Moraes. “Luz! Mais luz”. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

Infere-se do primeiro parágrafo do texto que “boêmios da pá virada e vampiros” diferem biologicamente dos seres humanos em geral, os quais tendem a desempenhar a maior parte de suas atividades durante a manhã e a tarde.

Comentários:

Não diferem biologicamente. O autor é categórico: “somos animais diurnos”. Todos somos diurnos, os boêmios apenas não concordam com essa afirmação:

Somos animais diurnos, por mais que boêmios da pá virada e vampiros em geral discordem dessa afirmativa. Questão incorreta.

31.(PRF / POLICIAL / 2019) Utilizar texto da questão anterior.



É correto inferir do trecho “o homem da luz já deve ter se transferido para o mundo das trevas eternas” (l. 21 e 22) que provavelmente o funcionário responsável pelo acionamento da iluminação urbana já morreu.

Comentários:

Pelos sentidos metafóricos do texto, considerando que a luz foi associada à vida humana, podemos inferir sim que provavelmente o funcionário já morreu, tanto pela metáfora eufemística (suavizada) da morte, quanto pela passagem do tempo mencionada no texto. Questão correta.

32. (SEFAZ-RS / AUDITOR FISCAL / 2019)

Texto 1A1-I

O direito tributário brasileiro depara-se com grandes desafios, principalmente em tempos de globalização e interdependência dos sistemas econômicos. Entre esses pontos de atenção, destacam-se três. O primeiro é a guerra fiscal ocasionada pelo ICMS. O principal tributo em vigor, atualmente, é estadual, o que faz contribuintes e advogados se debruçarem sobre vinte e sete diferentes legislações no país para entendê-lo. Isso se tornou um atentado contra o princípio de simplificação, contribuindo para o incremento de uma guerra fiscal entre os estados, que buscam alterar regras para conceder benefícios e isenções, a fim de atrair e facilitar a instalação de novas empresas. É, portanto, um dos instrumentos mais utilizados na disputa por investimentos, gerando, com isso, consequências negativas do ponto de vista tanto econômico quanto fiscal.

A competitividade gerada pela interdependência estadual é outro ponto. Na década de 60, a adoção do imposto sobre valor agregado (IVA) trouxe um avanço importante para a tributação indireta, permitindo a internacionalização das trocas de mercadorias com a facilitação da equivalência dos impostos sobre consumo e tributação, e diminuindo as diferenças entre países. O ICMS, adotado no país, é o único caso no mundo de imposto que, embora se pareça com o IVA, não é administrado pelo governo federal — o que dá aos estados total autonomia para administrar, cobrar e gastar os recursos dele originados. A competência estadual do ICMS gera ainda dificuldades na relação entre as vinte e sete unidades da Federação, dada a coexistência dos princípios de origem e destino nas transações comerciais interestaduais, que gera a já comentada guerra fiscal.

A harmonização com os outros sistemas tributários é outro desafio que deve ser enfrentado. É preciso integrar-se aos países do MERCOSUL, além de promover a aproximação aos padrões tributários de um mundo globalizado e desenvolvido, principalmente quando se trata de Europa. Só assim o país recuperará o poder da economia e poderá utilizar essa recuperação como condição para intensificar a integração com outros países e para participar mais ativamente da globalização.

André Pereira. Os desafios do direito tributário brasileiro. In: DCI – Diário Comércio, Indústria e Serviços. 2/mar./2017. Internet: <www.dci.com.br> (com adaptações).

Os três aspectos que representam desafios para o direito tributário brasileiro, na ordem em que aparecem no texto 1A1-I, são

- a) a alteração de regras para benefícios e isenções, a competitividade propiciada pela interdependência dos estados e a recuperação do poder econômico do país.
- b) o conflito fiscal proporcionado pelo ICMS, a competitividade produzida pela interdependência dos estados e a recuperação do poder econômico do país.
- c) a alteração de regras para benefícios e isenções, a competitividade gerada pela interdependência dos estados e a recuperação do poder econômico do país.
- d) o afinamento com outros sistemas tributários, a adoção do IVA e o conflito fiscal favorecido pelo ICMS.



e) o conflito fiscal propiciado pelo ICMS, a competitividade gerada pela interdependência dos estados e o afinamento com outros sistemas tributários.

Comentários:

Questão literal. Vejamos:

- 1) Entre esses pontos de atenção, destacam-se três. O primeiro é a guerra fiscal ocasionada pelo ICMS. (...)
 - 2) A competitividade gerada pela interdependência estadual é outro ponto. (...)
 - 3) A harmonização com os outros sistemas tributários é outro desafio que deve ser enfrentado.
- Gabarito letra E.

33.(SEFAZ-RS / AUDITOR FISCAL / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

Infere-se das ideias do texto 1A1-I que o autor é contrário

- a) ao modelo tributário europeu.
- b) à aplicação do IVA em nível federal.
- c) ao sistema tributário do MERCOSUL.
- d) à competência estadual para o ICMS.
- e) aos padrões tributários do mundo globalizado.

Comentários:

O autor aponta que o fato de a competência do IPVA ser estadual causa problemas. Cada estado pode legislar sobre o IPVA, o que gera muitas legislações ao mesmo tempo, prejudicando a simplificação. Além disso, cada estado pode criar benefícios fiscais em sua legislação, para atrair empresas e investimentos para seu território. Isso gera concorrência entre os entes federativos, a chamada “guerra fiscal”. Por esses argumentos, fica evidente que o autor é contra a competência individual de cada estado e sugere uma legislação única, federal, como a do IVA que mencionou. Gabarito letra D.

34.(SEPLAG RECIFE / ASS. DE GESTÃO PÚBLICA / 2019)

Mais da metade dos seres humanos hoje vivem em cidades, e esse número deve aumentar para 70% até 2050. Em termos econômicos, os resultados da urbanização foram notáveis. As cidades representam 80% do Produto Interno Bruto (PIB) global. Nos Estados Unidos, o corredor Boston-Nova York-Washington gera mais de 30% do PIB do país.

Mas o sucesso tem sempre um custo – e as cidades não são exceção, segundo análise do Fórum Econômico Mundial. Padrões insustentáveis de consumo, degradação ambiental e desigualdade persistente são alguns dos problemas das cidades modernas. Recentemente, entraram na equação as consequências da transformação digital. Há quem fale sobre uma futura desurbanização. Mas os especialistas consultados pelo Fórum descartam essa possibilidade. Preferem discorrer sobre como as cidades vão se adaptar à era da digitalização e como vão moldar a economia mundial.

A digitalização promete melhorar a vida das pessoas nas cidades. Em cidades inteligentes como Tallinn, na Estônia, os cidadãos podem votar nas eleições nacionais e envolver-se com o



governo local via plataformas digitais, que permitem a assinatura de contratos e o pagamento de impostos, por exemplo. Programas similares em Cingapura e Amsterdã tentam criar uma espécie de “governo 4.0”.

Além disso, a tecnologia vai permitir uma melhora na governança. Plataformas digitais possibilitam acesso, abertura e transparência às operações de governos locais e provavelmente irão mudar a forma como os governos interagem com as pessoas.

(Adaptado de: “5 previsões para a cidade do futuro, segundo o Fórum Econômico Mundial”. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com>)

Na apresentação de previsões quanto ao futuro das cidades, o autor

- (A) cita dados que mostram o aumento da urbanização como fruto da transformação digital.
- (B) contrasta aspectos positivos e negativos da digitalização no exercício da cidadania.
- (C) aponta os problemas decorrentes do emprego da digitalização na economia mundial.
- (D) apresenta opiniões divergentes no que respeita à sustentabilidade nos meios urbanos.
- (E) recorre à opinião de especialistas e menciona cidades que usam recursos digitais atualmente.

Comentários:

- (A) Incorreta. Não foi dito que o aumento da urbanização é fruto da transformação digital.
- (B) Incorreta. Não fala de aspectos negativos da digitalização no exercício da cidadania, fala de aspectos negativos da urbanização (degradação ambiental, desigualdade)
- (C) Incorreta. Não aponta os problemas decorrentes do emprego da digitalização na economia mundial, apenas menciona aspectos negativos da urbanização.
- (D) Incorreta. Não fala de sustentabilidade, mas sim de efeitos positivos da digitalização.
- (E) Correta. Recorre à opinião de especialistas (analistas do *Fórum Econômico Mundial*) e menciona cidades que usam recursos digitais atualmente (Tallin, Cingapura, Amsterdã). Gabarito letra E.

35. (SEPLAG RECIFE / ASS. DE GESTÃO PÚBLICA / 2019)

Desde 2016, registra-se queda na cobertura vacinal de crianças menores de dois anos. Segundo o Ministério da Saúde, entre janeiro e agosto, nenhuma das nove principais vacinas bateu a meta estabelecida — imunizar 95% do público-alvo. O percentual alcançado oscila entre 50% e 70%.

As autoridades atribuem o desleixo a duas causas. Uma: notícias falsas alarmantes espalhadas pelas redes sociais. Segundo elas, vacinas seriam responsáveis pelo autismo e outras enfermidades. A outra: a população apagou da memória as imagens de pessoas acometidas por coqueluche, catapora, sarampo. Confirmar-se-ia, então, o dito de que o que os olhos não veem o coração não sente.

Trata-se de comportamento irresponsável que tem consequências. De um lado, ao impedir que o infante indefeso fique protegido contra determinada doença, os pais lhe comprometem a saúde (e até a vida). De outro, contribuem para que a enfermidade continue a se propagar pela população. Em bom português: apunhalam o individual e o coletivo. Põem a perder décadas de esforço governamental de proteger os brasileiros de doenças evitáveis.



O Brasil, vale lembrar, é citado como modelo pela Organização Mundial de Saúde. As campanhas de vacinação exigiram esforço hercúleo. Para cobrir o território nacional e cumprir o calendário, enfrentaram selvas, secas, tempestades. Tiveram êxito. Deixaram relegada para as páginas da história a revolta da vacina, protagonizada pela população do Rio de Janeiro que, no início do século passado, se rebelou contra a mobilização de Oswaldo Cruz para reduzir as mazelas do Rio de Janeiro. O médico quis resolver a tragédia da varíola com a Lei da Vacina Obrigatória.

Tal fato seria inaceitável hoje. A sociedade evoluiu e se educou. O calendário de vacinação tornou-se rotina. Graças ao salto civilizatório, o país conseguiu erradicar males que antes assombravam a infância. O retrocesso devolverá o Brasil ao século 19. Há que reverter o processo. Acerta, pois, o Ministério da Saúde ao deflagrar nova campanha de adesão para evitar a marcha rumo à barbárie. O reforço na equipe de agentes de imunização deve merecer atenção especial.

(Adaptado de: "Vacina: avanço civilizatório". Diário de Pernambuco. Editorial. Disponível em: www.diariodeper-nambuco.com.br)

O texto expressa um ponto de vista condizente com o que se afirma em:

- (A) A população brasileira é irresponsável ao não aderir às campanhas de vacinação promovidas pelo Ministério da Saúde.
- (B) Falta investimento público em campanhas de vacinação que sejam de fato eficazes para o controle de doenças letais.
- (C) Doenças já erradicadas voltaram a assolar a população porque os brasileiros não foram orientados a vacinar seus filhos.
- (D) As campanhas de vacinação do Ministério da Saúde foram mal planejadas e, por isso, não chegaram a alcançar sucesso.
- (E) O pouco conhecimento da população brasileira acerca das campanhas de vacinação acarretou surtos de doenças evitáveis.

Comentários:

O texto expressamente diz que uma das causas é a omissão da população e que essa omissão é uma irresponsabilidade:

As autoridades atribuem o desleixo a duas causas. Uma: notícias falsas alarmantes espalhadas pelas redes sociais. Segundo elas, vacinas seriam responsáveis pelo autismo e outras enfermidades. A outra: a população apagou da memória as imagens de pessoas acometidas por coqueluche, catapora, sarampo (esqueceu do perigo e não vai se vacinar). Confirmar-se-ia, então, o dito de que o que os olhos não veem o coração não sente.

Trata-se de comportamento irresponsável que tem consequências. Gabarito letra A.

36. (SEPLAG RECIFE / ASS. DE GESTÃO PÚBLICA / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

Com a alusão ao provérbio o que os olhos não veem o coração não sente, reforça-se a ideia de que

- (A) a população já se esqueceu dos riscos de algumas doenças visadas pelas atuais campanhas de vacinação, como coqueluche, catapora e sarampo.



- (B) as campanhas de vacinação têm priorizado inadvertidamente doenças que já não implicam risco de contágio à maior parte da população.
- (C) as campanhas de conscientização do Ministério da Saúde não devem subestimar o conhecimento que o público adquire por meio do estudo formal.
- (D) as notícias falsas espalhadas pelas redes sociais são eficazes porque recorrem a registros audiovisuais que apelam a um envolvimento afetivo.
- (E) a imunização carece do estabelecimento de metas realistas, embora informar a população acerca dos riscos das doenças seja uma estratégia válida.

Comentários:

Essa questão é praticamente a mesma da anterior. Uma das causas é a omissão da população em se vacinar, esta omissão é causada pelo esquecimento dos efeitos das doenças que são objetos da campanha. Como não veem muito os efeitos, esquecem a causa e não vão se vacinar.

Gabarito letra A.

37.(CRF-RO / CONTADOR / 2019)



Com base na leitura compreensiva, é correto afirmar que o texto

- A) aproveita uma data específica para ressaltar a importância do trabalho do farmacêutico no cuidado com a saúde das pessoas.
- B) procura convencer a população a sempre questionar os medicamentos que lhe são prescritos e, em seguida, recorrer ao serviço de um farmacêutico para sanar as eventuais dúvidas.
- C) ignora a possibilidade de as pessoas fazerem uso indevido de medicamentos.
- D) pretende, no Dia do Farmacêutico, divulgar para a população os prejuízos à saúde decorrentes do uso de medicamentos sem a orientação de um farmacêutico.
- E) faz uma crítica ao uso de medicamentos prescritos indevidamente por outros profissionais da saúde.

Comentários:

- A) CORRETA. O anúncio tem o objetivo de divulgar a importância do exercício profissional do farmacêutico..



- B) INCORRETA. O anúncio não tem o objetivo de levar a população ao questionamento.
- C) INCORRETA. A divulgação é em relação ao profissional e não ao uso de medicamentos.
- D) INCORRETA. O texto não traz essa informação. Gabarito letra A.

38.(SEFAZ-BA / AUDITOR FISCAL / 2019)

Uma mudança ocorrida no último meio século foi o aparecimento do museu que constitui, por si só, uma grande atração cultural, independentemente do conteúdo a ser exibido em seu interior. Esses edifícios espetaculares e em geral arrojados vêm sendo construídos por arquitetos de estima universal e se destinam a criar grandes polos globais de atração cultural em centros em tudo o mais periféricos e pouco atrativos. O que acontece dentro desses museus é irrelevante ou secundário. Um exemplo disso ocorreu na cidade de Bilbao. Em tudo o mais praticamente inexpressiva, nos anos 1990 ela transformou-se num polo turístico global graças ao Museu Guggenheim, do arquiteto Frank Gehry. A arte visual contemporânea, desde o esgotamento do modernismo nos anos 1950, considera adequados e agradáveis para exposições esses espaços que exageram a própria importância e são funcionalmente incertos. Não obstante, coleções de grande significado para a humanidade, expostas, por exemplo, no Museu do Prado, ainda não precisam recorrer a ambientes de acrobacia arquitetônica.

(Adaptado de: HOBBSAWM, Eric. Tempos fraturados: Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, edição digital)

Considere as afirmativas abaixo a respeito do texto.

- I. O autor aponta para o surgimento de museus cujo acervo é menos relevante para o visitante do que a grandeza arquitetônica de seu edifício e questiona a eficácia de tais ambientes para a exibição de obras de arte.
- II. Infere-se do texto que o Museu Guggenheim é responsável por transformar a cidade de Bilbao, anteriormente desprovida de atributos culturais, em um polo turístico.
- III. Para o autor, as obras apresentadas no Museu do Prado ganham maior destaque devido ao fato de este museu não constituir um exemplo do que classifica como "ambiente de acrobacia arquitetônica".

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I e II.
- (B) II e III.
- (C) I e III.
- (D) II.
- (E) I.

Comentários:

O item III está incorreto porque as obras do museu do Prado não recebem "maior destaque"; pelo contrário, são coleções de grande significado para a humanidade e não recebem esse destaque turístico que o autor critica, nem são expostas em museus grandiosos como os mencionados.

O item I está correto e fundamentado em: Esses edifícios espetaculares e em geral arrojados vêm sendo construídos por arquitetos de estima universal e se destinam a criar grandes polos globais



de atração cultural em centros em tudo o mais periféricos e pouco atrativos. O que acontece dentro desses museus é irrelevante ou secundário.

O gabarito oficial foi letra A (I e III), embora eu entenda que a banca pecou no item II: não foi dito expressamente que Bilbao era “desprovida” de atributos culturais. O texto diz “praticamente inexpressiva”, o que não é exatamente “desprovida”, pois “desprovida” tem ideia extremamente totalizante. Mesmo assim, a banca entendeu como certa a afirmação. Faz parte, é normal vir em prova alguma questão discutível, é preciso ser flexível e buscar a melhor resposta.

39. (SEFAZ-BA / AUDITOR FISCAL / 2019)

A ciência moderna e a economia de mercado figuram entre as mais notáveis realizações humanas. A Revolução Científica do século XVII e a Revolução Industrial do século XVIII foram apenas o prelúdio do que viria em seguida – a revolução permanente dos últimos três séculos. Ciência e mercado são apostas na liberdade: liberdade balizada por padrões impessoais de argumentação e validação de teorias no primeiro caso; e por regras que fixam os marcos dentro dos quais a busca do ganho econômico por parte das pessoas é livre, no segundo. Por mais brilhantes, entretanto, que sejam suas inegáveis conquistas, é preciso ter uma visão clara do que podemos esperar que façam por nós: a ciência jamais aplacará a nossa fome de sentido, e o mercado nada nos diz sobre a ética – como usar a nossa liberdade e o que fazer de nossas vidas.

O sistema de mercado – baseado na propriedade privada, nas trocas voluntárias e na formação de preços por meio de um processo competitivo reconhecidamente imperfeito – define um conjunto de regras de convivência na vida prática. A regra de ouro do mercado estabelece que a recompensa material dos seus participantes corresponderá ao valor monetário que os demais estiverem dispostos a atribuir ao resultado de suas atividades: a remuneração de cada um, portanto, não depende da intensidade dos seus desejos de consumo, do civismo de suas ações, do seu mérito moral ou estético. Dependerá tão somente da disposição dos consumidores em pagar, com parte do ganho do seu próprio trabalho, para ter acesso aos bens e serviços que o outro oferece. Mas o mercado não decide, em nome dos que nele atuam, os resultados finais da interação. Assim como a gramática não determina o teor das mensagens, mas apenas as regras das trocas verbais, também o mercado não estabelece de antemão o que será feito e escolhido pelos que dele participam.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, edição digital)

Infere-se corretamente do texto:

- (A) Apesar de se autorregular, o mercado oferece recompensas materiais desiguais aos participantes do sistema, atreladas, proporcionalmente, à dedicação do indivíduo àquilo que é do interesse da coletividade.
- (B) Ao estabelecer uma comparação entre as conquistas capazes de melhorar as condições da vida humana nos últimos séculos, o autor conclui que os benefícios da economia de mercado são inferiores aos alcançados pela Revolução Industrial do século XVIII.
- (C) Como ciência e mercado estão interligados, a primeira sofre restrições em sua liberdade de ação, uma vez que só se validam teorias que atendam aos interesses do mercado, o qual, por sua vez, visa ao lucro mesmo em detrimento do desenvolvimento científico.
- (D) As conquistas alcançadas pelo sistema de mercado, no qual se estabelecem os preços de um produto por meio de um processo competitivo, são limitadas, na medida em que as relações de troca não estão atreladas a escolhas éticas nem nos ensinam de que modo usar nossa liberdade.



(E) Uma vez que se trata de um sistema meritocrático, o sistema de mercado beneficia os indivíduos mais dedicados e munidos de maior motivação pessoal, cujo grande desejo de consumo faz com que procurem superar suas dificuldades.

Comentários:

Literal dos trechos: “o mercado nada nos diz sobre a ética—como usar a nossa liberdade e o que fazer de nossas vidas”

“o mercado não estabelece de antemão o que será feito e escolhido pelos que dele participam”
Gabarito letra D.

40. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

A chave do tamanho

O antes de nascer e o depois de morrer: duas eternidades no espaço infinito circunscrevem o nosso breve espasmo de vida. A imensidão do universo visível com suas centenas de bilhões de estrelas costuma provocar um misto de assombro, reverência e opressão nas pessoas. “O silêncio eterno desses espaços infinitos me abate de terror”, afligia-se o pensador francês Pascal. Mas será esse necessariamente o caso?

O filósofo e economista inglês Frank Ramsey responde à questão com lucidez e bom humor: “Discordo de alguns amigos que atribuem grande importância ao tamanho físico do universo. Não me sinto absolutamente humilde diante da vastidão do espaço. As estrelas podem ser grandes, mas não pensam nem amam – qualidades que impressionam bem mais do que o tamanho. Não acho vantajoso pesar quase cento e vinte quilos”.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações? Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 35)

Ao longo do texto, o autor sustenta a ideia de que a infinitude

- (A) do universo acalenta nossa confiança na infinitude da espécie humana.
- (B) dos espaços cósmicos refreia o nosso anseio de imortalidade.
- (C) do tempo universal impede-nos de usufruir o tempo de nossa finitude.
- (D) dos espaços ou do tempo não garante a vantagem de uma suposta imortalidade.
- (E) das coisas nunca representou alguma restrição à nossa sensação de liberdade.

Comentários:

Nossa resposta está no terceiro parágrafo. O autor afirma não crer que a eternidade teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo e nossas inquietações.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a



imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações?

Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar. Gabarito letra D.

41. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

As ideias de Pascal e as de Frank Ramsey referidas no texto

(A) convergem para o ponto comum de fazer temer a enormidade dos enigmas que nos cercam.

(B) divergem frontalmente quanto às percepções que têm diante da vastidão ou infinitude do universo.

(C) divergem quanto à infinitude do universo, mas convergem quanto ao temor que sentimos diante da morte.

(D) são complementares, uma vez que a convicção de um pensador dá força à convicção do outro.

(E) são de todo independentes, pois não tratam de qualquer tema que estabeleça contato entre elas.

Comentários:

Pascal sentia “terror”; “Ramsey” não se impressionava com a imensidão do universo. Então, ambos discordavam frontalmente.

Não me sinto absolutamente humilde diante da vastidão do espaço. Gabarito letra B.

42. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

Imigrações no Rio Grande do Sul

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Portugueses oriundos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões.

A partir da década de vinte do século XIX, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.



(Adaptado de: projetoriograndetche.weebly.com/imigraccedilatildeo-no-rs.html)

Os primeiros imigrantes alemães a se estabelecerem no Rio Grande do Sul

- (A) constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.
- (B) promoveram a ocupação, com apoio governamental, de uma ampla região destinada ao estabelecimento das Missões.
- (C) foram assentados em glebas onde já com eficácia se cultivavam produtos que concorriam com os importados.
- (D) alteraram a qualidade e a quantidade dos produtos artesanais locais, o que se refletiu na economia da região.
- (E) representaram o ingresso no mercado de trabalhadores qualificados que modernizaram a produção industrial.

Comentários:

Vejam a resposta e sua fundamentação no texto:

constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.

Onde está isso?

Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. Gabarito letra A.

43. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

Com a sucessão de levas de imigrantes, verificaram-se as seguintes consequências no Rio Grande do Sul:

- (A) interdição do trabalho escravo e consolidação das classes dominantes.
- (B) diversificação do artesanato e valorização do folclore nacional.
- (C) consolidação das estâncias tradicionais e minimização das charqueadas.
- (D) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média.
- (E) alternância no comando político e expansão das propriedades rurais.

Comentários:

Questão direta e literal. Vejam:

(D) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média. Gabarito letra D.

Veja o texto:

...consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população.



44. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019) Utilize o texto da questão 42.

O último parágrafo do texto enfatiza

- (A) a progressiva e positiva transformação socioeconômica que as levas de imigrantes trouxeram ao estado rio-grandense.
- (B) o impulso rapidamente imposto ao ritmo até então tímido da produção nas pequenas propriedades gaúchas.
- (C) a pressão das camadas emergentes dos trabalhadores sobre a gestão política dos proprietários tradicionais.
- (D) a substituição dos modos de produção local pelas técnicas artesanais há muito consagradas em outras terras.
- (E) a importância da imigração alemã no deslocamento da economia rural para a do mercado financeiro.

Comentários:

O que diz o último parágrafo? Vejamos:

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

O parágrafo foca na transformação do perfil social e econômico do Rio Grande do Sul, que foi desenvolvendo um mercado interno com agricultura e artesanato e foi consolidando uma classe média. Gabarito letra A.

45. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

[Retratos fiéis]

Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de quarenta e três graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.

Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o invejável dom da pintura, eu seria um pintor lírico (o adjetivo não é bem apropriado, mas vai esse mesmo enquanto não ocorrer outro). Quero dizer, o modelo serviria tão só do ponto de partida. O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia e poder de imaginação.

(Adaptado de: QUINTANA, Mário. Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979, p. 88)

No primeiro parágrafo, o autor do texto exprime sua convicção de que a

- (A) pintura, sendo mais criativa que a fotografia, desfruta de melhores condições para ser de fato uma arte.



- (B) fotografia, ainda que seja uma técnica capaz de objetividade, não distingue os detalhes que uma pintura pode realçar.
- (C) fotografia, em sua propriedade de retratar tudo objetivamente, alcança mais precisão do que qualquer pintura.
- (D) pintura, em seu afã de retratar tudo objetivamente, acaba por relevar detalhes que a própria fotografia não exprime.
- (E) pintura, quando descarta sua obsessão em retratar tudo com o máximo de detalhes, aproxima-se mais da arte da fotografia.

Comentários:

Questão direta. A pintura é feita pelo ser humano, a fotografia pela máquina. O autor deixa claro que não é possível a pintura concorrer com a precisão objetiva da máquina:

Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade. Gabarito letra C.

46. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

Demonstra-se boa compreensão de um segmento do texto no seguinte caso:

- (A) Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o (...) dom = caso Deus tivesse compensado minhas falhas agraciando-me com o talento
- (B) o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos = o fotógrafo mesmo, que não poupa detalhes, perde-se ao contar minúcias
- (C) com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade = com cuja materialidade nem mesmo sendo objetivos havemos de tratar
- (D) Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas = Não vejo razão para renunciarmos à objetividade quando desenhamos
- (E) O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia = O que sobrasse eu dispensaria para poder fazer jus ao meu critério de artista

Comentários:

Contrabalançar lacunas tem sentido de “compensar uma falta”, equilibrar uma ausência. Como “tivesse” e “houvesse” são verbos auxiliares equivalentes na formação do pretérito mais-que-perfeito, a letra A traz uma perfeita equivalência.

b) essa passagem fala do pintor, não do fotógrafo.

c) matéria (assunto) é diferente de materialidade (característica do que é concreto).

d) as redações têm sentido contrário: renunciar à objetividade é justamente não desenhar objetivamente.

e) transfigurar é transformar, diferente de dispensar (abrir mão) Gabarito letra A.

47. (TRT 15ª REGIÃO / TÉCNICO / 2018)



Você concorda com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”? Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições.

Mantendo-se a correção e, em linhas gerais, o sentido, as frases acima encontram-se transpostas para o discurso indireto em

a) À pergunta: – Você concorda com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”? , responde a entrevistada: – Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições.

b) Questionada se concordava com Edward O. Wilson sobre a natureza humana ser um conjunto de predisposições genéticas, a entrevistada respondeu que acreditava na existência de tais predisposições, que, todavia, na grande maioria dos casos não seriam mais do que isso.

c) À pergunta de, se concordaria com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”, respondeu a entrevistada que acreditaria que predisposições genéticas existissem, mas que, na grande maioria dos casos, não passariam disso.

d) Em resposta à pergunta sobre sua concordância com Edward O. Wilson – que teria dito que a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas – a entrevistada respondeu: “Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições”.

e) Ao ser perguntada se concordava com Edward O. Wilson, a respeito de que a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas, a entrevistada responde que, na maioria dos casos, acreditava em tais predisposições, mas que não passariam de serem predisposições.

Comentários:

O discurso direto reproduz literalmente o que foi dito, palavra a palavra. O discurso indireto “reporta” a fala, de maneira mediada por um narrador, com devidas adaptações decorrentes de ter o discurso virado uma narração de algo passado. A fala então vem em forma de oração subordinada ligada a um verbo declarativo.

A conversão correta está em:

Questionada se concordava com Edward O. Wilson sobre a natureza humana ser um conjunto de predisposições genéticas, a entrevistada respondeu que acreditava na existência de tais predisposições, que, todavia, na grande maioria dos casos não seriam mais do que isso.

Os verbos que estavam no presente na fala literal passam para o pretérito imperfeito. O verbo no futuro do pretérito: “seriam” foi utilizado pelo tom de fato não absolutamente certo na fala da autora, pois ela diz “acredito”. Gabarito: Letra B.

48. (TRT 24ª REGIÃO / TÉCNICO JUDICIÁRIO / 2017)

Aspectos Culturais de Mato Grosso do Sul

A cultura de Mato Grosso do Sul é o conjunto de manifestações artístico-culturais desenvolvidas pela população sul-mato-grossense muito influenciada pela cultura paraguaia. Essa cultura estadual retrata, também, uma mistura de várias outras contribuições das muitas migrações ocorridas em seu território.



O artesanato, uma das mais ricas expressões culturais de um povo, no Mato Grosso do Sul, evidencia crenças, hábitos, tradições e demais referências culturais do Estado. É produzido com matérias primas da própria região e manifesta a criatividade e a identidade do povo sul-mato-grossense por meio de trabalhos em madeira, cerâmica, fibras, osso, chifre, sementes, etc.

As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e, além da fauna e da flora, podem retratar tipos humanos e costumes da região.

Depreende-se corretamente do texto que a cultura de Mato Grosso do Sul é

- a) formada principalmente pela influência da cultura de vários povos migrantes e também pela influência secundária da cultura paraguaia.
- b) formada não apenas pela influência da cultura paraguaia, mas também pela influência da cultura dos povos que migraram para essa região.
- c) muito influenciada pela cultura paraguaia, mas também o é pela cultura de povos de outros países sul-americanos.
- d) fortemente influenciada pela cultura de nações sul-americanas, mas o é também pela cultura de povos de outras regiões do Brasil.
- e) reflexo de uma forte influência da cultura paraguaia, e a cultura de outras regiões não a influenciou de forma relevante.

Comentários:

No primeiro parágrafo temos:

Primeiro lugar: *A cultura de Mato Grosso do Sul é o conjunto de manifestações artístico-culturais desenvolvidas pela população sul-mato-grossense muito influenciada pela cultura paraguaia*

Segundo lugar: *Essa cultura estadual retrata, também, uma mistura de várias outras contribuições das muitas migrações ocorridas em seu território.*

Portanto, a influência paraguaia é primária, maior do que a das outras migrações.

- a) Incorreta. Houve inversão, a influência paraguaia é primária.
- b) Correta. Houve influência paraguaia e também de outras culturas.
- c) Incorreta. Houve extrapolação, pois em nenhum momento se falou de nações sul-americanas, apenas de falou de "outras contribuições das muitas migrações ocorridas".
- d) Incorreta. Em nenhum momento se falou especificamente de nações sul-americanas nem de outras regiões do Brasil.
- e) Incorreta. Aqui há contradição total. O texto diz exatamente o contrário: outras culturas, além da paraguaia, também influenciaram a formação cultural do Mato Grosso do Sul. Gabarito letra B.

49. (TRT 24ª REGIÃO / TÉCNICO JUDICIÁRIO / 2017)

Instituições financeiras reconhecem que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira



Os bancos e as empresas que efetuam pagamentos têm dificuldades de controlar as fraudes financeiras on-line no atual cenário tecnológico conectado e complexo. Mais de um terço (38%) das organizações reconhece que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira, revela pesquisa realizada por instituições renomadas.

O estudo revela que o índice de fraudes on-line acompanha o aumento do número de transações on-line, e 50% das organizações de serviços financeiros pesquisadas acreditam que há um crescimento das fraudes financeiras eletrônicas. Esse avanço, juntamente com o crescimento massivo dos pagamentos eletrônicos combinado aos novos avanços tecnológicos e às mudanças nas demandas corporativas, tem forçado, nos últimos anos, muitas delas a melhorar a eficiência de seus processos de negócios.

De acordo com os resultados, cerca de metade das organizações que atuam no campo de pagamentos eletrônicos usa soluções não especializadas que, segundo as estatísticas, não são confiáveis contra fraude e apresentam uma grande porcentagem de falsos positivos. O uso incorreto dos sistemas de segurança também pode acarretar o bloqueio de transações. Também vale notar que o desvio de pagamentos pode causar perda de clientes e, em última instância, uma redução nos lucros.

Conclui-se que a fraude não é o único obstáculo a ser superado: as instituições financeiras precisam também reduzir o número de alarmes falsos em seus sistemas a fim de fornecer o melhor atendimento possível ao cliente.

Infere-se corretamente do texto que

- a) está cada vez mais fácil, no atual cenário tecnológico, verificar se uma transação on-line é falsa ou verdadeira.
- b) bem mais da metade das organizações atuantes no campo de pagamentos eletrônicos usa soluções não especializadas.
- c) as instituições financeiras precisam acabar não só com as fraudes no sistema on-line, mas também com os alarmes falsos.
- d) o único obstáculo a ser superado ainda pelas instituições financeiras, no atual cenário tecnológico, são os alarmes falsos
- e) o uso de sistemas de segurança especializados pode provocar o bloqueio de transações, mas sem perda da clientela.

Comentários:

O enunciado diz "infere-se". Então, temos que estar prontos para procurar uma informação sugerida pelo texto, mas que não esteja absolutamente clara e literal. Contudo, muitas vezes as questões de inferência são literais.

- a) Incorreta. Ocorre justamente o contrário:

Mais de um terço (38%) das organizações reconhece que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira

- b) Incorreta. A expressão original é "cerca de metade", o que é bem diferente de "bem mais da metade".

- c) Correta. Isso está bem visível no texto, conforme inferimos da expressão "não é o único":



Conclui-se que a fraude não é o único obstáculo a ser superado: as instituições financeiras precisam também reduzir o número de alarmes falsos em seus sistemas a fim de fornecer o melhor atendimento possível ao cliente.

d) Incorreta. Há dois obstáculos: fraudes e alarmes falsos.

e) Incorreta. Outra contradição evidente no texto:

O uso incorreto dos sistemas de segurança também **pode acarretar o bloqueio de transações**. Também vale notar que o desvio de pagamentos **pode causar perda de clientes** e, em última instância, uma redução nos lucros. *Gabarito letra C.*

50.(TRT 6ª REGIÃO / ANALISTA JUDICIÁRIO / 2018)

A arte requer “explicação”?

Aqui e ali, quem frequenta bienais, salões de arte ou exposições de artes plásticas encontrará de repente não um quadro, uma escultura ou algum objeto de significação histórica, mas uma instalação – nome que se dá, segundo o dicionário Houaiss, a “alguma obra de arte que consiste em construção ou empilhamento de materiais, permanente ou temporário, em que o espectador pode participar, manipulando-a, ou, sendo, às vezes, de tamanho tão grande, que o espectador pode nela entrar”. Trata-se, em outras palavras, de materiais organizados num espaço físico de modo a constituírem uma obra de arte.

Ocorre, porém, com grande parte das instalações, um fenômeno curioso: com muita frequência o criador é convidado a explicar – e o faz com linguagem muito sofisticada – o sentido profundo que pretendeu dar àquele conjunto de materiais, àquela instalação que ele concebeu. Para o público, restará a impressão final de que os materiais eram, em si mesmos, insuficientes para significarem alguma coisa: precisavam da explicação de quem os utilizou.

As verdadeiras obras de arte se impõem por si mesmas, independentemente de qualquer explicação prévia ou justificativa final. O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme para explicar seu sentido junto ao público. Certamente haverá oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística que atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer; mas nada será mais forte do que a mobilização emocional e intelectual que a obra já despertou em nós, no primeiro contato.

(Aristeu Valverde, inédito)

A pergunta que constitui o título do texto encontra sua resposta, conforme se posiciona o autor, no seguinte segmento:

(A) materiais organizados num espaço físico de modo a constituírem uma obra de arte (1º parágrafo).

(B) os materiais eram, em si mesmos, insuficientes para significarem alguma coisa (2º parágrafo).

(C) O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme (3º parágrafo).

(D) oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística (3º parágrafo).

(E) atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer (3º parágrafo).



Comentários:

No último parágrafo o autor afirma categoricamente que a arte não precisa ser explicada:

O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme...

Então, "interpor-se" é colocar-se no meio. O músico não precisa se colocar entre ele mesmo e a obra, não deve haver intermediários "explicando" a obra, fazendo uma "ponte" entre ela e o público. As obras devem bastar por si mesmas, causando sua impressão diretamente. Gabarito letra C.

51. (TRT 6ª REGIÃO / ANALISTA JUDICIÁRIO / 2018) Utilize o texto da questão anterior.

Da posição assumida pelo autor do texto em relação às instalações e às obras de arte em geral, deduz-se sua convicção de que as obras de arte

(A) não favorecem debates ou reflexões, em vista da autossuficiência do sentido que exprimem de modo direto.

(B) devem ser esclarecidas por aquele que lhes emprestou determinado sentido, ao criá-las com função estética.

(C) desvendam-se por si mesmas, a menos que seu autor seja capaz de nos mostrar que seu sentido explica-se conforme sua intenção.

(D) valem-se de uma força já presente em sua linguagem, o que não impede que venhamos a refletir e ponderar sobre elas.

(E) dispensam qualquer explicação quando não se propõem a ser grandiosas, preferindo tirar partido de sua simplicidade.

Comentários:

Novamente, a resposta está no parágrafo final:

As verdadeiras obras de arte se impõem por si mesmas (valem-se de uma força já presente em sua linguagem), independentemente de qualquer explicação prévia ou justificativa final. O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme para explicar seu sentido junto ao público. Certamente haverá oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística que atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer (o que não impede que venhamos a refletir e ponderar sobre elas.); mas nada será mais forte do que a mobilização emocional e intelectual que a obra já despertou em nós, no primeiro contato.

Gabarito letra D.

(A) Incorreto. Favorecem debates ou reflexões sim.

(B) Incorreto. Não devem ser esclarecidas, devem bastar por si mesmas.

(C) Incorreto. Desvendam-se por si mesmas, sem essa ressalva de "a menos que seu autor seja capaz de nos mostrar que seu sentido explica-se conforme sua intenção."

(E) Incorreto. Dispensam qualquer explicação sempre, sem essa restrição de somente "quando não se propõem a ser grandiosas, preferindo tirar partido de sua simplicidade."

52. (ISS SÃO LUIZ / AUD. FISCAL DE TRIBUTOS / 2018)



A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica. A história da vida privada é, em primeiro lugar, a história de sua definição: como evoluiu sua distinção na sociedade francesa do século XX? Como o domínio da vida privada variou em seu conteúdo e abrangência?

A questão é tanto mais importante na medida em que não é certo que seu contorno tenha o mesmo sentido em todos os meios sociais. Para a burguesia da Belle Époque¹, não há nenhuma dúvida: o “muro da vida privada” separa claramente os domínios. Por trás desse muro protetor, a vida privada e a família coincidem com bastante exatidão. Esse domínio abrange as fortunas, a saúde, os costumes, a religião: se os pais que querem casar os filhos consultam o notário ou o pároco para “tomar informações” sobre a família de um eventual pretendente, é porque a família oculta cuidadosamente ao público o tio fracassado, o irmão de costumes dissolutos e o montante das rendas. E Jaurès², respondendo a um deputado socialista que lhe censurava a comunhão solene da filha: “Meu caro colega, você sem dúvida faz o que quer de sua mulher, eu não”, marcava com grande precisão a fronteira entre sua existência de político e sua vida privada.

Essa separação era organizada por uma densa teia de prescrições. A baronesa Staffe³, por exemplo, cita: “Quanto menos relações mantemos com a vizinhança, mais merecemos a estima e consideração dos que nos cercam”, “não devemos falar de assuntos íntimos com os parentes ou amigos que viajam conosco na presença de desconhecidos”. O apartamento ou a casa burguesa, aliás, se caracterizam por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. O lugar da família propriamente dita não é o salão: as crianças não entram no aposento quando há visitas e, como explica a baronesa, as fotos de família ficariam deslocadas nesse recinto. Ademais, as salas de visitas não são abertas a todos. Se toda dama da boa sociedade tem seu “dia” de receber – em 1907, são 178 em Nevers⁴ –, a visita à esposa de um figurão supõe uma apresentação prévia. As salas de recepção estabelecem, portanto, um espaço de transição para a vida privada propriamente dita.

(Adaptado de: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs.). História da vida privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 14 e 15.)

Obs.:

1 Período de cultura cosmopolita na história da Europa que vai de fins do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

2 Jean Léon Jaurès (1859-1914): político socialista francês.

3 Pseudônimo de Blanche-Augustine-Angèle Soyer (1843-1911), autora francesa, célebre em seu tempo pela obra *Uso do mundo*, sobre como saber viver na sociedade moderna.

4 Região da França, ao sul-sudeste

O texto legitima a seguinte inferência:

(A) A reflexão sobre a vida privada tem como contraponto obrigatório a reflexão sobre a vida pública, esta cujos contornos não conhecem flexibilidade.

(B) Sociedades de distintos países constroem sua compreensão de como devem ser preservadas as atividades privadas em subordinação ao regime político que historicamente adotam.

(C) A burguesia da Belle Époque exemplifica uma específica visão de vida privada e vida pública, tida como padrão a ser adotado porque o grupo francês não conheceu nenhuma dúvida na delimitação dessas esferas.



(D) Situações que envolvem questões do indivíduo na relação direta com seus familiares delimitam com precisão a vida privada, conceito este de força indiscutível, por ter valor universal.

(E) Se, na Belle Époque, as condições de vida de meios sociais como os camponeses, operários ou camadas mais baixas das cidades não lhes permitiam abrigar de olhares estranhos uma parte de sua vida, o sentido de “privada” era, para eles, distinto daquele que os burgueses conheciam.

Comentários:

Uma questão bastante difícil, é preciso destacar. O enunciado menciona claramente uma “inferência”, então o candidato deveria esperar que a resposta estaria nas entrelinhas e deveria ser deduzida de forma indireta, não meramente conferida na literalidade do texto. Veja nosso gabarito e depois suas “pistas no texto”:

(E) Se, na Belle Époque, as condições de vida de meios sociais como os camponeses, operários ou camadas mais baixas das cidades não lhes permitiam abrigar de olhares estranhos uma parte de sua vida, o sentido de “privada” era, para eles, distinto daquele que os burgueses conheciam.

A resposta deixa claro que a referência do texto vale para famílias burguesas da Belle Époque, não é uma distinção entre vida pública privada válida para todos os grupos sociais franceses:

A questão é tanto mais importante na medida em que *não é certo que seu contorno tenha o mesmo sentido em todos os meios sociais*. Para a burguesia da Belle Époque¹, não há nenhuma dúvida: o “muro da vida privada” separa claramente os domínios. *(ou seja, não é necessariamente o mesmo para todos os grupos e não será válido para camadas mais baixas da sociedade. Está-se falando das camadas mais ricas, a burguesia)*. Por trás desse muro protetor, a vida privada e a família coincidem com bastante exatidão.

Em suma, para a burguesia, a distinção entre vida pública e privada apresentada no texto vale especificamente para os burgueses, e não para camadas mais pobres, pois para estes não havia toda aquela estrutura de ‘dia de reunião’, antessala para visitas, casamentos arranjados com investigação do passado das famílias e demais prescrições sociais que mantinham as famílias burguesas separadas do olhar público. Gabarito letra E.

Vejam as demais:

(A) Conhecem flexibilidade sim, pois não há uma separação absoluta entre vida pública e privada em todos os casos.

(B) O conceito de vida pública ou privada é histórico e não foi mencionada nenhuma subordinação a nenhum regime político.

(C) Alternativa bem perigosa. Contudo, o texto não diz que a visão da burguesia de vida pública privada era um padrão, até porque ficou claro que não se aplicava a todos os grupos sociais. Além disso, “grupo francês” é uma expressão muito vaga, que não limita de que franceses a alternativa está falando. O texto foca apenas em famílias burguesas abastadas, com protocolos que não são aplicáveis a outras partes da sociedade. Também não podemos dizer que não há “nenhuma dúvida” na limitação das esferas. A delimitação entre vida pública e privada é duvidosa, não vale para todos os grupos de forma homogênea e evolui ao longo da história, ‘varia em conteúdo e abrangência’, como afirma o texto.

(D) Novamente, não há “força indiscutível” no conceito. A delimitação entre vida pública e privada é duvidosa, não vale para todos os grupos de forma homogênea e evolui ao longo da história, ‘varia em conteúdo e abrangência’.





LISTA DE QUESTÕES - COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO - MULTIBANCAS

1. (ALAP / AUXILIAR LEGISLATIVO / 2020)

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

(Cecília Meirelles)

Considere as afirmações abaixo.

- I. No poema, verifica-se um processo de mudança, decorrente da passagem do tempo.
- II. O elemento sublinhado em *Que nem se mostra* (2ª estrofe) refere-se a “coração”.
- III. Sem prejuízo para o sentido, o segmento sublinhado no verso *Eu não dei por esta mudança* (3ª estrofe) pode ser substituído por “ainda não assimilei”.
- IV. A repetição do termo “assim” em *Assim calmo, assim triste, assim magro* (1ª estrofe) prediz uma consequência, expressa no verso seguinte.

Está correto o que consta APENAS em

- (A) II e III.
- (B) I, II e IV.
- (C) I e III.
- (D) I e II.
- (E) III e IV.



2. (CREMERS / ASSISTENTE BÁSICO / 2020)



Internet: <<http://www.meusnervos.com.br>>.

Nas três primeiras cenas dos quadrinhos, é correto afirmar que o personagem está

- A) conversando consigo mesmo
- B) em uma conversa telefônica.
- C) em uma videoconferência.
- D) participando de uma reunião de trabalho
- E) prestes a se levantar de manhã.

3. (CREFONO - 5ª Região / AUXILIAR ADMINISTRATIVO / 2020)

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem são determinados tanto neurobiologicamente quanto socialmente e estão estreitamente relacionados ao desenvolvimento da aprendizagem, sendo o adequado desenvolvimento da linguagem fundamental para um processo de aprendizagem harmônico e satisfatório.

A linguagem pode ser entendida como um conjunto de símbolos com significado usados socialmente com o intuito de veicular a comunicação, portanto toda criança, na fase de aquisição da linguagem, aprende esse conjunto de símbolos comunicativos estabelecidos e convencionados para se relacionar e interagir com o meio a sua volta.

O desenvolvimento da linguagem ocorre de maneira hierárquica e estruturada, de acordo com as fases do desenvolvimento neuropsicomotor e com base em algumas estruturas ou sistemas, como o pragmático (uso), o fonológico (forma dos sons), o semântico (significado) e o gramatical (regras). Alterações em qualquer uma dessas

estruturas ou sistemas configuram algumas formas de distúrbios de linguagem, que variam entre atraso (ritmo lento de aquisição), dissociação (discrepância entre linguagem e outras áreas) ou desvio (padrão de desenvolvimento alterado).

A linguagem compreende duas fases, a fase pré-linguística, quando a criança usa fonemas e vocalizações geralmente chamados de balbúcio, até mais ou menos o primeiro ano de idade, e a fase linguística, quando começa a usar palavras isoladas com compreensão, evoluindo para um nível maior de complexidade expressiva. A estruturação e a organização do pensamento e do raciocínio ocorrem por meio da linguagem, o que reforça o entendimento de que a aquisição e o desenvolvimento satisfatório da linguagem são fatores que contribuem positivamente para o desenvolvimento infantil de uma forma global e, principalmente, na aprendizagem da leitura e da escrita, pois há comprovações da influência das alterações linguísticas e fonológicas no processo de alfabetização.

As alterações da linguagem são os mais frequentes problemas do desenvolvimento das crianças e a principal queixa nos ambulatórios pediátricos. Por esse motivo, os profissionais que atuam, direta ou indiretamente, com crianças precisam conhecer cada etapa do desenvolvimento infantil, para detectar os possíveis percalços que ocorram nesse processo e minimizar, com adequada intervenção, transtornos do desenvolvimento, contribuindo para um harmônico desenvolvimento linguístico, cognitivo, neuropsicomotor e escolar.

Internet: <portaleducacao.com.br>

Entende-se da leitura do texto que um processo de alfabetização insatisfatório compromete o desenvolvimento da linguagem.

4. (PREF. IMBÉ - RS / TELEFONISTA / 2020)

Felicidade: processo em construção

Quem passou por um sofrimento profundo sabe que a felicidade não está pronta, mas sempre em construção. A jornalista gaúcha Nereida Vergara sofreu um baque sete dias antes de completar 50 anos. Tudo ruuiu quando soube da traição do marido com uma mulher mais jovem. “De criatura alegre, passei a ser um fantasma raivoso e amargo, me despersonalizei a ponto de não reconhecer minha imagem no espelho”.

Nereida pediu o divórcio, passou pelo divã e encarou a dureza de ter um interlocutor que apontava os seus erros, e não os da outra pessoa. Depois, reviu sua relação com o trabalho, que havia deixado em segundo plano por causa do casamento, e começou em um novo emprego. “Acho que reeditei minha história e a coloquei em um cenário real”, diz ela, que deixou de lado a fantasia do amor eterno. “Minha alegria tem sido acordar todos os dias, molhar minhas plantas, alimentar meus gatos, saber que minhas crianças estão seguras, fazer meu trabalho com honestidade e, à noite, voltar pra casa, que tem a porta aberta para quem quiser me visitar”. De certa forma, Nereida conseguiu cultivar os cinco componentes para alcançar o bemestar proposto por Martin Seligman, fundador da psicologia positiva e principal teórico da área. São eles: 1) ter emoções positivas, o que significa canalizar a energia para algo bom, mesmo

que os sentimentos sejam raiva e tristeza – não se esqueça de que eles podem ser fonte de aprendizado e autoconhecimento; 2) engajar-se num trabalho ou tarefa de que você goste; 3) fortalecer laços com família e amigos; 4) encontrar algo pelo qual valha a pena viver; 5) ter um propósito que ofereça desafios constantes.



Para alcançar isso, é preciso ter foco. Em um consagrado artigo de 2010, os psicólogos Daniel Gilbert e Matthew Killingsworth, da Universidade de Harvard, concluíram que uma mente dispersa é uma mente infeliz. Embora a capacidade do nosso cérebro de divagar e prever o futuro seja uma conquista cognitiva evolutiva fundamental, que no passado nos ajudou a antecipar a chegada de um predador ou a armazenar comida para um inverno rigoroso, hoje ela pode ter uma repercussão negativa. Isso porque passamos boa parte do nosso tempo – 46% do dia, segundo o estudo – pensando no passado, no futuro, imersas em ideias. Isto é, viajamos acordadas quase metade do dia e, com frequência, lidamos com o mundo sem estar necessariamente conscientes. Como antídoto, a dupla de psicólogos recomenda treinar a atenção plena no presente, tal qual sugere o budismo.

Mas não vá buscando encontrar a felicidade na meditação. “Hoje em dia, descobriram a meditação com o objetivo de aumentar a produtividade. É o uso da meditação para lustrar o ego”, critica a monja Kokai. “Na meditação zen, a busca não é para engrandecer ainda mais nosso ego, mas para deixá-lo mais generoso”, diz. Segundo Kokai, o budismo até mesmo evita a palavra felicidade. Prefere contentamento, que contempla melhor a transitoriedade do que significa sentir-se bem.

“Como vou ser feliz em uma era em que a civilização tem tantos impasses e retrocessos? Como podemos ser felizes com tantas desigualdades e injustiças sociais? Mas é possível calibrar um olhar de contentamento diante da vida com respostas que nunca estão prontas”, diz. Dunker também acredita que precisamos cultivar uma cultura da generosidade e expandir nosso ideal de felicidade para além do nosso umbigo. “Vai chegar um momento em que ser feliz ou não deixará de ser uma questão relevante. Vamos nos preocupar em termos um propósito ou em aprender a amar”, conclui.

(Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/estilo-de-vida/obsessao-feliz-tornando-ansiosas-depressivas/> – texto adaptado especialmente para esta prova.)

Assinale a alternativa que indica um comportamento que NÃO esteja de acordo com as propostas da psicologia positiva de Martin Seligman.

- A) Jantar com a família ao redor de uma mesa estabelecendo vínculos afetivos.
- B) Praticar um esporte que te dê prazer.
- C) Extravasar sua raiva em uma atividade física que te traga bem-estar.
- D) Verbalizar sentimentos negativos como forma de vingança contra quem te magoou.
- E) Estabelecer metas de vida que deem a ela um sentido.

5. (PREF. IMBÉ - RS / TELEFONISTA / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

Assinale a alternativa que expressa a discussão central do texto.

- A) O divórcio da jornalista gaúcha.
- B) O processo de construção da sensação de bem-estar.
- C) Os efeitos negativos de se pensar no futuro.
- D) Os efeitos da raiva no organismo.
- E) O mal-uso da meditação.



6. (PREF. IMBÉ - RS / TELEFONISTA / 2020) *Utilizar texto da questão 04.*

Considerando o exposto pelo texto, analise as assertivas a seguir:

- I. Nas sessões de terapia, a jornalista Nereida teve que encarar suas atitudes erradas.
- II. As atividades praticadas por Nereida estão de acordo com os passos para se buscar o bem-estar.
- III. Uma das buscas do budismo é um estado constante de felicidade.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas I e II.
- D) Apenas I e III.
- E) Apenas II e III.

7. (PREF. TRÊS PALMEIRAS - RS / TÉCNICO DE ENFERMAGEM / 2020)

Fóssil de 300 milhões de anos é o indício mais antigo do cuidado materno

A ideia de que uma mãe protege seu filho a qualquer custo parece existir desde que o mundo é mundo. Porém, para a ciência não é bem assim. Estudiosos ainda buscam entender como se deu esse comportamento ao longo da evolução, e uma nova pesquisa da Universidade Carleton, no Canadá, traz pistas valiosas para esse campo de estudo.

*A equipe liderada pela professora Hillary Maddin analisou fósseis de mais de 300 milhões de anos de uma espécie chamada *Dendromaia unamakiensi*, encontrados em 2017 em um toco de árvore na região da Nova Escócia, no Canadá. Os ossos – descobertos pelo caçador de fósseis amador Brian Hebert – eram de um espécime adulto e de seu filhote; ambos estavam em uma posição que indica que o mais velho (a mãe) estava tentando proteger o pequeno.*

*“Essa é a evidência mais antiga de cuidados prolongados após o nascimento em um vertebrado”, comenta Maddin em nota enviada _____. De acordo com a pesquisa, publicada na revista *Nature Ecology & Evolution*, esse fóssil é 40 milhões de anos mais antigo que o fóssil anteriormente tido como o mais antigo de uma mãe protegendo seu filho. Os achados revelam que o *Dendromaia unamakiensi* tinha penas e era semelhante a um lagarto, embora não seja parente desse tipo de réptil. Os autores explicam que, uma vez que os animais começaram a botar ovos na terra, eles se dividiram em duas linhas evolutivas: uma que gerou répteis, pássaros e dinossauros, e outra, na qual o *Dendromaia unamakiensi* se encaixa, que levou aos mamíferos.*

(Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/12/fossil-de-300/> – texto adaptado especialmente para esta prova.)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

- I. Répteis, pássaros e dinossauros pertencem à mesma linha evolutiva.
- II. Estudiosos não compreendem por que as mães, em geral, protegem seus filhos.



III. A professora Hillary Maddin lidera uma pesquisa na Universidade Carleton, nos Estados Unidos.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas I e II.
- D) Apenas II e III.
- E) I, II e III.

8. (PREF. TRÊS PALMEIRAS - RS / TÉCNICO DE ENFERMAGEM / 2020) *Utilizar texto da questão anterior.*

Assinale a alternativa que apresenta o assunto principal do texto.

- A) Estudo em fósseis sobre o comportamento protetor da mãe em relação ao filho.
- B) Análise de fósseis de uma espécie já extinta, descobertos no Canadá em 2017.
- C) Indicação de que o *Dendromaia unamakiensi* era semelhante a um lagarto.
- D) Descoberta de que os animais que botavam ovos na terra originaram mamíferos, entre outras espécies.
- E) Há 300 milhões de anos vivia no Canadá uma espécie parecida com um lagarto.

9. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020)

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

O trecho “enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade” (1º parágrafo) mostra que havia uma perseguição à galinha pelos telhados da casa.

10. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020) *Utilizar texto da questão anterior.*

O trecho “Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma” (2º parágrafo) nos remete à ideia de que a personagem já estava certa de sua morte e substituição.

11. (ALAP / AUXILIAR LEGISLATIVO / 2020)



1 *Que tipo de capitalismo desejamos? Em termos gerais, temos três modelos entre os quais escolher.*

2 *O primeiro é o “capitalismo de acionistas”, que propõe que o objetivo de uma empresa deve ser a maximização dos lucros. O segundo é o “capitalismo de Estado”, que confia ao governo a tarefa de estabelecer a direção da economia e ganhou proeminência em países emergentes, entre os quais se destaca a China. E há o capitalismo de “stakeholders” (partes interessadas), que posiciona as empresas privadas como curadoras dos interesses da sociedade e representa a melhor resposta aos atuais desafios ambientais.*

3 *O capitalismo de acionistas, o modelo hoje dominante, ganhou terreno nos EUA, na década de 1970, e expandiu sua influência nas décadas seguintes. Sua ascensão não deixa de ter méritos. Durante seu período de maior êxito, milhões prosperaram, à medida que empresas abriam mercados e criavam empregos em busca do lucro.*

4 *Mas essa não é toda a história. Os defensores do capitalismo de acionistas negligenciam o fato de que uma empresa de capital aberto não é apenas uma entidade que busca lucros, mas também um organismo social.*

5 *Muitos perceberam que essa forma de capitalismo já não é sustentável. Um provável motivo é o efeito “Greta Thunberg”. A jovem ativista sueca nos lembra que a adesão ao atual sistema econômico representa uma traição às futuras gerações, por sua falta de sustentabilidade ambiental. Outro motivo (correlato) é que muitos jovens já não querem trabalhar para empresas cujos valores se limitem à maximização do lucro. Por fim, executivos e investidores começaram a reconhecer que seu sucesso em longo prazo está intimamente ligado ao de seus clientes, empregados e fornecedores.*

6 *Manifestando-se favoravelmente ao estabelecimento do capitalismo de stakeholders como novo modelo dominante, está sendo lançado um novo Manifesto de Davos, que diz que as empresas devem mostrar tolerância zero à corrupção e sustentar os direitos humanos em toda a extensão de suas cadeias mundiais de suprimento.*

7 *Mas, para defender os princípios do capitalismo de stakeholders, as empresas precisarão de novos indicadores. De início, um novo indicador de “criação de valor compartilhado” deveria incluir metas ecológicas e sociais como complemento aos indicadores financeiros.*

8 *Ademais, as grandes empresas deveriam compreender que elas são partes interessadas em nosso futuro comum. Elas deveriam trabalhar com outras partes interessadas a fim de melhorar a situação do mundo em que operam. Na verdade, esse deveria ser seu propósito definitivo.*

9 *Os líderes empresariais têm neste momento uma grande oportunidade. Ao dar significado concreto ao capitalismo de stakeholders, podem ir além de suas obrigações legais e cumprir seu dever para com a sociedade. Se eles desejam deixar sua marca no planeta, não existe outra alternativa.*

(Adaptado de: SCHWAB, Klaus. Tradução: Paulo Migliacci. Disponível em: www1.folha.uol.com.br)

Para enfrentar os desafios da atualidade, o autor defende um sistema econômico

(A) que coadune os propósitos da sociedade com os das empresas, de modo que estas venham a implementar ações sustentáveis, visando à satisfação, a um só tempo, dos interesses corporativos e sociais.



- (B) cujo principal objetivo seja o de promover retorno financeiro a empresas e investidores, os quais, em contrapartida, fomentariam ações de cuidado com o meio ambiente, na medida em que estas fossem proporcionalmente incentivadas pelo Estado.
- (C) já testado em países emergentes, como a China, que vem proporcionando níveis altos de desenvolvimento econômico, bem como a prosperidade sem precedentes da população.
- (D) em que a gestão da economia caiba primordialmente ao Estado, o qual poderia, assim, ter controle sobre a sustentabilidade de toda a cadeia produtiva.
- (E) em que se criem empregos por meio da expansão do mercado consumidor e da maximização dos benefícios financeiros aos acionistas de uma corporação.

12. (ALAP / AUXILIAR LEGISLATIVO / 2020) *Utilize o texto da questão anterior.*

No 5º parágrafo, o autor

- (A) refuta a atitude de jovens de países desenvolvidos que optam pelo desemprego como forma de protesto contra o sistema capitalista vigente.
- (B) censura a atitude de gestores que se furtam a considerar os interesses financeiros dos investidores ao estabelecer as diretrizes da cadeia produtiva da empresa.
- (C) atribui à atitude da militante sueca Greta Thunberg a razão de muitos terem reconhecido que o capitalismo de acionistas peca pela falta de sustentabilidade ambiental.
- (D) exalta a iniciativa de empresários cujas gestões se baseiam no fomento aos valores da corporação, almejando, ao mesmo tempo, a superação dos lucros dos acionistas.
- (E) considera que o boicote por parte de jovens como Greta Thunberg a empresas pouco sustentáveis, ainda que louvável, freia o crescimento econômico e gera desemprego.

13. (ALAP / ANALISTA LEGISLATIVO / 2020)

Distribuição justa

A justiça de um resultado distributivo das riquezas depende das dotações iniciais dos participantes e da lisura do processo do qual ele decorre. Do ponto de vista coletivo, a questão crucial é: a desigualdade observada reflete essencialmente os talentos, esforços e valores diferenciados dos indivíduos, ou, ao contrário, ela resulta de um jogo viciado na origem e no processo, de uma profunda falta de equidade nas condições iniciais de vida, da privação de direitos elementares ou da discriminação racial, sexual, de gênero ou religiosa?

A condição da família em que uma criança tiver a sorte ou o infortúnio de nascer, um risco comum, a todos, passa a exercer um papel mais decisivo na definição de seu futuro do que qualquer outra coisa ou escolha que possa fazer no ciclo da vida. A falta de um mínimo de equidade nas condições iniciais e na capacitação para a vida tolhe a margem de escolha, vicia o jogo distributivo e envenena os valores da convivência. A igualdade de oportunidades está na origem da emancipação das pessoas. Crianças e jovens precisam ter a oportunidade de desenvolver seus talentos de modo a ampliar seu leque de escolhas possíveis na vida prática e eleger seus projetos, apostas e sonhos de realização.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 106)



No contexto do primeiro parágrafo, as expressões *dotações iniciais de participantes e lisura do processo* constituem

- (A) as causas ocultas da distribuição de riquezas que acaba por não fazer justiça às habilidades próprias dos indivíduos.
- (B) as metas mais justas a serem alcançadas por um conveniente processo distributivo das limitadas riquezas disponíveis.
- (C) os fatores diretamente condicionantes da possibilidade de haver justiça no processo distributivo das riquezas.
- (D) as razões de ser de todo processo de distribuição de riquezas que premie o talento inato dos mais competentes.
- (E) um objetivo idealista cuja aparência de justiça se apaga quando competidores aproveitam mal oportunidades iguais.

14. (ALAP / ANALISTA LEGISLATIVO / 2020) Utilize o texto da questão anterior.

Em síntese, depreende-se da leitura do segundo parágrafo que

- (A) as escolhas nas quais se faz justiça aos talentos das crianças e dos jovens tornam-se possíveis com a equidade das condições iniciais.
- (B) a condição familiar de origem não tem peso determinante no desenvolvimento das qualidades pessoais de uma criança.
- (C) as aspirações e os sonhos das crianças e dos jovens só se formularão quando tiverem alcançado alguma possibilidade de realização.
- (D) a dotação injusta de talentos individuais faz com que não haja equidade ao final do processo de distribuição das riquezas.
- (E) a capacitação natural para a vida leva a tornar vicioso o jogo distributivo das riquezas disponíveis em cada ocasião.

15. (PREF. NOVO HAMBURGO - RS / ARQUITETO / 2020)

Considere os sentidos expressos no trecho “Por isso te digo, para tua sabedoria de bolso: se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice: “Gostarias de gato se fosses eu?” e assinale a alternativa INCORRETA.

- A) O narrador ressalta a importância de se praticar a empatia, considerando a realidade de cada um.
- B) É apresentada a ideia de que, antes de defenderem o ponto de vista de alguém, as pessoas devem se colocar no lugar de quem tenha uma visão diferente da sua.
- C) A menção ao discurso do rato permite que o leitor concretize a ideia de empatia, sugerida pelo texto, favorecendo a compreensão da lição de vida ensinada pelo narrador.
- D) Ao utilizar as figuras do gato e do rato, busca-se revelar que os mais fortes devem se colocar no lugar dos mais fracos.



E) O narrador considera que a lição que ensina é insignificante, por isso ele a denomina como “sabedoria de bolso”.

16. (PREF. VINHEDO-SP / GUARDA MUNICIPAL / 2020)

Leia o texto a seguir para responder à questão.

Texto I

Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne-seca e pedaços de toicinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. Ossos e seixos transformavam-se às vezes nos entes que povoavam as moitas, o morro, a serra distante e os bancos de macambira.

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.

- Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles. Animara-se a interrogar sinha Vitória porque ela estava bem-disposta. Explicou isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos.

(RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009, p. 59-60)

A partir de um entendimento global do texto, nota-se que a relação entre pais e filhos era marcada por:

- A) admiração recíproca.
- B) violência revidada.
- C) agressões naturalizadas
- D) afetos silenciados.

17. (ALAP / ANALISTA LEGISLATIVO / 2020)

O século XX, Era dos Extremos

O século XX deixou um legado inegável de questões e impasses. Para o grande historiador Eric Hobsbawm, neste livro Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991, esse século foi breve



e extremado: sua história e suas possibilidades edificaram-se sobre catástrofes, incertezas e crises, decompondo o que fora construído no longo século XIX.

Hobsbawm divide a história do século XX em três “eras”. A primeira, “da catástrofe”, é marcada pelas duas grandes guerras, pelas ondas de revolução global em que o sistema político e econômico da URSS surgia como alternativa histórica para o capitalismo e pela virulência da crise econômica de 1929. Também nesse período os fascismos e o descrédito das democracias liberais surgem como proposta mundial.

A segunda “era” são os anos dourados das décadas de 1950 e 1960 que, em sua paz congelada, viram a viabilização e a estabilização do capitalismo, responsável pela promoção de uma extraordinária expansão econômica e profundas transformações sociais.

Por fim, entre 1970 e 1991, dá-se o “desmoronamento” final, em que caem por terra os sistemas institucionais que previnem e limitam o barbarismo contemporâneo, dando lugar à brutalização da política e à irresponsabilidade teórica da ortodoxia econômica, abrindo as portas para um futuro incerto.

(Adaptado da “orelha”, sem indicação autoral, do livro de Eric Hobsbawm acima referido, editado em São Paulo pela Companhia das Letras, em 1995)

Ao constituir uma visão geral do século XX, que considera breve e extremado, o historiador Eric Hobsbawm

(A) salienta a importância que alcançaram as décadas de 1950 e 1960, nas quais se efetivou o descrédito das democracias liberais.

(B) salienta a importância que tiveram as metas do século XIX para a consecução dos objetivos alcançados no século seguinte.

(C) leva em conta, como critério fundamental para essa divisão a emancipação política desfrutada pelas classes trabalhadoras de diferentes países.

(D) faz reconhecer uma desconstrução geral e radical das expectativas e dos ideais gerados no decorrer do longo século XIX.

(E) aponta como único saldo positivo a oportuna emergência do moderno liberalismo econômico, já ao final da década de 1920.

18. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO / 2020)

1. “Máquinas similares às hoje existentes serão construídas a custos mais baixos, mas com velocidades mais rápidas de processamento.” Assim, em um artigo de 1965, o empreendedor Gordon Moore, hoje com 90 anos de idade, apresentou sua célebre ideia. Pela “Lei de Moore”, a cada dois anos, em média, o desempenho dos chips de computador dobra, sem que aumentem os custos de fabricação. A máxima, irretocável, à exceção de pequenos detalhes, funcionou tal qual intuía Moore. É uma regra que pode, contudo, estar com os dias contados.

2. Vive-se, hoje, uma revolução tecnológica afeita a deixar no passado o raciocínio da duplicação de capacidade de cálculos à base de silício: é a computação quântica. Ela poderá nos levar a distâncias inimagináveis: tarefas que o computador mais poderoso do planeta demoraria 10.000 anos para completar seriam feitas em minutos.

3. A computação quântica, até o início desta década, não passava de teoria. Nos últimos anos, começou a ser testada, com sucesso parcial, até conseguir tração que parece se



encaminhar para uma nova história. Um documento da NASA, vazado recentemente, mostra que uma empresa, ao criar o primeiro computador quântico funcional da história, pode estar próxima de romper com o paradigma imposto pela Lei de Moore.

4. *A revelação foi resultado de uma distração. Algum funcionário da NASA, também envolvido com o projeto, acidentalmente publicou no site da agência espacial um estudo que mostra o feito, realizado por meio de uma máquina, ainda sob sigilo. O arquivo, já programado para ser divulgado oficialmente, permaneceu poucos segundos no ar, mas foi flagrado pelo jornal Financial Times.*

5. *O avanço ainda se restringe a âmbitos estritamente técnicos, sem utilidade cotidiana, mas já é apelidado de “o Santo Graal da computação”. Isso porque o feito, se comprovado, atingiu o que se conhece como “supremacia quântica”. A nomenclatura indica um momento da civilização em que os computadores talvez sejam tão (ou mais) competentes quanto os seres humanos.*

6. *O cientista da computação Scott Aaronson disse, em entrevista: “Isso não causará mudança imediata na vida das pessoas. Mas só por enquanto, pois se trata do início de um caminho que levará a transformações radicais em diversas áreas”. Vale lembrar que o computador que usamos hoje também começou com um passo singelo, em 1843, quando a matemática inglesa Ada Lovelace (1815-1852) publicou um diagrama numérico que veio a ser considerado o primeiro algoritmo computacional.*

(Adaptado de: Revista Veja, edição de 09/10/2019, p. 79)

Considere as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a menção à Lei de Moore refere-se ao caráter premonitório do artigo publicado por Gordon Moore em 1965, que, salvo poucos pormenores, mostrou-se futuramente correto.

II. Como estratégia argumentativa, o autor descreve a chamada “Lei de Moore” logo no início do texto para embasar a ideia de que até mesmo uma máquina de computação quântica a comprova.

III. Ao longo do texto, o autor condena a atitude do funcionário da NASA que vazou, ainda que de modo acidental, informações confidenciais a respeito de avanços tecnológicos.

IV. Publicado sem a devida permissão, um artigo de jornal antecipou ao público as características de um supercomputador, apelidado de “o Santo Graal da computação”, a ser brevemente lançado, cujas funcionalidades trarão mudanças significativas à vida cotidiana do cidadão comum.

Está correto o que consta APENAS de:

(A) II e III.

(B) III e IV.

(C) IV.

(D) I.

(E) I, III e IV.

19. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO / 2020)

[O motor da preguiça]



Acho que a verdadeira força motriz do desenvolvimento humano, a razão da superioridade e do sucesso do Homem, foi a preguiça. A técnica é fruto da preguiça. O que são o estilingue, a flecha e a lança senão maneiras de não precisar ir lá e esgoelar a caça ou um semelhante com as mãos, arriscando-se a levar a pior e perder a viagem? O que estaria pensando o inventor da roda senão no eventual desenvolvimento da charrete, que, atrelada a um animal menos preguiçoso do que ele, o levaria a toda parte sem que ele precisasse correr ou caminhar?

Toda a história das telecomunicações, desde os tambores tribais e seus códigos primitivos até os sinais da TV e a internet, se deve ao desejo humano de enviar a mensagem em vez de ir entregá-la pessoalmente. A fome de riqueza e poder do Homem não passa da vontade de poder mandar os outros fazerem o que ele tem preguiça de fazer, seja de trazer os seus chinelos ou construir suas pirâmides.

A química moderna é filha da alquimia, que era a tentativa de ter o ouro sem ter que procurá-lo, ou trabalhar para merecê-lo. A física e a filosofia são produtos da contemplação, que é um subproduto da indolência e uma alternativa para a sesta. A grande arte também se deve à preguiça. Não por acaso, o que é considerada a maior realização da melhor época da arte ocidental, o teto da Capela Sistina, foi feita pelo Michelangelo deitado. Marcel Proust escreveu Em busca do tempo perdido deitado. Vá lá, recostado. As duas maiores invenções contemporâneas, depois do antibiótico e do microchip, que são a escada rolante e o manobrista, devem sua existência à preguiça. E nem vamos falar no controle remoto.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. O mundo é bárbaro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 54-55)

No segundo parágrafo, *a fome de riqueza e poder do Homem* é dada como justificativa para a

- (A) obtenção de meios que lhe permitam dominar seus semelhantes, obrigando-os às mais variadas tarefas.
- (B) improvisação permanente de técnicas ineficazes, pelas quais o poderio almejado se transforma em duro fracasso.
- (C) criação de obras de arte de valor inestimável, como as produzidas pela genialidade de Michelangelo e de Proust.
- (D) contemplação filosófica, que leva os homens a erguerem seu pensamento para as mais altas ideias.
- (E) substituição do talento pessoal pelo esforço de chegar a alguma invenção de grande repercussão política.

20. (MJSP / CIENTISTA DE DADOS / 2020)

Posfácio do livro Rio em Shamas (2016), de Anderson França, Dinho

Rafael Dragaud

NÃO PIRA! Foi com esse conselho, há cerca de seis anos, que começou minha história com o Dinho. Colaborávamos na mesma instituição social e vez ou outra nos esbarrávamos numa reunião, ele sempre ostensivamente calado. Por algum motivo da ordem do encosto, no sentido macumbeirístico mesmo, ou cumplicidade de gordos, vimos um no outro um elo possível de troca.



Ele então começou a me enviar milhões de textos que eram uma mistura frenética de sonhos, pseudorroteiros cinematográficos, pedidos de desculpas, posts-denúncias, listas de exigências de sequestrador, tudo num fluxo insano de criação, que ele mesmo dizia que um dia iria sufocá-lo de vez — o que me fez proferir o dito conselho.

O fato é que um dia passei em frente ao notebook dele e lá estava a tela quase inteiramente coberta de post-its, todos iguais, escritos: NÃO PIRA. E ele então me confidenciou: Cara, você resolveu minha vida. Eu só não posso pirar! É isso!

Esse episódio obviamente fala muito mais sobre essa característica de esponja afetointelectual dele do que sobre alguma qualidade do meu conselho. E foi sendo assim, esponja que se enche e se comprime (deixando desaguar seus textos em redes sociais), que foi surgindo um escritor muito especial. Especial não pra mãe dele ou pra Su (a santa), mas para a cidade do Rio de Janeiro.

Com uma voz e um estilo absolutamente singulares, Dinho flerta com a narrativa do fluxo do pensamento, o que poderia gerar textos apenas egoicos e herméticos, eventualmente mais valiosos pra ele do que para o leitor. Mas sei lá como, seus textos conciliam esse jeitão com uma relevância quase política, pois jogam luz sobre partes da cidade que merecem ser mais vistas, mais percebidas, e até mesmo mais problematizadas.

Dinho “vê coisas”. E, conseqüentemente, tem o que dizer. Não só sobre o subúrbio, suas ruas, seus personagens e seus modos, numa linhagem Antônio Maria ou João do Rio, mas muitas vezes também sobre bairros já enjoativos, de tão submersos em clichês, como o tão adorado-odiado Leblon. Seu “olhar de estrangeiro” revela estranhas entranhas da Zona Sul do Rio de Janeiro. O fato é que, com este livro, a cidade fica muito maior, mais plural e conseqüentemente mais justa.

Espero que este seja apenas o primeiro de uma série. Se é que posso dar mais algum conselho, o único que me ocorre ao vê-lo escrevendo hoje em dia é: NÃO PARE!

FRANÇA, Anderson. Rio em Shamas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

Referente aos cinco primeiros parágrafos do texto, assinale a alternativa correta.

- A) No primeiro parágrafo, o autor conta que sua história com Dinho começou há cerca de seis anos. A partir dessa informação, é possível inferir que isso ocorreu em 2014.
- B) A partir dos textos enumerados no segundo parágrafo, é possível inferir que Dinho é um roteirista de cinema que escreve textos sobre sonhos e sequestros.
- C) No terceiro parágrafo, o autor relata o agradecimento público recebido de Dinho pelo conselho “NÃO PIRA!”.
- D) No quarto parágrafo, o autor faz uso de uma analogia para expressar uma característica de Dinho.
- E) No quinto parágrafo, o autor afirma que, apesar de serem apenas egoicos e herméticos, os textos escritos por Dinho são valiosos.

21.(MJSP / ANALISTA DE GOVERNANÇA DE DADOS / 2020)

O cinzeiro

Mário Viana



Procura-se um martelinho de ouro. Aceitam-se indicações de profissionais pacientes e com certa delicadeza para restaurar um cinzeiro que está na família há mais de cinco décadas. Não se trata de joia de valor financeiro incalculável, mas de uma peça que teve seus momentos úteis nos tempos em que muita gente fumava. Hoje, é apenas o símbolo de uma época.

Arredondado e de alumínio, o cinzeiro chegou lá em casa porque meu pai o ganhara de presente de seu patrão, o empresário Baby Pignatari – como ficou mais conhecido o napolitano Francisco Matarazzo Pignatari (1917- 1977). Baby misturou na mesma medida as ousadias de industrial com as estripulias de playboy. No corpo do cinzeiro destaca-se um “P” todo trabalhado em relevo.

Nunca soube direito se meu pai ganhou o cinzeiro das mãos de Baby ou de sua mulher, a dona Ira – era assim que a princesa e socialite italiana Ira von Furstenberg era conhecida lá em casa. Só muitos anos depois, já adulto e jornalista formado, descobri a linha de nobreza que fazia de dona Ira um celebridade internacional.

[...] Pois esse objeto que já passou pelas mãos de uma princesa – italiana, mas principessa, que diacho – despencou outro dia do 12º andar até o térreo. Amassou, coitado. A tampa giratória ficou toda prejudicada E o botão de borracha que era pressionado também foi para o devido bebelê.

Mesmo assim, não acredito em perda total. Tenho fé em que um bom desamassador dê um jeito e devolva o cinzeiro, se não a seus dias de glória, pelo menos a uma aparência menos miserável. É o símbolo de uma trajetória, afinal de contas, há que respeitar isso.

Praticamente aposentado – a maioria dos meus amigos e eu deixamos de fumar –, o cinzeiro ocupava lugar de destaque na memorabilia do meu hipotético museu pessoal. Aquele que todos nós criamos em nosso pensamento mais secreto, com um acervo repleto de pequenos objetos desimportantes para o mundo.

Cabem nessa vitrine imaginária o primeiro livro sério que ganhamos, com a capa rasgada e meio desmontado; o chaveiro que alguém especial trouxe de um rolê mochileiro pelos Andes; o LP com dedicatória de outro alguém ainda mais especial; uma caneca comprada na Disney; o calção usado aos 2 anos de idade... e o velho cinzeiro carente de reparo.

Adaptado de: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mario-viana-ocinzeiro/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

Em relação ao texto, é correto afirmar que

- A) o narrador procura um profissional que conserte o seu cinzeiro porque este possui alto valor financeiro e emocional.
- B) como o cinzeiro já não era mais utilizado, já que ninguém mais fumava na casa do narrador, este não tinha pressa em consertá-lo.
- C) o cinzeiro foi entregue pessoalmente ao pai do narrador por Baby Pignatari, por isso o objeto tinha a letra “P” em relevo.
- D) o narrador não tem total certeza de que o conserto do cinzeiro fará com este retorne exatamente ao que era antigamente.
- E) o cinzeiro está na família do narrador desde os anos 1950.

22.(MJSP / ANALISTA DE GOVERNANÇA DE DADOS / 2020) Utilizar texto da questão anterior.



Assinale a alternativa correta sobre a memorabilia de que trata o autor do texto.

- A) Memorabilia é o nome dado pelo autor à vitrine que fica em sua casa.
- B) Todas as pessoas possuem sua própria memorabilia.
- C) Na memorabilia, ficam expostos vários objetos de grande importância para todos aqueles que os observam.
- D) Como a memorabilia do autor não é grande, cabem nela apenas objetos de tamanho reduzido: cinzeiro, livro, chaveiro, LP, caneca e calção.
- E) Na memorabilia, o cinzeiro exibia o mesmo estatuto que os demais objetos.

23. (PREF. NOVO HAMBURGO - RS / ARQUITETO / 2020)

Considere os sentidos expressos no trecho “Por isso te digo, para tua sabedoria de bolso: se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice: “Gostarias de gato se fosses eu?” e assinale a alternativa INCORRETA.

- A) O narrador ressalta a importância de se praticar a empatia, considerando a realidade de cada um.
- B) É apresentada a ideia de que, antes de defenderem o ponto de vista de alguém, as pessoas devem se colocar no lugar de quem tenha uma visão diferente da sua.
- C) A menção ao discurso do rato permite que o leitor concretize a ideia de empatia, sugerida pelo texto, favorecendo a compreensão da lição de vida ensinada pelo narrador.
- D) Ao utilizar as figuras do gato e do rato, busca-se revelar que os mais fortes devem se colocar no lugar dos mais fracos.
- E) O narrador considera que a lição que ensina é insignificante, por isso ele a denomina como “sabedoria de bolso”.

24. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO 2 / 2020)

Novas formas de vida?

Uma forma radical de mudar as leis da vida é produzir seres completamente inorgânicos. Os exemplos mais óbvios são programas de computador e vírus de computador que podem sofrer evolução independente.

O campo da programação genética é hoje um dos mais interessantes no mundo da ciência da computação. Esta tenta emular os métodos da evolução genética. Muitos programadores sonham em criar um programa capaz de aprender e evoluir de maneira totalmente independente de seu criador. Nesse caso, o programador seria um *primum mobile*, um primeiro motor, mas sua criação estaria livre para evoluir em direções que nem seu criador nem qualquer outro humano jamais poderiam ter imaginado.

Um protótipo de tal programa já existe – chama-se vírus de computador. Conforme se espalha pela internet, o vírus se replica milhões e milhões de vezes, o tempo todo sendo perseguido por programas de antivírus predatórios e competindo com outros vírus por um lugar no ciberespaço. Um dia, quando o vírus se replica, um erro ocorre – uma mutação computadorizada. Talvez a mutação ocorra porque o engenheiro humano programou o vírus para, ocasionalmente, cometer



erros aleatórios de replicação. Talvez a mutação se deva a um erro aleatório. Se, por acidente, o vírus modificado for melhor para escapar de programas antivírus sem perder sua capacidade de invadir outros computadores, vai se espalhar pelo ciberespaço. Com o passar do tempo, o ciberespaço estará cheio de novos vírus que ninguém produziu e que passam por uma evolução inorgânica.

Essas são criaturas vivas? Depende do que entendemos por “criaturas vivas”. Mas elas certamente foram criadas a partir de um novo processo evolutivo, completamente independente das leis e limitações da evolução orgânica.

(Adaptado de HARARI, Yuval Noah. *Sapiens, Uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 38. ed., 2018, p. 419-420).

A forma radical de mudar as leis da vida, investigada ao longo do texto, está na possibilidade de o homem

- (A) alargar de tal modo nossa compreensão do que seja a vida que passe a aceitar como vivas as propriedades dos minerais.
- (B) combater tão completamente a ação dos vírus existentes que passe a dominá-los e a utilizá-los como contravenenos.
- (C) ver desenvolver-se, para além de sua aplicação científica, uma evolução inorgânica que ocorra com plena autonomia.
- (D) alcançar sua meta mais ousada, representada pelo controle do ciberespaço e de todas as formas que nele se encontram.
- (E) dominar tão completamente as leis da genética que possa um dia vir a interferir sobre a longevidade e a qualidade do viver.

25. (ALAP / ASS. LEGISLATIVO 2 / 2020) Utilize o texto da questão anterior.

No último parágrafo do texto, sugere-se que

- (A) a evolução orgânica de formas computadorizadas concorre para que os vírus se propaguem livremente.
- (B) a evolução inorgânica está na dependência de que se passe a dominar inteiramente as leis da genética.
- (C) o conceito mesmo de “vida” está entre os poucos fundamentos da ciência que não admite ser contestado.
- (D) o âmbito da biologia e da genética não inclui processos que se possam reconhecer como propriamente evolutivos.
- (E) a ocorrência de uma evolução inorgânica pode condicionar uma nova compreensão do que seja uma criatura viva.

26. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020)

Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Essa afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana. Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de sociedades



históricas, da vida na corte europeia, por exemplo, ou, em outro extremo, de sociedades indígenas. Entre nós, a inclinação inicial é diminuir sua relevância. Muitas vezes comentamos “Ah, foi apenas um ritual”, querendo enfatizar exatamente que o evento em questão não teve maior significado e conteúdo. Por exemplo, um discurso pode receber esse comentário se for considerado superficial em relação à expectativa de um importante comunicado. Ritual, nesse caso, é a dimensão menos importante de um evento, sinal de uma forma vazia, algo pouco sério — e, portanto, “apenas um ritual”. Agimos como se desconhecêssemos que forma e conteúdo estão sempre combinados e associamos o ritual apenas à forma, isto é, à convencionalidade, à rigidez, ao tradicionalismo. Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse fenômeno do passado. Em suma, usamos o termo ritual no dia a dia com uma conotação de fenômeno formal e arcaico.

A acepção de ritual empregada nos dois primeiros períodos do texto afasta-se, segundo a autora, do sentido corrente dessa palavra, explorado no restante do texto.

27. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020) Utilizar texto da questão anterior.

Depreende-se do trecho “Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse fenômeno do passado” (L. 11 a 12) que a autora, ao se declarar moderna, repudia o que pertence ao passado.

28. (MP-CE / CARGOS DE NÍVEL MÉDIO / 2020) Utilize o texto da questão 24.

O texto defende que, em uma manifestação social, o ritual é a dimensão que mais contribui para a transmissão dos valores e conteúdos implicados nessa manifestação.

29. (DPE-RJ / TÉCNICO SUPERIOR JURÍDICO / 2019)

Texto 1

Uma revista de Educação mostrava o seguinte segmento:

“Os modelos pedagógicos de nossas escolas ainda são muito mais direcionados ao ensino teórico para passar no funil do vestibular, obrigando os alunos a decorar fórmulas matemáticas, afluentes de rios ou a morfologia dos insetos para ter depois seus conhecimentos testados e avaliados por notas que não diferenciam as vocações ou interesses individuais. É uma avaliação cruel, que prioriza a inteligência da decoreba ao invés da inteligência criativa”.

Entre as ideias defendidas no texto 1, a única que NÃO está presente é:

- a) a criatividade deve ser priorizada nos modelos pedagógicos;
- b) as notas dadas às provas não visam aos interesses pessoais;
- c) o ensino teórico é uma decorrência dos exames vestibulares;
- d) os exames vestibulares não avaliam com critérios válidos;
- e) alguns tópicos tradicionais do ensino são inúteis nos exames vestibulares.

30. (PRF / POLICIAL / 2019)



A vida humana só viceja sob algum tipo de luz, de preferência a do sol, tão óbvia quanto essencial. Somos animais diurnos, por mais que boêmios da pá virada e vampiros em geral discordem dessa afirmativa. Poucas vezes a gente pensa nisso, do mesmo jeito que devem ser poucas as pessoas que acordam se sentindo primatas, mamíferos ou terráqueos, outros rótulos que nos cabem por força da natureza das coisas.

A humanidade continua se aperfeiçoando na arte de afastar as trevas noturnas de todo hábitat humano. Luz soa para muitos como sinônimo de civilização, e pode-se observar do espaço o mapa das desigualdades econômicas mundiais desenhado na banda noturna do planeta. A parcela ocidental do hemisfério norte é, de longe, a mais iluminada.

Dispor de tanta luz assim, porém, tem um custo ambiental muito alto, avisam os cientistas. Nos humanos, o excesso de luz urbana que se infiltra no ambiente no qual dormimos pode reduzir drasticamente os níveis de melatonina, que regula o nosso ciclo de sono-vigília.

Mesmo assim, sinto uma alegria quase infantil quando vejo se acenderem as luzes da cidade. E repito para mim mesmo a pergunta que me faço desde que me conheço por gente: quem é o responsável por acender as luzes da cidade? O mais plausível é imaginar que essa tarefa caiba a sensores fotoelétricos espalhados pelos bairros. Mas e antes dos sensores, como é que se fazia? Imagino que algum funcionário trepava na antena mais alta no topo do maior arranha-céu e, ao constatar a falência da luz solar, acionava um interruptor, e a cidade toda se iluminava.

Não consigo pensar em um cargo público mais empolgante que o desse homem. Claro que o cargo, se existia, já foi extinto, e o homem da luz já deve ter se transferido para o mundo das trevas eternas.

Reinaldo Moraes. "Luz! Mais luz". Internet: <www.nexojournal.com.br> (com adaptações).

Infer-se do primeiro parágrafo do texto que "boêmios da pá virada e vampiros" diferem biologicamente dos seres humanos em geral, os quais tendem a desempenhar a maior parte de suas atividades durante a manhã e a tarde.

31.(PRF / POLICIAL / 2019) Utilizar texto da questão anterior.

É correto inferir do trecho "o homem da luz já deve ter se transferido para o mundo das trevas eternas" (l. 21 e 22) que provavelmente o funcionário responsável pelo acionamento da iluminação urbana já morreu.

32.(SEFAZ-RS / AUDITOR FISCAL / 2019)

Texto 1A1-I

O direito tributário brasileiro depara-se com grandes desafios, principalmente em tempos de globalização e interdependência dos sistemas econômicos. Entre esses pontos de atenção, destacam-se três. O primeiro é a guerra fiscal ocasionada pelo ICMS. O principal tributo em vigor, atualmente, é estadual, o que faz contribuintes e advogados se debruçarem sobre vinte e sete diferentes legislações no país para entendê-lo. Isso se tornou um atentado contra o princípio de simplificação, contribuindo para o incremento de uma guerra fiscal entre os estados, que buscam alterar regras para conceder benefícios e isenções, a fim de atrair e facilitar a instalação de novas empresas. É, portanto, um dos instrumentos mais utilizados na disputa por



investimentos, gerando, com isso, consequências negativas do ponto de vista tanto econômico quanto fiscal.

A competitividade gerada pela interdependência estadual é outro ponto. Na década de 60, a adoção do imposto sobre valor agregado (IVA) trouxe um avanço importante para a tributação indireta, permitindo a internacionalização das trocas de mercadorias com a facilitação da equivalência dos impostos sobre consumo e tributação, e diminuindo as diferenças entre países. O ICMS, adotado no país, é o único caso no mundo de imposto que, embora se pareça com o IVA, não é administrado pelo governo federal — o que dá aos estados total autonomia para administrar, cobrar e gastar os recursos dele originados. A competência estadual do ICMS gera ainda dificuldades na relação entre as vinte e sete unidades da Federação, dada a coexistência dos princípios de origem e destino nas transações comerciais interestaduais, que gera a já comentada guerra fiscal.

A harmonização com os outros sistemas tributários é outro desafio que deve ser enfrentado. É preciso integrar-se aos países do MERCOSUL, além de promover a aproximação aos padrões tributários de um mundo globalizado e desenvolvido, principalmente quando se trata de Europa. Só assim o país recuperará o poder da economia e poderá utilizar essa recuperação como condição para intensificar a integração com outros países e para participar mais ativamente da globalização.

André Pereira. Os desafios do direito tributário brasileiro. In: DCI – Diário Comércio, Indústria e Serviços. 2/mar./2017. Internet: <www.dci.com.br> (com adaptações).

Os três aspectos que representam desafios para o direito tributário brasileiro, na ordem em que aparecem no texto 1A1-I, são

- a) a alteração de regras para benefícios e isenções, a competitividade propiciada pela interdependência dos estados e a recuperação do poder econômico do país.
- b) o conflito fiscal proporcionado pelo ICMS, a competitividade produzida pela interdependência dos estados e a recuperação do poder econômico do país.
- c) a alteração de regras para benefícios e isenções, a competitividade gerada pela interdependência dos estados e a recuperação do poder econômico do país.
- d) o afinamento com outros sistemas tributários, a adoção do IVA e o conflito fiscal favorecido pelo ICMS.
- e) o conflito fiscal propiciado pelo ICMS, a competitividade gerada pela interdependência dos estados e o afinamento com outros sistemas tributários.

33.(SEFAZ-RS / AUDITOR FISCAL / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

Infere-se das ideias do texto 1A1-I que o autor é contrário

- a) ao modelo tributário europeu.
- b) à aplicação do IVA em nível federal.
- c) ao sistema tributário do MERCOSUL.
- d) à competência estadual para o ICMS.
- e) aos padrões tributários do mundo globalizado.



34.(SEPLAG RECIFE / ASS. DE GESTÃO PÚBLICA / 2019)

Mais da metade dos seres humanos hoje vivem em cidades, e esse número deve aumentar para 70% até 2050. Em termos econômicos, os resultados da urbanização foram notáveis. As cidades representam 80% do Produto Interno Bruto (PIB) global. Nos Estados Unidos, o corredor Boston-Nova York-Washington gera mais de 30% do PIB do país.

Mas o sucesso tem sempre um custo – e as cidades não são exceção, segundo análise do Fórum Econômico Mundial. Padrões insustentáveis de consumo, degradação ambiental e desigualdade persistente são alguns dos problemas das cidades modernas. Recentemente, entraram na equação as consequências da transformação digital. Há quem fale sobre uma futura desurbanização. Mas os especialistas consultados pelo Fórum descartam essa possibilidade. Preferem discorrer sobre como as cidades vão se adaptar à era da digitalização e como vão moldar a economia mundial.

A digitalização promete melhorar a vida das pessoas nas cidades. Em cidades inteligentes como Tallinn, na Estônia, os cidadãos podem votar nas eleições nacionais e envolver-se com o governo local via plataformas digitais, que permitem a assinatura de contratos e o pagamento de impostos, por exemplo. Programas similares em Cingapura e Amsterdã tentam criar uma espécie de “governo 4.0”.

Além disso, a tecnologia vai permitir uma melhora na governança. Plataformas digitais possibilitam acesso, abertura e transparência às operações de governos locais e provavelmente irão mudar a forma como os governos interagem com as pessoas.

(Adaptado de: “5 previsões para a cidade do futuro, segundo o Fórum Econômico Mundial”. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com>)

Na apresentação de previsões quanto ao futuro das cidades, o autor

- (A) cita dados que mostram o aumento da urbanização como fruto da transformação digital.
- (B) contrasta aspectos positivos e negativos da digitalização no exercício da cidadania.
- (C) aponta os problemas decorrentes do emprego da digitalização na economia mundial.
- (D) apresenta opiniões divergentes no que respeita à sustentabilidade nos meios urbanos.
- (E) recorre à opinião de especialistas e menciona cidades que usam recursos digitais atualmente.

35.(SEPLAG RECIFE / ASS. DE GESTÃO PÚBLICA / 2019)

Desde 2016, registra-se queda na cobertura vacinal de crianças menores de dois anos. Segundo o Ministério da Saúde, entre janeiro e agosto, nenhuma das nove principais vacinas bateu a meta estabelecida — imunizar 95% do público-alvo. O percentual alcançado oscila entre 50% e 70%.

As autoridades atribuem o desleixo a duas causas. Uma: notícias falsas alarmantes espalhadas pelas redes sociais. Segundo elas, vacinas seriam responsáveis pelo autismo e outras enfermidades. A outra: a população apagou da memória as imagens de pessoas acometidas por coqueluche, catapora, sarampo. Confirmar-se-ia, então, o dito de que o que os olhos não veem o coração não sente.



Trata-se de comportamento irresponsável que tem consequências. De um lado, ao impedir que o infante indefeso fique protegido contra determinada doença, os pais lhe comprometem a saúde (e até a vida). De outro, contribuem para que a enfermidade continue a se propagar pela população. Em bom português: apunhalam o individual e o coletivo. Põem a perder décadas de esforço governamental de proteger os brasileiros de doenças evitáveis.

O Brasil, vale lembrar, é citado como modelo pela Organização Mundial de Saúde. As campanhas de vacinação exigiram esforço hercúleo. Para cobrir o território nacional e cumprir o calendário, enfrentaram selvas, secas, tempestades. Tiveram êxito. Deixaram relegada para as páginas da história a revolta da vacina, protagonizada pela população do Rio de Janeiro que, no início do século passado, se rebelou contra a mobilização de Oswaldo Cruz para reduzir as mazelas do Rio de Janeiro. O médico quis resolver a tragédia da varíola com a Lei da Vacina Obrigatória.

Tal fato seria inaceitável hoje. A sociedade evoluiu e se educou. O calendário de vacinação tornou-se rotina. Graças ao salto civilizatório, o país conseguiu erradicar males que antes assombravam a infância. O retrocesso devolverá o Brasil ao século 19. Há que reverter o processo. Acerta, pois, o Ministério da Saúde ao deflagrar nova campanha de adesão para evitar a marcha rumo à barbárie. O reforço na equipe de agentes de imunização deve merecer atenção especial.

(Adaptado de: "Vacina: avanço civilizatório". Diário de Pernambuco. Editorial. Disponível em: www.diariodeper-nambuco.com.br)

O texto expressa um ponto de vista condizente com o que se afirma em:

- (A) A população brasileira é irresponsável ao não aderir às campanhas de vacinação promovidas pelo Ministério da Saúde.
- (B) Falta investimento público em campanhas de vacinação que sejam de fato eficazes para o controle de doenças letais.
- (C) Doenças já erradicadas voltaram a assolar a população porque os brasileiros não foram orientados a vacinar seus filhos.
- (D) As campanhas de vacinação do Ministério da Saúde foram mal planejadas e, por isso, não chegaram a alcançar sucesso.
- (E) O pouco conhecimento da população brasileira acerca das campanhas de vacinação acarretou surtos de doenças evitáveis.

36. (SEPLAG RECIFE / ASS. DE GESTÃO PÚBLICA / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

Com a alusão ao provérbio o que os olhos não veem o coração não sente, reforça-se a ideia de que

- (A) a população já se esqueceu dos riscos de algumas doenças visadas pelas atuais campanhas de vacinação, como coqueluche, catapora e sarampo.
- (B) as campanhas de vacinação têm priorizado inadvertidamente doenças que já não implicam risco de contágio à maior parte da população.
- (C) as campanhas de conscientização do Ministério da Saúde não devem subestimar o conhecimento que o público adquire por meio do estudo formal.



- (D) as notícias falsas espalhadas pelas redes sociais são eficazes porque recorrem a registros audiovisuais que apelam a um envolvimento afetivo.
- (E) a imunização carece do estabelecimento de metas realistas, embora informar a população acerca dos riscos das doenças seja uma estratégia válida.

37.(CRF-RO / CONTADOR / 2019)



Com base na leitura compreensiva, é correto afirmar que o texto

- A) aproveita uma data específica para ressaltar a importância do trabalho do farmacêutico no cuidado com a saúde das pessoas.
- B) procura convencer a população a sempre questionar os medicamentos que lhe são prescritos e, em seguida, recorrer ao serviço de um farmacêutico para sanar as eventuais dúvidas.
- C) ignora a possibilidade de as pessoas fazerem uso indevido de medicamentos.
- D) pretende, no Dia do Farmacêutico, divulgar para a população os prejuízos à saúde decorrentes do uso de medicamentos sem a orientação de um farmacêutico.
- E) faz uma crítica ao uso de medicamentos prescritos indevidamente por outros profissionais da saúde.

38.(SEFAZ-BA / AUDITOR FISCAL / 2019)

Uma mudança ocorrida no último meio século foi o aparecimento do museu que constitui, por si só, uma grande atração cultural, independentemente do conteúdo a ser exibido em seu interior. Esses edifícios espetaculares e em geral arrojados vêm sendo construídos por arquitetos de estima universal e se destinam a criar grandes polos globais de atração cultural em centros em tudo o mais periféricos e pouco atrativos. O que acontece dentro desses museus é irrelevante ou secundário. Um exemplo disso ocorreu na cidade de Bilbao. Em tudo o mais praticamente inexpressiva, nos anos 1990 ela transformou-se num polo turístico global graças ao Museu Guggenheim, do arquiteto Frank Gehry. A arte visual contemporânea, desde o esgotamento do modernismo nos anos 1950, considera adequados e agradáveis para exposições esses espaços que exageram a própria importância e são funcionalmente incertos. Não obstante, coleções de

grande significado para a humanidade, expostas, por exemplo, no Museu do Prado, ainda não precisam recorrer a ambientes de acrobacia arquitetônica.

(Adaptado de: HOBBSAWM, Eric. Tempos fraturados: Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, edição digital)

Considere as afirmativas abaixo a respeito do texto.

I. O autor aponta para o surgimento de museus cujo acervo é menos relevante para o visitante do que a grandeza arquitetônica de seu edifício e questiona a eficácia de tais ambientes para a exibição de obras de arte.

II. Infere-se do texto que o Museu Guggenheim é responsável por transformar a cidade de Bilbao, anteriormente desprovida de atributos culturais, em um polo turístico.

III. Para o autor, as obras apresentadas no Museu do Prado ganham maior destaque devido ao fato de este museu não constituir um exemplo do que classifica como “ambiente de acrobacia arquitetônica”.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) I e II.

(B) II e III.

(C) I e III.

(D) II.

(E) I.

39.(SEFAZ-BA / AUDITOR FISCAL / 2019)

A ciência moderna e a economia de mercado figuram entre as mais notáveis realizações humanas. A Revolução Científica do século XVII e a Revolução Industrial do século XVIII foram apenas o prelúdio do que viria em seguida – a revolução permanente dos últimos três séculos. Ciência e mercado são apostas na liberdade: liberdade balizada por padrões impessoais de argumentação e validação de teorias no primeiro caso; e por regras que fixam os marcos dentro dos quais a busca do ganho econômico por parte das pessoas é livre, no segundo. Por mais brilhantes, entretanto, que sejam suas inegáveis conquistas, é preciso ter uma visão clara do que podemos esperar que façam por nós: a ciência jamais aplacará a nossa fome de sentido, e o mercado nada nos diz sobre a ética – como usar a nossa liberdade e o que fazer de nossas vidas.

O sistema de mercado – baseado na propriedade privada, nas trocas voluntárias e na formação de preços por meio de um processo competitivo reconhecidamente imperfeito – define um conjunto de regras de convivência na vida prática. A regra de ouro do mercado estabelece que a recompensa material dos seus participantes corresponderá ao valor monetário que os demais estiverem dispostos a atribuir ao resultado de suas atividades: a remuneração de cada um, portanto, não depende da intensidade dos seus desejos de consumo, do civismo de suas ações, do seu mérito moral ou estético. Dependerá tão somente da disposição dos consumidores em pagar, com parte do ganho do seu próprio trabalho, para ter acesso aos bens e serviços que o outro oferece. Mas o mercado não decide, em nome dos que nele atuam, os resultados finais da interação. Assim como a gramática não determina o teor das mensagens, mas



apenas as regras das trocas verbais, também o mercado não estabelece de antemão o que será feito e escolhido pelos que dele participam.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, edição digital)

Infere-se corretamente do texto:

- (A) Apesar de se autorregular, o mercado oferece recompensas materiais desiguais aos participantes do sistema, atreladas, proporcionalmente, à dedicação do indivíduo àquilo que é do interesse da coletividade.
- (B) Ao estabelecer uma comparação entre as conquistas capazes de melhorar as condições da vida humana nos últimos séculos, o autor conclui que os benefícios da economia de mercado são inferiores aos alcançados pela Revolução Industrial do século XVIII.
- (C) Como ciência e mercado estão interligados, a primeira sofre restrições em sua liberdade de ação, uma vez que só se validam teorias que atendam aos interesses do mercado, o qual, por sua vez, visa ao lucro mesmo em detrimento do desenvolvimento científico.
- (D) As conquistas alcançadas pelo sistema de mercado, no qual se estabelecem os preços de um produto por meio de um processo competitivo, são limitadas, na medida em que as relações de troca não estão atreladas a escolhas éticas nem nos ensinam de que modo usar nossa liberdade.
- (E) Uma vez que se trata de um sistema meritocrático, o sistema de mercado beneficia os indivíduos mais dedicados e munidos de maior motivação pessoal, cujo grande desejo de consumo faz com que procurem superar suas dificuldades.

40. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

A chave do tamanho

O antes de nascer e o depois de morrer: duas eternidades no espaço infinito circunscrevem o nosso breve espasmo de vida. A imensidão do universo visível com suas centenas de bilhões de estrelas costuma provocar um misto de assombro, reverência e opressão nas pessoas. “O silêncio eterno desses espaços infinitos me abate de terror”, afligia-se o pensador francês Pascal. Mas será esse necessariamente o caso?

O filósofo e economista inglês Frank Ramsey responde à questão com lucidez e bom humor: “Discordo de alguns amigos que atribuem grande importância ao tamanho físico do universo. Não me sinto absolutamente humilde diante da vastidão do espaço. As estrelas podem ser grandes, mas não pensam nem amam – qualidades que impressionam bem mais do que o tamanho. Não acho vantajoso pesar quase cento e vinte quilos”.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações? Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 35)

Ao longo do texto, o autor sustenta a ideia de que a infinitude

- (A) do universo acalenta nossa confiança na infinitude da espécie humana.



- (B) dos espaços cósmicos refreia o nosso anseio de imortalidade.
- (C) do tempo universal impede-nos de usufruir o tempo de nossa finitude.
- (D) dos espaços ou do tempo não garante a vantagem de uma suposta imortalidade.
- (E) das coisas nunca representou alguma restrição à nossa sensação de liberdade.

41. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

As ideias de Pascal e as de Frank Ramsey referidas no texto

- (A) convergem para o ponto comum de fazer temer a enormidade dos enigmas que nos cercam.
- (B) divergem frontalmente quanto às percepções que têm diante da vastidão ou infinitude do universo.
- (C) divergem quanto à infinitude do universo, mas convergem quanto ao temor que sentimos diante da morte.
- (D) são complementares, uma vez que a convicção de um pensador dá força à convicção do outro.
- (E) são de todo independentes, pois não tratam de qualquer tema que estabeleça contato entre elas.

42. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

Imigrações no Rio Grande do Sul

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Portugueses oriundos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões.

A partir da década de vinte do século XIX, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

(Adaptado de: projetoriograndetche.weebly.com/imigraccedilatildeo-no-rs.html)

Os primeiros imigrantes alemães a se estabelecerem no Rio Grande do Sul



- (A) constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.
- (B) promoveram a ocupação, com apoio governamental, de uma ampla região destinada ao estabelecimento das Missões.
- (C) foram assentados em glebas onde já com eficácia se cultivavam produtos que concorriam com os importados.
- (D) alteraram a qualidade e a quantidade dos produtos artesanais locais, o que se refletiu na economia da região.
- (E) representaram o ingresso no mercado de trabalhadores qualificados que modernizaram a produção industrial.

43. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019) Utilize o texto da questão anterior.

Com a sucessão de levas de imigrantes, verificaram-se as seguintes consequências no Rio Grande do Sul:

- (A) interdição do trabalho escravo e consolidação das classes dominantes.
- (B) diversificação do artesanato e valorização do folclore nacional.
- (C) consolidação das estâncias tradicionais e minimização das charqueadas.
- (D) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média.
- (E) alternância no comando político e expansão das propriedades rurais.

44. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019) Utilize o texto da questão 40.

O último parágrafo do texto enfatiza

- (A) a progressiva e positiva transformação socioeconômica que as levas de imigrantes trouxeram ao estado rio-grandense.
- (B) o impulso rapidamente imposto ao ritmo até então tímido da produção nas pequenas propriedades gaúchas.
- (C) a pressão das camadas emergentes dos trabalhadores sobre a gestão política dos proprietários tradicionais.
- (D) a substituição dos modos de produção local pelas técnicas artesanais há muito consagradas em outras terras.
- (E) a importância da imigração alemã no deslocamento da economia rural para a do mercado financeiro.

45. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

[Retratos fiéis]

Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de quarenta e três graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos seus



pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.

Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o invejável dom da pintura, eu seria um pintor lírico (o adjetivo não é bem apropriado, mas vai esse mesmo enquanto não ocorrer outro). Quero dizer, o modelo serviria tão só do ponto de partida. O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia e poder de imaginação.

(Adaptado de: QUINTANA, Mário. Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979, p. 88)

No primeiro parágrafo, o autor do texto exprime sua convicção de que a

- (A) pintura, sendo mais criativa que a fotografia, desfruta de melhores condições para ser de fato uma arte.
- (B) fotografia, ainda que seja uma técnica capaz de objetividade, não distingue os detalhes que uma pintura pode realçar.
- (C) fotografia, em sua propriedade de retratar tudo objetivamente, alcança mais precisão do que qualquer pintura.
- (D) pintura, em seu afã de retratar tudo objetivamente, acaba por relevar detalhes que a própria fotografia não exprime.
- (E) pintura, quando descarta sua obsessão em retratar tudo com o máximo de detalhes, aproxima-se mais da arte da fotografia.

46. (BANRISUL / ESCRITURÁRIO / 2019)

Demonstra-se boa compreensão de um segmento do texto no seguinte caso:

- (A) Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o (...) dom = caso Deus tivesse compensado minhas falhas agraciando-me com o talento
- (B) o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos = o fotógrafo mesmo, que não poupa detalhes, perde-se ao contar minúcias
- (C) com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade = com cuja materialidade nem mesmo sendo objetivos havemos de tratar
- (D) Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas = Não vejo razão para renunciarmos à objetividade quando desenhamos
- (E) O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia = O que sobrasse eu dispensaria para poder fazer jus ao meu critério de artista

47. (TRT 15º REGIÃO / TÉCNICO / 2018)

Você concorda com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”? Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições.

Mantendo-se a correção e, em linhas gerais, o sentido, as frases acima encontram-se transpostas para o discurso indireto em



- a) À pergunta: – Você concorda com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”? responde a entrevistada: – Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições.
- b) Questionada se concordava com Edward O. Wilson sobre a natureza humana ser um conjunto de predisposições genéticas, a entrevistada respondeu que acreditava na existência de tais predisposições, que, todavia, na grande maioria dos casos não seriam mais do que isso.
- c) À pergunta de, se concordaria com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”, respondeu a entrevistada que acreditaria que predisposições genéticas existissem, mas que, na grande maioria dos casos, não passariam disso.
- d) Em resposta à pergunta sobre sua concordância com Edward O. Wilson – que teria dito que a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas – a entrevistada respondeu: “Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições”.
- e) Ao ser perguntada se concordava com Edward O. Wilson, a respeito de que a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas, a entrevistada responde que, na maioria dos casos, acreditava em tais predisposições, mas que não passariam de serem predisposições.

48. (TRT 24ª REGIÃO / TÉCNICO JUDICIÁRIO / 2017)

Aspectos Culturais de Mato Grosso do Sul

A cultura de Mato Grosso do Sul é o conjunto de manifestações artístico-culturais desenvolvidas pela população sul-mato-grossense muito influenciada pela cultura paraguaia. Essa cultura estadual retrata, também, uma mistura de várias outras contribuições das muitas migrações ocorridas em seu território.

O artesanato, uma das mais ricas expressões culturais de um povo, no Mato Grosso do Sul, evidencia crenças, hábitos, tradições e demais referências culturais do Estado. É produzido com matérias primas da própria região e manifesta a criatividade e a identidade do povo sul-mato-grossense por meio de trabalhos em madeira, cerâmica, fibras, osso, chifre, sementes, etc.

As peças em geral trazem à tona temas referentes ao Pantanal e às populações indígenas, são feitas nas cores da paisagem regional e, além da fauna e da flora, podem retratar tipos humanos e costumes da região.

Depreende-se corretamente do texto que a cultura de Mato Grosso do Sul é

- a) formada principalmente pela influência da cultura de vários povos migrantes e também pela influência secundária da cultura paraguaia.
- b) formada não apenas pela influência da cultura paraguaia, mas também pela influência da cultura dos povos que migraram para essa região.
- c) muito influenciada pela cultura paraguaia, mas também o é pela cultura de povos de outros países sul-americanos.
- d) fortemente influenciada pela cultura de nações sul-americanas, mas o é também pela cultura de povos de outras regiões do Brasil.



e) reflexo de uma forte influência da cultura paraguaia, e a cultura de outras regiões não a influenciou de forma relevante.

49. (TRT 24ª REGIÃO / TÉCNICO JUDICIÁRIO / 2017)

Instituições financeiras reconhecem que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira

Os bancos e as empresas que efetuam pagamentos têm dificuldades de controlar as fraudes financeiras on-line no atual cenário tecnológico conectado e complexo. Mais de um terço (38%) das organizações reconhece que é cada vez mais difícil detectar se uma transação é fraudulenta ou verdadeira, revela pesquisa realizada por instituições renomadas.

O estudo revela que o índice de fraudes on-line acompanha o aumento do número de transações on-line, e 50% das organizações de serviços financeiros pesquisadas acreditam que há um crescimento das fraudes financeiras eletrônicas. Esse avanço, juntamente com o crescimento massivo dos pagamentos eletrônicos combinado aos novos avanços tecnológicos e às mudanças nas demandas corporativas, tem forçado, nos últimos anos, muitas delas a melhorar a eficiência de seus processos de negócios.

De acordo com os resultados, cerca de metade das organizações que atuam no campo de pagamentos eletrônicos usa soluções não especializadas que, segundo as estatísticas, não são confiáveis contra fraude e apresentam uma grande porcentagem de falsos positivos. O uso incorreto dos sistemas de segurança também pode acarretar o bloqueio de transações. Também vale notar que o desvio de pagamentos pode causar perda de clientes e, em última instância, uma redução nos lucros.

Conclui-se que a fraude não é o único obstáculo a ser superado: as instituições financeiras precisam também reduzir o número de alarmes falsos em seus sistemas a fim de fornecer o melhor atendimento possível ao cliente.

Infere-se corretamente do texto que

- a) está cada vez mais fácil, no atual cenário tecnológico, verificar se uma transação on-line é falsa ou verdadeira.
- b) bem mais da metade das organizações atuantes no campo de pagamentos eletrônicos usa soluções não especializadas.
- c) as instituições financeiras precisam acabar não só com as fraudes no sistema on-line, mas também com os alarmes falsos.
- d) o único obstáculo a ser superado ainda pelas instituições financeiras, no atual cenário tecnológico, são os alarmes falsos
- e) o uso de sistemas de segurança especializados pode provocar o bloqueio de transações, mas sem perda da clientela.

50. (TRT 6ª REGIÃO / ANALISTA JUDICIÁRIO / 2018)

A arte requer “explicação”?



Aqui e ali, quem frequenta bienais, salões de arte ou exposições de artes plásticas encontrará de repente não um quadro, uma escultura ou algum objeto de significação histórica, mas uma instalação – nome que se dá, segundo o dicionário Houaiss, a “alguma obra de arte que consiste em construção ou empilhamento de materiais, permanente ou temporário, em que o espectador pode participar, manipulando-a, ou, sendo, às vezes, de tamanho tão grande, que o espectador pode nela entrar”. Trata-se, em outras palavras, de materiais organizados num espaço físico de modo a constituírem uma obra de arte.

Ocorre, porém, com grande parte das instalações, um fenômeno curioso: com muita frequência o criador é convidado a explicar – e o faz com linguagem muito sofisticada – o sentido profundo que pretendeu dar àquele conjunto de materiais, àquela instalação que ele concebeu. Para o público, restará a impressão final de que os materiais eram, em si mesmos, insuficientes para significarem alguma coisa: precisavam da explicação de quem os utilizou.

As verdadeiras obras de arte se impõem por si mesmas, independentemente de qualquer explicação prévia ou justificativa final. O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme para explicar seu sentido junto ao público. Certamente haverá oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística que atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer; mas nada será mais forte do que a mobilização emocional e intelectual que a obra já despertou em nós, no primeiro contato.

(Aristeu Valverde, inédito)

A pergunta que constitui o título do texto encontra sua resposta, conforme se posiciona o autor, no seguinte segmento:

- (A) materiais organizados num espaço físico de modo a constituírem uma obra de arte (1º parágrafo).
- (B) os materiais eram, em si mesmos, insuficientes para significarem alguma coisa (2º parágrafo).
- (C) O grande músico, o grande escritor, o grande cineasta não precisam interpor-se entre a sonata, o romance ou o filme (3º parágrafo).
- (D) oportunidade para todos refletirmos sobre o sentido dinâmico de uma obra artística (3º parágrafo).
- (E) atingiu o nosso interesse e provocou o nosso prazer (3º parágrafo).

51. (TRT 6ª REGIÃO / ANALISTA JUDICIÁRIO / 2018) Utilize o texto da questão anterior.

Da posição assumida pelo autor do texto em relação às instalações e às obras de arte em geral, deduz-se sua convicção de que as obras de arte

- (A) não favorecem debates ou reflexões, em vista da autossuficiência do sentido que exprimem de modo direto.
- (B) devem ser esclarecidas por aquele que lhes emprestou determinado sentido, ao criá-las com função estética.
- (C) desvendam-se por si mesmas, a menos que seu autor seja capaz de nos mostrar que seu sentido explica-se conforme sua intenção.



(D) valem-se de uma força já presente em sua linguagem, o que não impede que venhamos a refletir e ponderar sobre elas.

(E) dispensam qualquer explicação quando não se propõem a ser grandiosas, preferindo tirar partido de sua simplicidade.

52. (ISS SÃO LUIZ / AUD. FISCAL DE TRIBUTOS / 2018)

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica. A história da vida privada é, em primeiro lugar, a história de sua definição: como evoluiu sua distinção na sociedade francesa do século XX? Como o domínio da vida privada variou em seu conteúdo e abrangência?

A questão é tanto mais importante na medida em que não é certo que seu contorno tenha o mesmo sentido em todos os meios sociais. Para a burguesia da Belle Époque¹, não há nenhuma dúvida: o “muro da vida privada” separa claramente os domínios. Por trás desse muro protetor, a vida privada e a família coincidem com bastante exatidão. Esse domínio abrange as fortunas, a saúde, os costumes, a religião: se os pais que querem casar os filhos consultam o notário ou o pároco para “tomar informações” sobre a família de um eventual pretendente, é porque a família oculta cuidadosamente ao público o tio fracassado, o irmão de costumes dissolutos e o montante das rendas. E Jaurès², respondendo a um deputado socialista que lhe censurava a comunhão solene da filha: “Meu caro colega, você sem dúvida faz o que quer de sua mulher, eu não”, marcava com grande precisão a fronteira entre sua existência de político e sua vida privada.

Essa separação era organizada por uma densa teia de prescrições. A baronesa Staffe³, por exemplo, cita: “Quanto menos relações mantemos com a vizinhança, mais merecemos a estima e consideração dos que nos cercam”, “não devemos falar de assuntos íntimos com os parentes ou amigos que viajam conosco na presença de desconhecidos”. O apartamento ou a casa burguesa, aliás, se caracterizam por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. O lugar da família propriamente dita não é o salão: as crianças não entram no aposento quando há visitas e, como explica a baronesa, as fotos de família ficariam deslocadas nesse recinto. Ademais, as salas de visitas não são abertas a todos. Se toda dama da boa sociedade tem seu “dia” de receber – em 1907, são 178 em Nevers⁴ –, a visita à esposa de um figurão supõe uma apresentação prévia. As salas de recepção estabelecem, portanto, um espaço de transição para a vida privada propriamente dita.

(Adaptado de: PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs.). História da vida privada 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 14 e 15.)

Obs.:

1 Período de cultura cosmopolita na história da Europa que vai de fins do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

2 Jean Léon Jaurès (1859-1914): político socialista francês.

3 Pseudônimo de Blanche-Augustine-Angèle Soyer (1843-1911), autora francesa, célebre em seu tempo pela obra *Uso do mundo*, sobre como saber viver na sociedade moderna.

4 Região da França, ao sul-sudeste

O texto legitima a seguinte inferência:



- (A) A reflexão sobre a vida privada tem como contraponto obrigatório a reflexão sobre a vida pública, esta cujos contornos não conhecem flexibilidade.
- (B) Sociedades de distintos países constroem sua compreensão de como devem ser preservadas as atividades privadas em subordinação ao regime político que historicamente adotam.
- (C) A burguesia da Belle Époque exemplifica uma específica visão de vida privada e vida pública, tida como padrão a ser adotado porque o grupo francês não conheceu nenhuma dúvida na delimitação dessas esferas.
- (D) Situações que envolvem questões do indivíduo na relação direta com seus familiares delimitam com precisão a vida privada, conceito este de força indiscutível, por ter valor universal.
- (E) Se, na Belle Époque, as condições de vida de meios sociais como os camponeses, operários ou camadas mais baixas das cidades não lhes permitiam abrigar de olhares estranhos uma parte de sua vida, o sentido de “privada” era, para eles, distinto daquele que os burgueses conheciam.

GABARITO

1.	LETRA D
2.	LETRA B
3.	INCORRETA
4.	LETRA D
5.	LETRA B
6.	LETRA C
7.	LETRA A
8.	LETRA A
9.	CORRETA
10.	CORRETA
11.	LETRA A
12.	LETRA C
13.	LETRA C
14.	LETRA A
15.	LETRA E
16.	LETRA C
17.	LETRA D
18.	LETRA D

19.	LETRA A
20.	LETRA D
21.	LETRA D
22.	LETRA B
23.	LETRA E
24.	LETRA C
25.	LETRA E
26.	CORRETA
27.	INCORRETA
28.	INCORRETA
29.	LETRA E
30.	INCORRETA
31.	CORRETA
32.	LETRA E
33.	LETRA D
34.	LETRA E
35.	LETRA A
36.	LETRA A
37.	LETRA A

38.	LETRA A
39.	LETRA D
40.	LETRA D
41.	LETRA B
42.	LETRA A
43.	LETRA D
44.	LETRA A
45.	LETRA C
46.	LETRA A
47.	LETRA B
48.	LETRA B
49.	LETRA C
50.	LETRA C
51.	LETRA D
52.	LETRA E



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.